

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

**A FÁBULA COMO UM ELEMENTO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO
LEITORA E NA PRODUÇÃO ESCRITA DE EDUCANDOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Erika Romana Lacerda Barbosa da Silva

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**A FÁBULA COMO UM ELEMENTO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO
LEITORA E NA PRODUÇÃO ESCRITA DE EDUCANDOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

ERIKA ROMANA LACERDA BARBOSA DA SILVA

Sob a Orientação do Professor
Mário César Newman de Queiroz

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Curso de Pós-Graduação em Letras. Área de concentração em Linguagens e Letramentos. Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS

Seropédica, RJ
Setembro de 2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586f Silva, Erika Romana Lacerda Barbosa da, 1979-
A fábula como um elemento didático na formação
leitora e na produção escrita de educandos do Ensino
Fundamental: uma proposta de intervenção / Erika
Romana Lacerda Barbosa da Silva. - Rio de Janeiro,
2020.
167 f.: il.

Orientador: Mário César Newman de Queiroz.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Pós-Graduação, 2020.

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Fábula. 4. Moral,. 5.
Letramento. I. Queiroz, Mário César Newman de, 1963-
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Pós-Graduação III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ERIKA ROMANA LACERDA BARBOSA DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 02/09/2020.

BANCA EXAMINADORA

Mário César Newman de Queiroz (Dr.) UFRRJ
(Orientador)

Maria do Rosário da Silva Roxo (Dr^a) UFRRJ

José Mario Botelho (Dr.) UERJ

DEDICATÓRIA

Aos meus amores do Céu e da Terra

AGRADECIMENTO

Meus sinceros agradecimentos:

A Deus e à mãe de Deus por não me abandonarem em nenhum dia da minha vida.

Aos meus amores, esposo Otacilio e filho José Otacílio, por me esperarem.

A todos os meus alunos participantes desse projeto e da minha vida.

Ao Professor Dr. Mário César Newman de Queiroz por acolher minha proposta de pesquisa e por manter nela o olhar sobre as interferências dos diversos tipos de violência no ensino e na aprendizagem dos meus alunos.

À Professora Dra. Maria do Rosário da Silva Roxo por identificar, na Qualificação, a necessidade de modalização do meu discurso.

Ao Professor Dr. José Mário Botelho por ter aceitado o convite para participar da minha banca, por todos os apontamentos feitos em meu trabalho na Qualificação, para que ele ganhasse o formato e o volume que apresenta hoje e por ter contribuído ativamente para meu aprimoramento acadêmico, desde a graduação, passando pela Pós-Graduação *Lato Sensu*, até chegar à defesa do meu Mestrado. Gratidão eterna!

A cada colega de caminhada que lutou e ainda lutará comigo por uma educação pública de qualidade.

Ao Programa PROFLETRAS pela oportunidade de voltar a estudar e de mudar minha didática.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

RESUMO

SILVA, Erika Romana Lacerda Barbosa da. **A fábula como um elemento didático na formação leitora e na produção escrita de educandos do Ensino Fundamental: uma proposta de intervenção**. 2020. 167p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

O presente trabalho desenvolveu uma proposta de intervenção didática, com objetivo de aumentar a qualidade da leitura e da escrita de educandos do Ensino Fundamental, a partir da concepção de ensino–aprendizagem sociointeracionista. O gênero discursivo, escolhido como elemento facilitador para a execução deste trabalho, foi a fábula, pois ela é narrativa, objetiva, concisa, alegórica e traz, em si, o elemento moral muito importante para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos educandos, sobretudo, para os que vivem em uma região constantemente atingida por diversos tipos de violência. Este trabalho, portanto, investe em uma diferenciada sequência didática, voltada para educandos do Ensino Fundamental, especialmente para os do 7º ano.

Palavras-chave: leitura, escrita, fábula, moral, letramento.

ABSTRACT

SILVA, Erika Romana Lacerda Barbosa da. **The fable as a didactic element in reading training and in the written production of elementary school students: one intervention proposal.** 2020. 167p. Dissertation (Professional Master of Letters - PROFLETRAS). Institute of Human and Social Sciences, Rural Federal University of Rio de Janeiro - UFRRJ, Seropédica, RJ, 2020.

This research develop a didactic intervention proposal, with the objective of increasing the quality of reading and writing of elementary school students, based on the concept of sociointeractionist teaching-learning. The discursive genre, chosen as a facilitating element for the execution of this work, was the fable, because it is narrative, concise, allegorical objective and brings, in itself, the very important moral element for the development of students' critical-reflective thinking, especially, for those who live in a region constantly affected by different types of violence. This paper, therefore, invests in a different didactic sequence aimed at elementary school students, especially for 7th grade students

Keywords: reading, writing, fable, moral, literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS	13
1.1 – A leitura e a escritura na perspectiva do letramento.....	13
1.1.1 – O multiletramento: esclarecendo a sua conceituação.....	15
1.1.2 – Os gêneros discursivos e as práticas de multiletramento.....	17
1.2 - A fábula: origem, conceito e desenvolvimento.....	18
1.3 - Cultura escrita.....	22
2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	24
2.1 – Os procedimentos metodológicos.....	24
2.1.1 – O pré-teste.....	24
2.1.2 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	24
2.1.3 – O ambiente: caracterização e reflexão acerca de sua atuação como um elemento desfavorável ao processo de ensino–aprendizagem.....	25
3. PROPOSTA DE ATIVIDADE	34
3.1 – Sequência didática.....	34
3.1.2 – O instrumento de testagem e sua aplicação.....	37
3.1.3 – Atividades	37
3.2 – Material para a Análise.....	42
3.3 – Análise de dados.....	46
4. A IMPORTÂNCIA DA FÁBULA NO PROCESSO DE ENSINO–APRENDIZAGEM: UM ELEMENTO FACILITADOR	95
4.1 – A importância dos animais nas fábulas selecionadas para as atividades propostas.....	98
4.2 – O aspecto moral: uma hipótese.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	110
A - Mapa do CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues.....	110
B - Texto da declaração universal dos direitos humanos.....	111
C - Fábulas citadas.....	114
D - Propostas de atividade.....	118
E - Questionário guia para revisão.....	130
F - Discurso proferido pela aluna participante do projeto: gravação.....	131
G - <i>Fábulas do século 21: A singularidade do olhar infantojuvenil (relato da culminância do projeto)</i>	133
H - Imagem dos textos com marcações.....	135
I - Questionário diagnóstico.....	136
J - Versão diagnóstica e versão fabular final, respectivamente.....	138

INTRODUÇÃO

O objetivo de aumentar a qualidade da leitura e da escrita de educandos de todos os níveis de escolaridade sempre esteve presente nas propostas educacionais da Educação Básica brasileira, todavia, esse objetivo pode tornar-se um desafio, caso haja algum obstáculo que interfira, direta ou indiretamente, no processo pedagógico de ensino–aprendizagem, que ocorre dentro e fora do ambiente escolar, fazendo com que diferenciadas propostas didáticas sejam criadas para corrigir possíveis distorções na qualidade do ensino, assim como propõe esta pesquisa acadêmica.

Diante de um cenário social atingido por múltiplas formas de violência decorrentes da ausência de políticas públicas seriamente comprometidas com a vida da população da Baixada Fluminense, muitos educandos, sobretudo, os que estudam no CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues, apresentam-se em situação de vulnerabilidade social. Como resposta à realidade peculiar em que se encontram esses educandos, faz-se necessário repensar as estratégias educacionais anteriormente adotadas, a fim de que ocorra uma interferência qualitativa no ensino educacional deles. Propõe-se, portanto, investir em ações que os ajudem a exercer seu papel de cidadão, através da leitura e da escrita e de um posicionamento crítico em relação à sociedade em que vivem.

O trabalho desenvolvido, nesta pesquisa acadêmica, a partir de uma perspectiva dialógica sociointeracionista entre professor e educandos, propõe aumentar a qualidade das produções leitoras e escritas dos educandos do 7º ano do Ensino Fundamental, do CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues, por meio do incentivo à leitura e à escrita, da conscientização do uso da leitura e da escrita a partir do importante papel social que elas desempenham, além de estimular o pensamento crítico-reflexivo sobre a própria vida, sobre a própria presença e sua importância no tecido social e sobre sua relação com o outro, frente a temas ligados aos valores universais humanos presentes no gênero discursivo fábula.

A fábula torna-se, portanto, um elemento didático e facilitador para o desenvolvimento deste trabalho, porque apresenta características ímpares que coadunam com os propósitos que se propõem alcançar: o desenvolvimento qualitativo da leitura e da escrita em face à reflexão dos valores que permeiam as relações sociais dos estudantes envolvidos neste projeto.

Assim, por meio da concisão, alegoria, objetividade e narratividade fabulares, pretende-se que os educandos leiam diversas fábulas consagradas e produzam uma fábula autoral. Deseja-se também que esses mesmos educandos tornem-se leitores e escritores de si mesmos, de sua própria potencialidade, entendendo que são capazes de muitas coisas, inclusive de

escolhas ao perceberem, com o auxílio do elemento moral intrínseco à fábula, que é possível trilhar outros caminhos ao se tornarem escritores e leitores autênticos do mundo, de livros e de si mesmos, e, com isso, pretende-se ainda demonstrar a influência do meio social em que vivem na escolha das abordagens morais, que estarão presentes em suas fábulas.

A fundamentação teórica, que respalda este trabalho, apresenta-se em cinco principais pilares e, por conseguinte, a partir de seus expoentes pesquisadores nacionais e internacionais, a saber: a importância e o uso social da leitura e da escrita em uma sociedade que privilegia a Cultura Escrita, por Soares (2017; 2018), Antunes (2003), Rojo (2009; 2012; 2015), Koch e Elias (2017; 2018); a conceituação e abordagem do gênero discursivo nas práticas multiletradas por Bakhtin (2016) e Marcuschi (2008; 2010); definição, desenvolvimento e características da fábula por Dezotti (2018), Portela (1983) e Botelho (2007; 2012); a conceituação e explicação da moral (virtudes morais), por Aristóteles (2001); a pesquisa-ação por Thiollent (1985); e a estruturação da sequência didática por Schneuwly e Dolz (2004); entre tantos outros autores acadêmicos.

Esta pesquisa, por sua vez, estrutura-se em oito capítulos com suas pertinentes subdivisões. Dessa forma, o primeiro capítulo, intitulado **Aspectos teórico-conceituais**, responsabiliza-se por demonstrar a fundamentação teórica que alicerça este trabalho; o capítulo 2, denominado **Metodologia de investigação**, encarrega-se de apresentar os sujeitos e o ambiente da pesquisa; o capítulo 3, identificado por **Proposta de atividade**, responsabiliza-se por apresentar a sequência didática utilizada e a análise das produções fabulares dos educandos participantes deste projeto; o capítulo 4, identificado por **A importância da fábula no processo ensino-aprendizagem: um elemento facilitador**, aborda as presenças da moral e do animal, enquanto elementos relevantes; as **Considerações finais** resumem os resultados obtidos com o trabalho de leitura e de escrita executado pelos educandos em conjunto com o professor; as **Referências bibliográficas** são responsáveis por discriminarem todas as obras pesquisadas e que se fazem presentes no interior deste trabalho, com o objetivo de reforçar o uso social da língua e da escrita através do gênero discursivo fábula; e, por fim, os **Anexos** com as fábulas consagradas, exercícios, o discurso da aluna participante do projeto, relato da culminância do Projeto Fábulas com a apresentação do livro *“Fábulas do século XXI: a singularidade do olhar infantojuvenil”* para a comunidade escolar, mapas e as fábulas autorais dos educandos nas versões diagnóstica e final.

Embora haja o risco de que, ao final desta pesquisa de ensino-aprendizagem, ancorada nas interações dialógicas entre educandos e professor, não ocorra o resultado positivo

esperado, por conta de interferências diretas e indiretas de situações contrárias à educação, como por exemplo, a violência do entorno escolar, pretende-se, contudo, respeitando o grau de conhecimento atingido pelos educandos, que eles sejam capazes de produzir um texto narrativo, no formato de fábula, e de demonstrar, além de seus conhecimentos linguísticos e gramaticais, sua visão crítica do mundo através dos valores humanos condensados em uma máxima moral.

1. ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Neste primeiro capítulo, serão apresentados os pilares desta pesquisa acadêmica, ou seja, os embasamentos teóricos responsáveis por justificar as abordagens dos subitens a seguir.

1.1 – A leitura e a escrita na perspectiva do letramento

A leitura e a escrita, enquanto habilidades altamente requeridas por uma sociedade grafocêntrica, serão apresentadas, neste trabalho, a partir de seu aspecto sociointeracionista alicerçado na perspectiva do letramento.

Por leitura, entende-se a habilidade que não se detém no ato de decifrar letras e de “relacionar símbolos escritos a unidades de sons” (Cf. SOARES, 2017, p. 69), mas a habilidade de criar e renovar sentidos, através da interação com o outro, da leitura de mundo e da leitura de si mesmo, ou seja, a leitura que ultrapassa o código ao extrapolar os limites do texto.

Ler é, portanto, “um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo” (Cf. MARCUSCHI, 2010, p. 207), pois a ação do outro sobre o texto faz com que este seja modificado a cada nova leitura, através de experiências pessoais, sociais, políticas, econômicas e diversas outras que o leitor traz consigo e aplica-as ao texto, fazendo com que esse mesmo texto ganhe um novo sentido que não necessariamente fora pensado pelo autor dele.

A pesquisadora Maria Helena Martins (2002) aprofunda o conceito de leitura interacionista, que se constrói na dialogicidade com o outro, consigo mesmo e com próprio texto, ao afirmar que a leitura

(...) vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o *dar sentido a um texto* implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens (MARTINS, 2002, p. 33).

Por sua vez, o conceito de escrita, aqui adotado, afasta-se da definição que o restringe à “habilidade de registrar unidades de som” (Cf. SOARES, 2017, p. 70), mas centra-o nos “usos

sociais da escrita” (Cf. MARCUSCHI, 2008, p. 72). Com isso, todo o processo de planejamento da escrita e sua concretização levam em conta a dialogicidade com o leitor, pois a escrita, compreendida a partir do seu aspecto de foco interacional, conforme apresentam Koch e Elias (2017), torna-se um meio de interação entre o autor e leitor, fazendo com que ocorra a negociação de sentido entre eles dentro e fora do texto, que foi, antes, planejado e produzido pelo escritor para atingir a um determinado objetivo junto a um leitor, que traz suas próprias experiências e olhares diferenciados.

Nessa perspectiva interacionista, a escrita, portanto,

(...) é compreendida em relação à interação escritor-leitor, levando em conta, é verdade, as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo (KOCH; ELIAS, 2017 p. 34).

Além disso, a escrita, situada em uso, leva em conta diversos fatores, entre eles, o contexto sócio-histórico na construção de sentidos, o tipo de suporte de veiculação do texto, a intersubjetividade entre os interlocutores, conhecimentos sociocognitivos, porque “a escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas” (Cf. ANTUNES, 2003, p. 44).

As exigências sociais de leitura e escrita são diversificadas, visto que levam em consideração a cultura e o período histórico em que o usuário está inserido, e possuem variados níveis dentro de um contínuo entre o menor e o maior grau de formalidade; isso, portanto, é o que se entende por letramento.

O termo letramento chegou ao Brasil em 1980, trazido por Mary Kato, e, desta data até os dias atuais, observa-se, assim como Marcuschi, o consenso de que “não há um letramento apenas” (Cf. MARCUSCHI, 2008, p. 72), por isso a definição de letramento que reassegura as ideias desenvolvidas neste trabalho é a de que “o letramento é a habilidade de emprego de todas as possíveis demandas de leitura e escrita por parte dos usuários de um grupo social” (Cf. BOTELHO, 2012, p. 24).

O letramento, além de exigir habilidades de leitura e de escrita dentro de práticas sociais, requer, gradativamente, dos indivíduos interactantes, uma maior autonomia e uma maior criticidade que busca “interpretar os contextos sociais e culturais” (Cf. ROJO; MOURA, 2012, p. 30), quanto ao uso da leitura e da escrita por meio dos diversos gêneros e diferentes suportes encontrados na sociedade.

De acordo com o pensamento de Soares (2018), conclui-se que o letramento para os indivíduos sociais é um dos meios para o exercício pleno da cidadania em uma sociedade grafocêntrica, e que, o seu contrário, é meio de promoção de exclusão social.

É parte integrante e principal do acesso ao mundo da escrita, mesmo do acesso inicial a esse mundo, o aprender a fazer uso da leitura e da escrita: compreender o que é lido e escrever de forma que os outros compreendam o que se escreve; conhecer diferentes gêneros e diferentes portadores de textos e fazer uso deles, para ler e para escrever; participar adequadamente dos eventos de várias naturezas de que fazem parte a leitura ou a escrita. Em síntese, construir familiaridade com o mundo da escrita, adquirir competências básicas de uso da leitura e da escrita, desenvolver atitudes positivas em relação à importância e valor da escrita, na vida social e individual (SOARES, 2018, p.140).

1.1.1 – O multiletramento: esclarecendo a sua conceituação

Dentro de uma sociedade que privilegia a prática social da leitura e da escrita, e que não produz nenhum texto e enunciado com característica “unimodal” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 108), há a exigência de que indivíduos interactantes demonstrem múltiplas habilidades de leitura e de escrita para atender às demandas de textos e enunciados multimodais. Tais habilidades são explicadas pela teoria do multiletramento.

Em consonância com a conceituação apresentada por Rojo e Moura (2012), entende-se por multiletramento a existência de uma multiplicidade cultural e semiótica dentro de uma sociedade, visto que, assim como afirma Dionísio (2014), “a nossa história de indivíduos multiletrados começa com a nossa inserção neste universo em que o sistema linguístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam as nossas ações sociais” (DIONÍSIO, 2014, p. 41).

A pedagogia do multiletramento foi criada, em meados da década de 90, por um grupo denominado Grupo de Nova Londres (GNL), formado por diversos pesquisadores acadêmicos preocupados em, dentro do espaço escolar, valorizar as múltiplas manifestações linguísticas e culturais “de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico pluralista, ético e democrático” (Cf. ROJO; MOURA, 2012, p. 8), e não somente trabalhar com as manifestações formais e privilegiadas da língua, como até então aconteciam, por isso, afirmam Rojo e Moura (2012), que “para abranger esses dois “multi” – a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e as multimodalidades dos textos por meio dos

quais a multiculturalidade se comunica e informa, o grupo cunhou um termo ou conceito novo: multiletramentos” (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

O multiletramento, portanto, empenha-se na divulgação e valorização das diversas linguagens e culturas, utilizando-se ou não dos novos meios de comunicação, para criar condições à autonomia, ao pensamento crítico e ao pleno desenvolvimento dos indivíduos mediado pelas interações, pois, de acordo com Aguiar (1996), “precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades” (AGUIAR, 1996, p. 30).

O multiletramento é ainda a leitura feita dos diversos letramentos, entendendo que um texto, seja ele qual for, escrito, oral, visual, gráfico, pictórico etc., é multimodal, e exige dos indivíduos sociais diversas leituras que também são influenciadas pelo gênero, pelo suporte e pelo meio de divulgação.

A partir dessa compreensão sobre multiletramento, os documentos oficiais da educação brasileira apontam tanto o letramento quanto o multiletramento como pilares da educação atual. Antunes (2003) reconhece esse esforço da política educacional nacional já a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ao afirmar que “as concepções teóricas subjacentes ao documento privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para plena participação do indivíduo em seu meio social” (ANTUNES, 2003, p. 22).

Dessa forma, os documentos oficiais declaram, a começar pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que “a presença crescente dos meios de comunicação na vida cotidiana coloca, para a sociedade em geral e para a escola em particular, a tarefa de educar crianças e jovens para a recepção dos meios” (PCN, 1998, p. 89); as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (CNE) e, mais recentemente, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) afirmam, consecutivamente,

A escola precisa acolher diferentes saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes óticas, empenhar-se para se constituir, ao mesmo tempo, em um espaço de heterogeneidade e pluralidade, situada na diversidade em movimento, no processo tornado possível por meio de relações intersubjetivas, fundamentada no princípio emancipador (CNE, 2010, p. 22).

Compreender e utilizar tecnologia digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo os escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BNCC, 2017, p.65).

Por fim, o domínio de vários letramentos faz com que os indivíduos construam suas práticas sociais, através do desenvolvimento de suas competências linguísticas, de tal modo que conseguem transitar pelos diversos e diferentes ambientes da sociedade ao compreender e produzir esses textos multimodais e multissemióticos, por isso, em concordância com Dionísio (2014), multiletrar é promover o desenvolvimento cognitivo através das linguagens, porque “as práticas de multiletramentos devem ser entendidas como processos sociais que se interpõem em nossas rotinas diárias” (DIONÍSIO, 2014, p. 41).

1.1.2 – Os gêneros discursivos e as práticas de multiletramento

A comunicação, inerente à relação humana, é social e, por isso, requer a presença do outro para que o enunciado seja produzido, transmitido e recebido. Esse discurso, oral ou escrito, marcado por aspectos contextuais, históricos, culturais, estilísticos, temporais, será sempre construído por meio de um gênero, para que se alcance os propósitos comunicativos, conforme explica Bakhtin (2016):

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo de comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. Em seguida, a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Sob a perspectiva bakhtiniana, gênero é definido a partir de seu caráter social, visto que se apresenta como um modelo discursivo comum aos interactantes em conformidade com a exigência de cada situação comunicativa, possibilitando, aos envolvidos na interação dialógica, identificar e produzir um gênero, pois, segundo o próprio Bakhtin (2016), “falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção de conjunto” (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Os gêneros discursivos, dentro da perspectiva bakhtiniana, constituem-se por três elementos, a saber: a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo, que “estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (BAKHTIN, 2016, p. 12), por conseguinte, são inúmeros e, por serem relativamente estáveis, podem sofrer variações de acordo com a intenção comunicativa, de acordo com o meio de produção e de suporte, de acordo com a

comunidade linguística, de acordo com o núcleo temático, entre outros aspectos, por isso, nas palavras de Koch e Elias (2018), os gêneros

(...) são constituídos de um determinado modo, com uma certa função, em dadas esferas de atuação humana, o que nos possibilita (re)conhecê-los e produzi-los, sempre que necessário. Se não fosse assim, haveria primazia de uma produção individual e individualizante desprovida dos traços de um trabalho construído socialmente, o que dificultaria (e muito) o processo de leitura e compreensão (KOCH; ELIAS, 2018, p. 106).

Os gêneros discursivos são os meios pelos quais os indivíduos sociais participam de efetivas práticas comunicativas, visto que os gêneros “intermedeiam e integram as práticas às atividades de linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 107). Sendo assim, os gêneros enriquecem o discurso, pois influenciam no modo de fazer a leitura, de interpretar, de produzir o texto e, consonante às palavras de Cândido (2012), “a forma permitiu que o conteúdo ganhasse maior significado e ambos juntos aumentaram nossa capacidade de ver e de sentir” (CÂNDIDO, 2012, p. 179).

Por fim, espera-se dos indivíduos a aptidão de reconhecer e de reproduzir os diversos gêneros discursivos, com objetivo de impulsionar o desempenho pessoal dentro das práticas sociais, por isso Bakhtin (2016) afirma que

Quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação (BAKHTIN, 2016, p. 41).

1.2 - A fábula: origem, conceito e desenvolvimento

A fábula, assim como a conhecemos nos dias atuais, trata-se de uma narrativa alegórica breve que, em prosa ou em verso, traz personagens geralmente antropomorfizadas e uma abordagem moral de cunho didático. Sua explicação terminológica e a datação de sua origem são de difíceis definições, no entanto, estudos recentes trazem novas revelações sobre esse gênero discursivo.

De acordo com o acurado trabalho de Dezotti (2018), a fábula “é um modo universal de construção discursiva” (p. 23), pois ela está vinculada a “um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa ficcional” (p. 24). Tais definições amplas e grandiosas coadunam-se para justificar a vitalidade da fábula já a partir do século XVIII a.C., e, conforme afirma

Botelho (2007), a fábula é uma variante dos contos populares que “certamente, constitui uma das primeiras manifestações literárias narrativas de que se tem conhecimento e que precede a escrita” (BOTELHO, 2007, p. 3).

Os segredos da vitalidade e resistência da fábula encontram-se nas suas tão especiais e particulares características. São elas: um texto curto, uma flexibilidade na adaptação a quaisquer formatos textuais e narrativos (anedota, etiologias, narrativas zoológicas, conto maravilhoso, provérbio apolítico, mito), imposição a uma reflexão moral dos costumes individuais, sociais ou universais, além de não se limitar a personagens animais ou a uma história imutável, pelo contrário, permite-se a enxertos e fragmentações ao longo de suas produções orais e escritas.

Por conta da sua brevidade proposital, na fábula, não há espaço para longas descrições e nem para a presença de numerosas personagens, exigidas ao menos duas e de caracterização plana. A indicação temporal, quando há, é vaga, e, na narrativa, apresentam--se situações comuns às interações humanas que, por conseguinte, prevalece o diálogo através do uso do discurso direto, com a justificativa de que a interlocução é a fonte de conflitos.

Sobre a escolha das personagens na fábula, pode-se dizer que protagonizam “seres racionais, deuses e semideuses (do Olimpo, por exemplo), seres místicos (como sereias, unicórnio, etc.), seres inanimados (que ganham vida) e animais que contracenam entre si” (Cf. BOTELHO, 2007, p. 5), mas a preferência por personagens animais justifica-se ao revelar, por analogias, o animalesco que habita o homem, e, além disso, conforme teoriza Sousa (2001),

(...) a ideia de investir os irracionais no papel de representantes (e, às vezes até mestres) dos humanos terá obtido, com o passar do tempo, um sucesso tão completo que praticamente todos os povos a acolheram, por quanto as fábulas protagonizadas por animais aparecem, virtualmente, em todas as literaturas. É que as pessoas facilmente se imaginam retratadas nas personagens simbólicas dessas fábulas. Esse fato reforça a convicção de que, desde os tempos mais longínquos, terão florescido fábulas de animais, as quais se difundiram amplamente em todas as regiões do mundo antigo, inclusive na Grécia (SOUSA, 2001, p. 70).

Em relação à estrutura do texto fabular, observam-se duas partes, a saber: a narração propriamente dita e a lição moral, esteja ela explícita ou implícita no texto, todavia, La Fontaine (2013, p. 151) denomina essas duas partes como Corpo e Alma da fábula, respectivamente, e, em conformidade com o aprofundamento teórico de Portela (1983), entendem-se o corpo “representado pela narrativa que trabalha as imagens e dá forma sensível

às ideias gerais. Alma são exatamente as verdades gerais corporificadas na narrativa” (PORTELA, 1983, p. 121).

A lição moral ou alma pode ser apresentada em duas partes: uma, com a expressão metalinguística introdutória “a fábula mostra”, por exemplo; outra, com a frase-síntese moral (Cf. DEZOTTI, 2018, p. 26), e, a depender do estilo e propósito textual do autor, a posição da lição moral pode variar em *promitio* (antes da fábula), *endomitio* (no meio da fábula) e *epimitio* (no final da fábula), no entanto, a moral é um elemento fabular obrigatório e também traço distintivo em relação a outras formas narrativas.

Ao longo dos séculos, vários autores, anônimos ou não, contribuíram para perpetuação da fábula, cada qual cooperou com seu estilo, com um determinado propósito influenciado pela sociedade e costumes da época, porque

(...) entre as fábulas de um povo e outro, sempre haverá diferenças quanto aos temas e figuras selecionados. Mas essas diferenças são determinadas por fatores culturais. O modo de funcionamento delas, contudo, permite que sejam vistas como representantes de uma mesma prática discursiva (DEZOTTI, 2018, p. 24).

Dentre os autores mais conhecidos, destacam-se Fedro, Bábrio, Aviano e La Fontaine. Eles, em suas obras, reverenciam Esopo, cujos textos atribuídos a ele são considerados “fundadores de uma tipologia textual da fábula no Ocidente” (Cf. DEZOTTI, 2018, p. 18).

De Esopo, há informações de que era escravo, nascido em alguma região da Ásia menor no século VI a.C., esteve presente em um momento histórico de importantes mudanças culturais, políticas e filosóficas de seu tempo e foi morto em Delfos, já como homem livre. Com linguagem objetiva e com caráter pedagógico, as fábulas atribuídas a Esopo foram transmitidas em prosa, cuja estrutura típica apresenta-se com a narrativa e uma máxima moral. Ainda, de acordo com explicações de Dezotti (2018), “importa notar que no período clássico (séculos V-IV a.C.) a popularidade de Esopo já era inegável, sendo seu nome e suas fábulas mencionados com frequência por escritores como Platão e Aristófanes” (DEZOTTI, 2018, p. 36).

Sobre Fedro, introdutor da fábula na literatura romana, há a informação de que era filho de escravos e foi mais tarde alforriado, viveu no século I, sob os impérios de Augusto, Tibério e Cláudio. Sua obra baseia-se nas fábulas de Esopo e foram escritas com objetivos de entreter e aconselhar “em versos senários jâmbicos” (DEZOTTI, 2018, p. 81). Todavia, é a linguagem satírica que permeia boa parte das fábulas fedrianas, no “desenvolvimento de suas narrativas,

sobretudo ao tratar de assuntos complexos com o contexto político e social” (Cf. MARINHO, 2016, p. 10).

Quanto a Bábrio, nascido em Roma possivelmente entre os séculos I e III, escreveu fábulas em versos iâmbicos e na língua grega, destinadas a uma finalidade pedagógica para um público juvenil, “explica em parte a ampla aceitação de sua obra na Antiguidade, que pode ser medida por seus inúmeros imitadores” (DEZOTTI, 2018, p. 101).

Há poucas informações disponíveis sobre Aviano, elas estão restritas às suas produções fabulares em verso elegíacos, provavelmente do século IV ou V, “inspirando-se em seus predecessores Esopo, Bábrio, Horácio e o próprio Fedro. Com uma nova visão, Aviano procura alertar seus contemporâneos sobre o mundo e os seus costumes que os cercam” (VIEIRA, 2003, p. 51), e seu sucesso é também justificado pelo uso de suas fábulas no ambiente escolar, visto que

(...) a primeira forma narrativa com que os estudantes tinham contato, depois da alfabetização e das aulas de gramática, eram essas fábulas. Por meio delas, aprendiam como escandir versos e como recitar corretamente uma poesia em latim, além de receber as lições de moral que as fábulas sempre veicularam, com a vantagem de não trazerem nenhum apelo à vulgaridade ou à licenciosidade encontrada, por exemplo, em Fedro (DEZOTTI, 2018, p. 121).

Em relação a La Fontaine, sabe-se que é um poeta e fabulista francês, nascido em 1621, e que nomeia as fábulas de apólogo. No prefácio de sua obra, o próprio La Fontaine dá explicações sobre as influências e as concepções que nortearam seu trabalho e sobre as características de suas composições. Suas fábulas foram escritas em versos e promovem a um só tempo um aprendizado que “confirma as pessoas de idade avançada nos conhecimentos que a prática lhes deu e ensina às crianças o que é preciso que elas saibam” (Cf. LA FONTAINE, 2013, p. 150). Por fim, La Fontaine deu ênfase à narrativa em suas fábulas em detrimento ao impacto da moral quando destacada, porque deixou “a lição de moral para ser deduzida pelo leitor ou pelo ouvinte” (Cf. PORTELA, 1983, p. 123).

Cabe ressaltar que, embora a fábula tenha sido, por muitos anos, destinada ao público infantojuvenil, especialmente em sociedade ocidentais, seu público-alvo original era o adulto, pois esperava-se dele o decifrar das mensagens subliminares contidas na fábula, que se escondem sob uma aparente superficialidade construída por uma linguagem objetiva, alegórica e breve, e que objetivava levar, não somente ao riso, e, sim, à denúncia ou à reflexão. Contudo, o que faz com que a fábula perpassasse séculos com muita vitalidade, é sua capacidade criadora de fazer novas histórias que juntam os conhecimentos e experiências dos

homens, tornando-se altamente renovável através de inúmeras interpretações e reflexões que possibilita, “seja em forma literária, seja como prática discursiva cotidiana” (DEZOTTI, 2018, p. 19).

1.3 - Cultura Escrita

O presente trabalho, ancorado na teoria da cultura escrita, propõe a superação do pensamento dicotômico entre as habilidades de leitura e de escrita, mesmo que para fins didáticos, pois, em consonância com Colomer (2007), “ler e escrever são duas faces da mesma moeda na missão de facilitar o acesso à cultura escrita” (COLOMER, 2007, p. 162).

Cabe esclarecer que, embora o termo *literacy* tenha sido traduzido por muitos acadêmicos, dentro e fora do Brasil, como letramento, outros estudiosos, como Emília Ferreiro, preferem traduzi-lo como cultura escrita, com o propósito de que não se sinta “muito o peso do ingrediente letra” (FERREIRO, 1999, p. 71), no entanto, outros pesquisadores acadêmicos, assim como Botelho (2012), apresentam, claramente, os dois termos como sinônimos “letramento ou cultura escrita” (BOTELHO, 2012, p. 23).

Há muito tempo, deixou-se de associar leitura e escrita à decodificação das letras e à representação gráfica dos sons da língua, respectivamente. Hoje, a sociedade multiletrada requer de seus interlocutores múltiplas habilidades para leitura e para escrita, visto que o atual universo textual está impregnado de múltiplas semioses e múltiplas culturas, conforme adverte Rojo (2009),

(...) já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso relacioná-lo com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, música, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam; esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos) (ROJO, 2009, p. 105-6).

Dessa forma, o objetivo deste subcapítulo é o de explicitar que os usos sociais da leitura e da escrita são exigências de uma sociedade altamente letrada e um dos meios de promoção dentro dela, porque, na interação, o indivíduo social precisa fazer-se compreensível e compreender também o outro, assim como aponta Soares (2017), “é preciso também saber

fazer uso do saber ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita, que a sociedade faz continuamente” (SOARES, 2017, p. 20).

A participação ativa na cultura escrita propicia benefícios sociais e particulares, tais como, o exercício da cidadania, que promove “mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura” (Cf. SOARES, 2017, p. 37), incentivo à autonomia no processo de manejo da língua materna através das múltiplas possibilidades de leitura e de produção textual, sob a aparência de variados gêneros discursivos, além de possibilitar o percurso entre os variados ambientes sociais.

Outra exigência feita aos indivíduos inseridos na cultura escrita é a de que exercitem e apliquem a leitura crítica sobre todos os textos, com o intuito de identificar as diversas vozes, finalidades, ideologias e intenções presentes, de forma explícita e implícita, dentro do texto, ou seja, fazer “os letramentos críticos” (Cf. ROJO, 2009, p. 120), no entanto, isso só acontecerá através de muitos exercícios, sejam os realizados no papel, sejam os realizados na leitura de mundo.

Aos educandos foi proposto, além da produção de uma fábula autoral através da aplicação de uma sequência didática, o uso de um caderno como uma espécie de diário do Projeto Fábulas, onde pudessem escrever livremente sobre seus aprendizados, sobre suas leituras, sobre suas dificuldades, sobre o dia a dia na escola, como forma de exercitar e consolidar seu processo autônomo em relação à própria leitura e à escrita. Houve também, em todas as aulas, a oferta livre de diversos livros de variados gêneros, sobretudo de fábulas, porque “dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo” (Cf. MARTINS, 2012, p. 17).

Conclui-se que, na cultura escrita, a construção da leitura e da escrita são feitas e completadas na interação com o outro dentro da prática social, e que a apropriação das habilidades de ler e de escrever podem ser associadas “ao desenvolvimento social, cognitivo e cultural dos povos, assim como a mudanças profundas nos seus hábitos comunicativos” (TFOUNI, 1988, p. 11).

2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A metodologia de pesquisa adotada para a realização deste trabalho é a pesquisa-ação porque, segundo Thiollent (1985), propõe a resolução de um problema coletivo, “no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo” (THIOLLENT, 1985, p. 14). Assim, após analisar o perfil dos informantes e o ambiente em que vivem, foram criadas atividades apropriadas ao ensino–aprendizagem dos participantes da pesquisa, que visam a aumentar a qualidade da leitura e da escrita dos educandos do 7º ano do Ensino Fundamental, por intermédio do gênero fábula.

2.1 – Os procedimentos metodológicos

2.1.1 – O pré-teste

O pré-teste ou atividade diagnóstica é, nesta pesquisa, a primeira produção textual fabular dos educandos, e a partir dela, serão feitas intervenções dialógicas, orais ou escritas, para sanar possíveis dificuldades encontradas na leitura, na escrita e na compreensão textual. Após esse primeiro momento de intervenções, implementar-se-á a proposta de reescrita e de (re)leitura dessas fábulas autorais, com objetivo de sistematizar todo o aprendizado e de promover a autonomia no próprio processo de aprendizagem.

2.1.2 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Por meio de um levantamento de dados, constituíram-se como sujeitos desta pesquisa educandos do 7º ano do Ensino Fundamental do CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues, da rede estadual do Rio de Janeiro, localizado no município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense. A maioria dos educandos, matriculados nesse CIEP, é de baixa renda; estão em situação de vulnerabilidade social e muitos deles são oriundos da rede municipal de ensino de Belford Roxo, que foi avaliada pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, através da Prova Brasil de 2017, como o pior município do Estado do Rio de Janeiro, em relação ao 5º ano de escolaridade, e entre os piores municípios, no que tange ao 9º ano, conforme tabela retirada da reportagem do Jornal Extra, no dia 12 de setembro de 2018.

Tabela 1: Resultado estadual da Prova Brasil de 2017

AS PIORES				
5º ANO				
CIDADE	Matemática	Português	MÉDIA	Nos últimos dois anos
Seropédica	202,45	198,85	200,65	Estagnou
São Gonçalo	201,73	198,91	200,32	Melhorou 1%
São João de Meriti	201,79	197,24	199,51	Melhorou 4%
Varre-Sai	203,6	194,88	199,24	Caiu 7%
Magé	200,09	195,65	197,87	Melhorou 2%
Mesquita	199,05	196,12	197,58	Estagnou
Nova Iguaçu	199,62	193,15	196,38	Caiu 1%
Nilópolis	193,73	191,42	192,57	Melhorou 2%
Japeri	193,54	185,67	189,60	Melhorou 2%
Belford Roxo	191,64	187,17	189,40	Caiu 1%
9º ANO				
CIDADE	Matemática	Português	MÉDIA	Nos últimos dois anos
Carapebus	236,98	237,46	237,22	Caiu 2%
Itaguaí	233,2	240,45	236,82	Melhorou 2%
Duque de Caxias	235,68	237,59	236,63	Melhorou 1%
Magé	232,17	234,16	233,16	Caiu 2%
Angra dos Reis	231,78	233,96	232,87	Caiu 1%
Japeri	228,38	236,4	232,39	Melhorou 5%
Nilópolis	227,85	234,49	231,17	Caiu 1%
Belford Roxo	226,67	233,85	230,26	Melhorou 1%
Mesquita	226,44	229,44	227,94	Melhorou 1%
Natividade	222,11	225,57	223,84	Melhorou 13%

Fonte: Jornal Extra

Além disso, dentre os 26 educandos participantes desta pesquisa acadêmica, 14 encontram-se na situação de distorção idade-série, principalmente por terem repetido algum ano ainda no início de sua formação escolar, ou seja, entre o 1º e o 5º ano do primeiro segmento do Ensino Fundamental; do total de participantes, 19 educandos são moradores do Castelar ou do Rola Bosta (Dimas Filho), comunidades próximas ao CIEP 374.

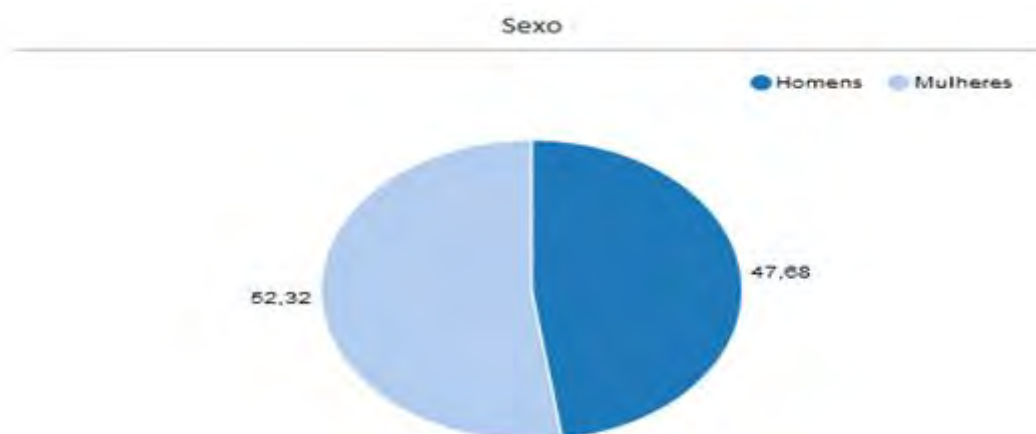
2.1.3 – O ambiente: caracterização e reflexão acerca de sua atuação como um elemento desfavorável ao processo de ensino-aprendizagem

O CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues oferece turmas do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Funciona nos turnos da manhã e da noite, pois o turno da tarde foi fechado no ano de 2017, pelo secretário de educação do Estado do Rio de Janeiro, César Benjamin, no governo de Luís Fernando Pezão. Atualmente o CIEP possui 25 (vinte e cinco) salas de aula,

26 (vinte e seis) turmas, 423 (quatrocentos e vinte e três) educandos, 56 (cinquenta e seis) servidores, 1 (um) auditório e 1 (uma) biblioteca e 1 (uma) quadra, ambas externas (fora do prédio principal, porém, dentro do terreno escolar). Contudo, não possui sala de informática ativa e o acesso à internet é deficitário.

O prédio do CIEP está localizado em uma rua, Joaquim Vitória, considerada de difícil acesso, por onde passa somente uma linha de ônibus não regular, que faz o trajeto Recantus_Belford Roxo. Segundo o último levantamento estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocorrido no ano de 2010, o bairro Piam, onde se encontra esse CIEP, possui 12.569 (doze mil quinhentos e sessenta e nove) habitantes, domiciliados em 4.072 (quatro mil e setenta e duas) residências. Desse total de habitantes, 95.16% são alfabetizados. A população piamense está distribuída entre homens e mulheres, representando a população feminina a maior parte, cerca de 52.32%, conforme o gráfico apresentado a seguir:

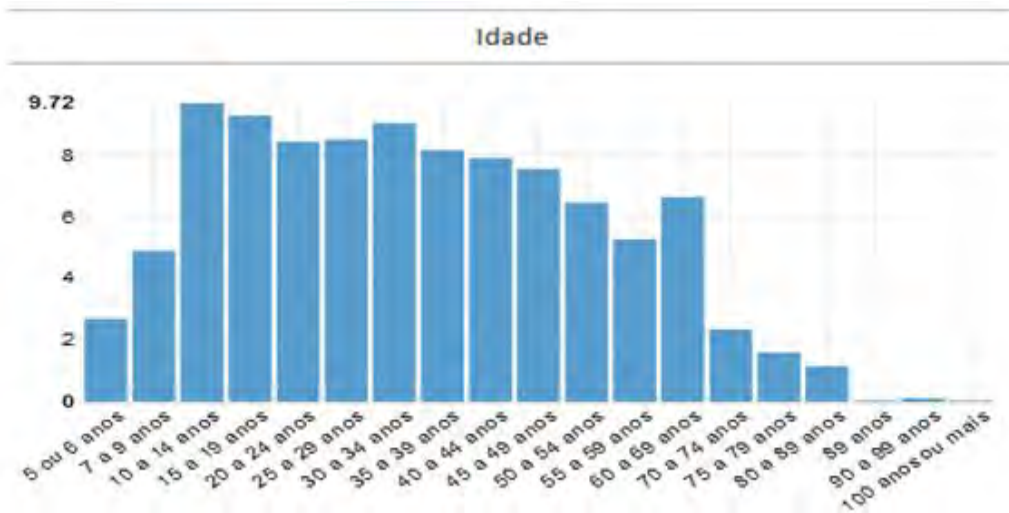
Tabela 2: População residente dividida por sexo



Fonte: IBGE (2010)

A maioria dos habitantes do bairro Piam é jovem, concentrando-se entre as idades de 10 a 14 anos, totalizando 9.72% dos moradores locais, verificado no próximo gráfico:

Tabela 3: População residente dividida por idade



Fonte: IBGE (2010)

E em relação à autodeclaração étnico-racial (branca, preta, amarela, parda, indígena), os que se autodeclararam pardos e negros formam o maior grupo, totalizando 63,40% da população do bairro, percentual presente no gráfico abaixo:

Tabela 4: População dividida em cor ou raça



Fonte: IBGE (2010)

Cabe ressaltar que o bairro Piam faz parte de Belford Roxo, considerado um dos municípios mais violentos da Baixada Fluminense. A própria Baixada tem, em sua formação histórica, a presença marcante da violência.

A violência na Baixada Fluminense era, e ainda é, encontrada em diversas camadas e setores sociais, como apontam os estudos feitos por José Cláudio de Souza Alves, em sua Tese de Doutorado intitulada *Baixada Fluminense: a violência na construção do poder*. Nela, encontramos um histórico de violência da região a partir da presença e atuação de jagunços, de grileiros, das lutas armadas dos camponeses, dos saques e quebra-quebras, do desvio da polícia pública para assegurar interesses privados com a criação de grupos paramilitares, inicialmente incentivados e apoiados pela própria polícia local, do aparecimento de grupos de extermínio, do tráfico de drogas, e, principalmente, através da corrupção em todas as esferas do Poder Executivo, Legislativo, Judiciário, além da falta de investimentos públicos substanciais na área da educação, saúde, saneamento básico e de infraestrutura.

A institucionalização da violência, de acordo com Alves (1998), será a grande marca da região, no que se refere à trajetória política de matadores como jagunços ou organizadores de grupos de extermínio no poder local.

A perspectiva aqui apresentada indica a possibilidade de um consenso em torno do uso da violência, isto é, da construção de um modelo de poder onde a violência por ele implementada ou permitida torne-se reconhecida e respaldada pela maioria, não meramente como uma imposição ditatorial, mas como uma forma de dominação historicamente elaborada (ALVES, 1998, p. 22).

Um típico exemplo dessa institucionalização da violência na Baixada tem por nome Tenório Cavalcanti. Um matador conhecidíssimo nas décadas de 50 e 60 do século passado, que chegou ao poder político devido à sua fama e aos seus serviços. Sua alcunha era *homem da capa preta*. Ele sempre trajava uma capa preta e junto a si mantinha uma metralhadora apelidada de *lurdinha*, inclusive dentro da Câmara dos Deputados Federal.

Tenório é, por assim dizer, a encarnação da violência que se legitima pela pretensão de entrar num campo político que se reestruturava a partir das mudanças sociais que sofria. Pondo-se no mesmo nível do aparato repressivo formado pela polícia local, a perpetuação do seu projeto dependeu de vários fatores, entre eles o seu poder de ação e reação violenta, e a projeção nacional do seu nome, via conquistas políticas (ALVES, 1998, p. 95).

Dentro dessa ambientação histórica da violência na Baixada Fluminense, surge o município de Belford Roxo, após sua emancipação de Nova Iguaçu no ano de 1990. O novo município teve como seu primeiro prefeito, a exemplo da figura de Tenório Cavalcanti, Jorge

Júlio Costa dos Santos, popularmente conhecido como Joca, cuja trajetória de vida deu-se “trabalhando como carroceiro, fez carreira, assaltando caminhões de carga e abastecendo com os produtos roubados os comerciantes locais, que o apoiavam em troca de proteção” (ALVES, 1998, p. 119). Joca, no entanto, não conseguiu terminar seu mandato porque foi assassinado em junho de 1995.

A violência na Baixada Fluminense, ainda nos dias de hoje, se faz presente de forma contundente. Os meios de comunicação, os dados estatísticos e os relatos da população local revelam, de modo alarmante, inúmeros casos de violência, particularmente no município de Belford Roxo.

O *Atlas da Violência de 2018 – Políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros*, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), com dados referentes a 2016, aponta que Belford Roxo ocupa o conjunto dos 123 municípios que apresenta um número igual ou superior a 50% das mortes violentas do país, conforme observado na tabela abaixo:

Tabela 5: Alguns dos municípios mais violentos do país

UF	Município	Taxa de homicídios + MVCI	UF	Município	Taxa de homicídios + MVCI
PI	Teresina	46,8	PD	Fato Velho	44,6
	Curitiba	31,7	PR	Bom Volta	40,4
	São José dos Pinhais	50,9		Fato Alegre	38,1
	Londrina	24,6		Viamão	37,1
PR	Colombo	54,5		Canoas do Sul	35,5
	Fco do Iguaçu	46,2	RS	Canoinhas	41,9
	Almirante Tamandaré	88,5		Alvorada	31,8
	Cascavel	29,1		Gramma	42,0
	Rio de Janeiro	34,9		Petropolis	26,8
	São Gonçalo	43,9	SC	Jornal	24,8
	Nova Iguaçu	54,4		Aracaju	26,5
	Duque de Caxias	47,2		Nossa Senhora do Socorro	88,3
	Belford Roxo	58,1	SE	Indiara	118,7
	Campos dos Goytacazes	55,8		São Cristóvão	119,0
	São João de Meriti	56,0		São Paulo	14,9
	Queimados	134,9		Guarulhos	20,6
RJ	Niterói	38,0		São José dos Campos	28,0
	Magé	57,1		Campinas	16,1
	Itaboraí	51,1	SP	Santo André	24,6
	Nápoles	73,3		Orusco	20,7
	Niterói	48,0		São Estanário do Campo	16,7
	Cabo Frio	53,7		Sorocaba	17,0
	Igarai	95,5		Fiberio Preto	15,1
	Araruama dos Reis	49,1	TO	Arangama	20,5
	Mesquita	54,4		Palmas	31,2
	Itaguaí	73,6			
	Natal	70,6			
RN	Mossoró	74,7			
	Paracurim	68,0			
	São Gonçalo do Amarante	106,3			
	Ceará-Mirim	129,5			

Fontes: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) – MS/SVS/CGIAE e Estimativas de População (IBGE).

Obs.: O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela Causa CID-BR-10: 110, 111, 112, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal e eventos cuja intenção é indeterminada. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

Fonte: Atlas da violência, IPEA (2018)

O *Atlas* também evidencia que, dentro dessa mortalidade, muitos são jovens, homens, pobres e negros, e que essa violência está diretamente relacionada à vulnerabilidade juvenil. Tomando por base o ano de 2015, demonstrou-se que “o risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,7 vezes maior que o de um jovem branco” (IPEA, 2018).

O Instituto de Segurança Pública (ISP) mostra que, na região de Belford Roxo, de acordo com dados coletados no ano de 2017, ocorreram 299 (duzentos e noventa e nove) casos de homicídios. Dentre esses casos, 258 (duzentos e cinquenta e oito) foram de homicídios dolosos (quando há intenção de matar), dentre esses 83% foram cometidos com arma de fogo, sendo a maioria das vítimas do gênero masculino (91%), na faixa etária entre 18 e 29 anos (34%) e entre 12 a 17 anos (7%), predominantemente, em relação à cor da pele, pardo e negro (51% e 25%, respectivamente). Por consequência, o bairro Piam predominante de moradores que se autodeclararam pardos e negros, de classe pobre e cercado por comunidades dominadas pelo tráfico de drogas, sofre diretamente os impactos da violência local, municipal e regional.

O CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues está cercado por várias comunidades de facção criminosa rival, por exemplo, pela comunidade do Castelar, que é controlada, atualmente, pelo Comando Vermelho (C.V.) e pela Palmeira, que é controlada, no momento, pelo Terceiro Comando (T.C.), a ocorrência de confrontos entre elas são frequentes devido à disputa territorial. Por vezes, as aulas são suspensas no meio do turno ou professores, funcionários e educandos não conseguem chegar à escola, por causa de tiroteios decorrentes de confrontos entre policiais e bandidos ou entre os próprios bandidos. Em outros momentos, bandidos se esconderam dentro da escola, abrigaram-se na quadra externa em meio aos educandos e esconderam drogas no terreno do CIEP, correram pelo pátio do CIEP armados, entre outras situações. Muitos dos educandos que lá estudam possuem parente e/ou algum conhecido que trabalha para o tráfico ou que está preso. Anualmente vários educandos abandonam os estudos para se associarem ao tráfico de drogas e alguns desses já perderam até a vida.

A violência, portanto, é um dos fatores para o alto índice de reprovação e evasão escolar nesse CIEP que, em 2017, de acordo com o Censo Escolar, do total de 385 (trezentos e oitenta e cinco) educandos matriculados, 50 (cinquenta) deles ficaram reprovados e outros 36 (trinta e seis) deixaram de frequentar as aulas antes do término do ano letivo.

O mapa, a seguir, mostra a localização do CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues. A partir dele, pode-se verificar que o CIEP fica em uma região cercada por comunidades.

ano de 2015, e, de acordo com a tabela oficial, o CIEP 374 recebeu a pontuação de 3.7, não alcançando a meta estabelecida de 3.9 para o mesmo ano. Sobre a ausência de resultado do ano 2017, consta a informação de que o número de participantes na prova do SAEB foi insuficiente, fazendo com que não pudesse ser criado um percentual para o IDEB 2017, conforme mostra a tabela abaixo.

Tabela 6: IDEB 2015 e 2017

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: Escola UF: RJ

Município: BELFORD ROXO Nome da Escola: CIEP 374 AUGUSTO RODRIGUES

Rede de ensino: Estadual Série / Ano: 8ª série / 9º ano

8ª série / 9º ano

Escola *	Ideb Observado							Metas Projetadas							
	2005 *	2007 *	2009 *	2011 *	2013 *	2015 *	2017 *	2007 *	2009 *	2011 *	2013 *	2015 *	2017 *	2019 *	2021 *
CIEP 374 AUGUSTO RODRIGUES	2,7	1,8	2,9	2,5	2,8	3,7	*	2,7	2,8	3,1	3,5	3,9	4,1	4,4	4,7

Obs:

* Número de participantes no SAEB insuficiente para que os resultados sejam divulgados.
 ** Sem média no SAEB 2017. Não participou ou não atendeu os requisitos necessários para ter o desempenho calculado.
 Os resultados marcados em verde referem-se ao Ideb que atingiu a meta.

Pesquisar Novamente

Fonte: INEP

Faz-se necessário esclarecer que o IDEB é composto por um conjunto de variáveis que observa e calcula uma média entre o número de aprovação, reprovação, abandono, notas finais da Prova Brasil e do SAEB dos educandos do 5º ano e do 9º anos do Ensino Fundamental, e, mais recentemente, também para o último ano do Ensino Médio.

Embora o IDEB seja uma quantificação por meio de pesquisa oficial do governo brasileiro sobre a educação pública do país, não deveria ser levado a cabo sozinho, pois esse e outros mecanismos de medição semelhantes “avaliam e medem o letramento segundo as exigências de desempenho determinadas por instrumentos de avaliação definidos por elas

mesmas, internamente, não levando em conta, em geral, as competências de letramento requeridas em situação exteriores a elas” (SOARES, 2017, p. 100).

Apesar de, comprovadamente, haver motivos que interferem, negativamente, no processo de ensino–aprendizagem dos educandos do CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues, há de se declarar, conforme Antunes (2003), que “fatores internos à própria escola condicionam a qualidade e a relevância dos resultados alcançados” (ANTUNES, 2003, p. 20), por isso que propostas de mudança didática, como as que propõe este trabalho, são bem-vindas, porque quer repensar estratégias de ensino de leitura e de escrita, visando interferir, qualitativamente, nos trabalhos realizados em sala de aula, através de uma sequência didática adaptada, para que o professor e os educandos construam juntos o conhecimento. Outra boa medida é fazer com que os educandos assumam seu lugar na sociedade, ou seja, “possam ser protagonistas sociais” (ROJO; MOURA, 2012, p. 125), enquanto cidadãos autônomos que leem e escrevem com propriedade e que exercitam a consciência crítica.

3. PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A pesquisa inicia-se com uma primeira produção textual chamada de diagnose, a partir dela serão feitas intervenções para sanar possíveis dificuldades encontradas na leitura, escrita e compreensão do texto por parte dos educandos. Uma série de exercícios foi criado para preparar os educandos para o momento da produção, e essas atividades seguem a proposta de sequência didática criada por Dolz e Schneuwly (2004) que, mediante as especificidades e necessidades de um determinado grupo de trabalho, neste caso, educandos do 7º ano do Ensino Fundamental, foi flexibilizada em seu formato e em sua realização. O modelo de sequência didática, apresentado por Dolz e Schneuwly(2004), constrói-se

(...) após uma *apresentação da situação* na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado, é a *primeira produção*. Essa etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que deve desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão. Os *módulos*, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da *produção final*, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 84).

3.1 – Sequência didática

Assim, a sequência didática proposta, nesta pesquisa, está dividida em cinco grandes fases que foram realizadas durante todo o ano letivo de 2019. A primeira fase diz respeito à sondagem dos conhecimentos sobre os valores humanos e a importância deles nas relações sociais, da aplicação de atividades para conhecimento da história da fábula, da apresentação dos fabulistas memoráveis e seus estilos, assim como, da apresentação das características da fábula e de conversas sobre a leitura de diversas fábulas retiradas do livro *Fábulas de Esopo* da Coleção Recontar; segunda fase consta da elaboração da escrita autoral (diagnose); terceira fase efetiva o momento de (re)leitura, de intervenções do educando e do professor e de reescrita das fábulas; quarta fase, produção da versão fabular final; quinta fase, o momento da

apresentação das fábulas para a comunidade escolar. Cabe salientar que as fábulas exploradas nesta sequência didática encontram-se no Anexo.

1ª fase: Conhecendo os valores e a fábula

- Apresentar os valores universais presentes na Declaração universal dos direitos humanos, na versão adaptada de Ruth Rocha e Otávio Roth: liberdade, respeito, igualdade e justiça.
- Trabalhar cada valor universal através de leitura, reflexão e debate.
- Explorar a interpretação dos provérbios populares que estão de acordo com os valores estudados.
- Pedir para que cada educando faça uma pesquisa sobre os valores já apresentados, podendo fazer uso de diversos meios, tais como, letra de música, reportagem, textos literários e de entrevistas com seus familiares e conhecidos. Objetivo será montar um acervo individual para futuras consultas. É livre a incorporação de outros valores à pesquisa.
- Proporcionar que cada educando apresente sua pesquisa aos demais, propiciando um momento fecundo de reflexão e de observação do conhecimento de todos em relação aos valores universais apresentados.
- Apresentar a história da fábula.
- Mostrar aos educandos as fábulas de Esopo, Bábrio, Aviano, La Fontaine.
- Identificar com os educandos o estilo fabular de Esopo, Bábrio, Aviano, La Fontaine por meio da fábula *A formiga e a Cigarra*, que os quatro fabulistas escreveram.
- Trabalhar com os educandos a interpretação de variadas fábulas de Esopo, retiradas do livro *Fábulas de Esopo* da Coleção Recontar.
- Refletir, com os educandos, sobre o motivo que leva fabulistas a escolher personagens animais.
- Relembrar os elementos da narrativa por meio de uma fábula esopiana.
- Identificar a estrutura do gênero fábula.

2ª Fase: Elaboração da escrita autoral (diagnose)

- Confeccionar um quadro comparativo com adjetivos, para formar um grupo dos sinônimos e um grupo dos antônimos, com o objetivo de facilitar a identificação e criação das características das personagens.

- Fazer com que o educando crie um conflito (problema central) para a fábula, e que esteja de acordo com os valores universais estudados.
- Inventar uma solução para o tipo de problema criado anteriormente, envolvendo nela, a ideia de lição moralizante contida no valor universal escolhido.
- Escolher personagens animais e atribuir-lhes uma característica humana, além de identificar neles uma característica singular de cada animal escolhido.
- Determinar o ambiente, onde ocorrerá a história, que deverá ser de fácil reconhecimento, sem ter a necessidade de detalhá-lo em excesso.
- Trabalhar a introdução através do narrador, que apresentará o ambiente e o primeiro contato entre as personagens, no tempo verbal adequado.
- Escolher o uso do discurso direto ou indireto.
- Desenvolver o enredo de forma um pouco detalhada, apresentando uma situação--problema pela qual as personagens passarão, de tal modo, que necessite de uma intervenção na história para fazer surgir uma solução.
- Elaborar a conclusão, tendo em vista um desfecho que apresente uma solução moral, marcada pela presença do valor universal humano.
- Apresentar a moral da história resumida em uma única frase simples e objetiva que exemplifique o valor universal abordado, podendo utilizar-se dos provérbios ou dos ditos populares para tal fim.
- Criar um título criativo e objetivo que desperte o interesse do leitor.
- Produzir uma fábula autoral, utilizando todos os conhecimentos adquiridos e lembrados nas etapas anteriores.

3ª Fase: Intervenções e reescritas

- Reler a fábula autoral.
- Revisar o texto escrito e fazer, quando necessário, intervenção quanto à adequação estrutural da fábula, à adequação vocabular, à correção ortográfica, à coesão, à coerência, à paragrafação, à marginação, utilizando a tabela de reconhecimento como guia de revisão para o educando.
- Reescrever, quantas vezes forem necessárias e possíveis, a produção textual, tendo em vista, as possíveis adequações que deverão ser feitas pelos educandos, para que o texto seja finalizado.

4ª Fase: Produção final

- Produzir a versão final da fábula autoral.

5ª Fase: Apresentação das fábulas autorais

- Apresentar, à comunidade escolar, as fábulas autorais, em meio a um evento, com objetivo de que os próprios educandos e suas respectivas produções sejam vistos e conhecidos por todos.

3.2 – O instrumento de testagem e sua aplicação

As atividades foram pensadas para que, conforme fossem respondidas, os educandos pudessem construir, gradativamente, conhecimentos que os levassem à produção da versão final de suas fábulas autorais. Assim, de atividade em atividade, desenvolvem reflexões sobre os valores humanos, identificam os elementos da narrativa, conhecem a estrutura da fábula, inventam títulos, geralmente, antitéticos, criam enredos e desfechos com ênfase no elemento moral, assim como, aprimoram a leitura e a escrita através dos processos de (re)leituras e de reescritas.

3.3 – Atividades

1. Sabemos que valores morais são condutas humanas que prezam pelo bem de todos que vivem em sociedade, por isso leia o texto da *Declaração universal dos direitos humanos* e, a partir dele, identifique os valores que você considera importantes para a convivência social.
2. Após a leitura da Declaração, como você explicaria os seguintes valores universais: liberdade, respeito, igualdade e justiça?
3. Você já presenciou alguma situação em que um desses valores (liberdade, respeito, igualdade e justiça) ocorresse? Cite um exemplo.

4. Caso você conheça ou tenha ouvido falar, cite uma situação em que houve o desrespeito a um desses valores.
5. Se pudesse escolher um valor universal como o mais importante, qual você escolheria. Por quê?
6. Pensando na importância desses valores para a convivência pacífica entre as pessoas, na sua opinião, que ações a escola poderia realizar para promover esses valores entre os educandos?
7. A hora da apresentação chegou. Mostre sua pesquisa à turma e observe, com atenção, a apresentação dos seus colegas sobre os valores por eles pesquisados.
8. Roda de conversas: vamos conversar sobre os títulos, sobre a estrutura textual, sobre o narrador, sobre o tempo verbal, sobre o cenário, sobre o conflito, sobre o desenlace da história, sobre a posição da frase que sintetiza o ensinamento moral da história, sobre a marginação, sobre a paragrafação, sobre a aplicação ou não do ensinamento moral na nossa vida ou na vida de outra pessoa, sobre qual fábula gostou e sobre qual fábula menos gostou, sobre uma sugestão nova para o desfecho da história, sobre a quantidade de personagens, sobre sugerir uma outra frase-síntese para pôr no lugar da moral da história, sobre o discurso direto e discurso indireto, sobre a importância da leitura e da escrita, sobre a importância de cada um criar sua própria fábula autoral, sobre conhecer ou não outras histórias em que animais sejam personagens, sobre lembrar de algum desenho animado ou filme em que os animais sejam personagens e se comportam como seres humanos, e sobre quaisquer outros assuntos e perguntas que surgirem durante essa atividade de conversas.
9. Você já ouviu falar em provérbios, ditados ou ditos populares? São, em geral, pensamentos e ensinamentos de um povo apresentados em frases curtas, de forma bem resumida. Agora, leremos alguns ditados e conversar sobre eles.
 - Quando um não quer, dois não brigam.
 - O nascimento desigual a alguns, a morte iguala a todos.
 - A justiça tarda, mas não falha.
 - Quem pode ser livre não se cative.

10. A fábula, como sabemos, é uma história de cunho moral que nos faz refletir sobre um determinado acontecimento ou sobre atitude de determinada personagem. Após ler *A cigarra e as formigas*, de Esopo, explique o comportamento das formigas perante pedido da cigarra. Por que elas agiram daquela maneira?
11. Ainda em relação à fábula *A Cigarra e as formigas*, você acha que as formigas poderiam ter tido outra atitude em relação à cigarra? Explique sua resposta.
12. Em *A Cigarra e as formigas*, a narrativa apresenta o discurso direto, quando as personagens conversam entre si diretamente, no entanto, para marcar as falas das formigas e da cigarra, foram usadas as aspas. De que outra maneira você pode organizar esse texto, mantendo o discurso direto? Redija o texto com as novas alterações.
13. Observe em *A Cigarra e as formigas*, o tempo verbal utilizado nas falas das personagens. Que tempo é esse? Por que esse tempo verbal foi escolhido para escrever as falas dessas personagens?
14. Leia atentamente *A Cigarra e as formigas* e suas outras três versões e responda:
 - a) As quatro histórias tratam do mesmo assunto?
 - b) Por mais que as quatro histórias tratem do mesmo assunto, verifica-se que elas não são idênticas. Quais diferenças que você observa entre elas?
 - c) Cada autor tem seu jeito próprio de escrever, isso é chamado de estilo. Das quatro histórias lidas, qual foi o estilo que mais te agradou? Por quê?
 - d) Volte aos textos e localize a frase que sintetiza o ensinamento moral das fábulas. Estão todas na mesma posição, ou seja, todas, por exemplo, no final do texto?
15. Comente as histórias narrativas apresentam os animais através de sua característica principal. Na fábula *O leão velho e a raposa*, de Esopo, o leão é apresentado como esperado? E a raposa apresenta-se com sua característica habitual?

16. A moral da história da fábula *O leão velho e a raposa* diz que “os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios”. Você já se “safou” de algum perigo por ter sido precavido? Conhece alguma história de alguém que tenha conseguido se “safar” de alguma situação perigosa? Escreva sobre essa experiência.
17. Leia atentamente a fábula *O leão e o javali* e diga: qual é o conflito da história? Qual foi a solução encontrada pelo leão e o javali para resolver o conflito?
18. Pensando sobre o enredo de *O leão e o javali* reflita sobre as seguintes questões: a violência, seja verbal, física ou psicológica, costuma resolver os problemas ou piorá-los? Por quê?
19. Você percebeu que, na fábula de *O leão e o javali*, os abutres aguardavam para que um deles se desse mal? Você acha que na vida real há pessoas que têm o mesmo comportamento desses abutres? Por quê?
20. Qual ou quais ensinamentos podemos aprender com a fábula *O leão e o javali*?
21. A fábula *A tartaruga e a lebre* apresenta uma história com dois animais que possuem características opostas: um lento e o outro rápido. No entanto, é a personagem desacreditada que conquista a vitória. Comparando a história à vida real, você acredita no poder do esforço? Você se esforça para conquistar seus objetivos? Dê um exemplo.
22. Sobre a estrutura da fábula *A tartaruga e a lebre*, qual tipo de narrador encontramos nela? Narrador observador ou narrador personagem? Utilize elementos para justificar sua resposta.
23. Observe o tempo verbal utilizado pelo narrador em *A tartaruga e a lebre*. Que tempo é esse? Por que é comum o uso desse tempo verbal pelo narrador?

24. A exemplo da fábula *A tartaruga e a lebre*, que distinguiu as personagens por suas características principais, escolha 6 novos animais e dê uma característica para cada um deles, por exemplo: urso > feroz.
25. Copie as respostas do exercício anterior e crie, para cada uma delas, uma característica contrária. Exemplo: feroz > manso.
26. Uma das partes da estrutura de uma narrativa é o conflito, ou seja, aquela determinada situação-problema que acontece na história e que precisa ser resolvida. Invente dois personagens animais que poderiam participar juntos de uma história e crie um conflito para ela.
27. Criado o conflito, agora, apresente uma solução para ele, lembrando que o ensinamento moral faz parte dele. Se precisar, utilize um provérbio, ditado ou dito popular para preencher o espaço da moral da história.
28. Para cada personagem que você utilizou no exercício anterior, invente uma característica marcante e acrescente uma personalidade humana para cada uma delas. Exemplo: o leão é forte e vaidoso.
29. Vamos criar um cenário para essa história que está sendo construída aos poucos? Descreva o ambiente onde estão as personagens, mas faça-o com poucos detalhes.
30. Agora, você deverá criar uma introdução, para que o narrador apresente o ambiente e o primeiro contado entre as personagens.
31. Dando continuidade ao exercício anterior, desenvolva o enredo com um pouco mais de detalhes, interligando todas as partes criadas até aqui. Atente-se para os tempos verbais utilizados pelo narrador e pelas personagens.
32. Elabore um desfecho para a história, tendo em vista que a solução deve estar de acordo com o ensinamento moral que você quer enfatizar.

33. Crie um título criativo que desperte a atenção do leitor.
34. Este é o momento de você vai precisar juntar tudo o que você aprendeu sobre fábula e pôr em prática. Lembre-se de que você deve fazer uma história curta, inventar um título interessante para o leitor, apresentar um conflito com personagens animais, preferencialmente. Você precisará também de escolher o tipo de narrador e o tipo de discurso que você usará em sua fábula e, sobretudo, criar uma moral para a sua história. Vamos escrever uma fábula!
35. Faça a revisão do seu texto. Na dúvida, consulte um dicionário para saber a correta grafia das palavras e seu significado. Reescreva-o e capriche na letra.
36. Após sua revisão e correção do professor, reescreva seu texto. Se possível, personalize ainda mais sua fábula, ilustrando-a de acordo com sua criatividade.
37. O momento de celebração chegou. Após tanto esforço, dedicação e superação, chegamos vitoriosos ao final deste projeto com as fábulas, e, para comemorarmos, apresentaremos as fábulas autorais a toda comunidade escolar.

3.3 – Material para a Análise

O material analisado é um acervo das produções escritas dos educandos 26 educandos do 7º ano do Ensino Fundamental. Assim, foram analisados 133 textos, que correspondem à versão diagnóstica, versões reescritas e à produção final desses educandos. Os aspectos investigados variam nas produções escritas, conforme observação de algum elemento relevante encontrado, que possa servir de amostragem para evidenciar a necessidade de intervenção e, posteriormente, para evidenciar o aprendizado adquirido pelos educandos, comprovado através da evolução das versões fabulares de cada um deles.

Ressalta-se que todas as fases das produções textuais foram realizadas em sala de aula e sem consulta a meios eletrônicos, de modo que houvesse total lisura no processo da confecção fabular. Por meio de um questionário socioeducacional, constatou-se que, do total de 26 educandos, 15 são meninas e 11 são meninos, e possuem idade entre 12 e 17 anos, porém, com o intuito de preservar a identidade desses educandos, cada um será tratado apenas por educando e terá uma numeração, a fim de facilitar análise e a apresentação de dados nesta pesquisa.

O questionário ainda revelou informações importantes que ajudarão a comprovar as duas principais hipóteses presentes neste trabalho: a necessidade de intervenção qualitativa na leitura e na escrita dos educandos participantes deste projeto e a da influência do meio social desses educandos em suas produções. Assim, obteve-se do questionário que a maioria dos educandos são advindos da rede pública de ensino municipal de Belford Roxo e são moradores das duas comunidades próximas ao CIEP 374.

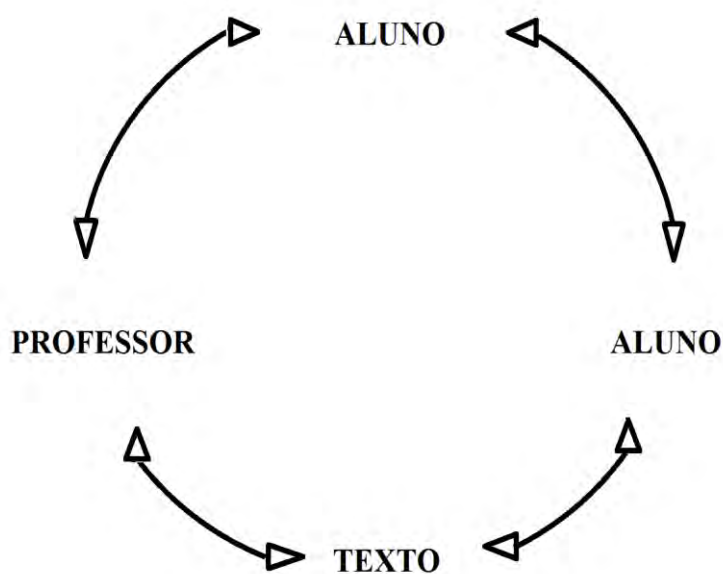
A análise dos dados, de modo geral, evidenciou a criação predominante de personagens animais antropomorfizados, a escolha de animais próximos ao convívio humano para figurarem como personagem, o uso de uma linguagem informal, às vezes, com a presença de marcas orais comuns à própria fala dos educandos. Após intervenção dialógica, foram identificadas a reestruturação da paragrafação e marginação, a adequação do *epimitio* e a reestruturação fabular através de uma preocupação maior com a coerência e coesão textuais. Essas constatações são observadas quando comparadas as versões diagnóstica e final, constantes no anexo desta pesquisa acadêmica.

No desenvolvimento desta pesquisa acadêmica, procurou-se estabelecer a mediação dialógica em todos os processos de construção e de consolidação do conhecimento, pretendendo deixar de lado a concepção de linearidade fixa de que o ensino parte apenas do professor, concentrando no educando o papel de receptor, e fazendo do texto um fim em si mesmo, ou seja, quando há a exigência de uma produção para cumprimento de uma atividade, sem que a sua circulação e a sua reescrita fossem pensadas ou propostas (professor>educando>texto).

A concepção dialógica sociointeracional executada nesta pesquisa procurou, em cada etapa do processo de ler e de escrever, incentivar a autonomia discente no próprio processo de aprendizagem, fazendo do texto um espaço fecundo de ensino – aprendizado. Assim, em um movimento contínuo circular pluridirecional, os educandos, professor e texto interagem sem

uma ordem rígida (<>professor <> texto <> educando <> educando <>), conforme figura abaixo.

Contínuo circular pluridirecional de mediação dialógica sociointeracional¹



Com essa abordagem do contínuo circular pluridirecional de mediação dialógica sociointeracional, não se pretendeu, por exemplo, ensinar regras gramaticais isoladas da produção textual dos educandos, significa dizer que, após ser identificado algum equívoco nos textos analisados, procurou-se a solução do problema em parceria com o educando. Houve também o incentivo de que o educando buscasse, por ele mesmo, solucionar os problemas encontrados no seu texto, após (re)leituras, e sanar suas dúvidas, utilizando-se do dicionário, de um questionário guia para auxiliar na revisão e da interação cooperativa com outros educandos e com o próprio professor.

¹ A figura do **Contínuo circular pluridirecional de mediação dialógica sociointeracional** é uma proposta de abordagem de ensino – aprendizagem que procura concentrar, na didática do professor, as teorias dos contínuos (BORTONI-RICARDO, 2004), a teoria do contínuo circular (BRAVIN DOS SANTOS, 2018) e a teoria dialógica interacional (KOCH e ELIAS, 2017) e na centralidade do texto como objeto de ensino e de aprendizagem na perspectiva sociointerativa (ANTUNES, 2017).

Assim, o diálogo entre professor e educando pode ser desenvolvido através do texto, durante uma negociação de sentido, quando o educando é solicitado a explicar sobre algum trecho ou alguma palavra que gerou dúvida na leitura do professor; na identificação das incorreções e nas indicações de caminhos seguros para que o educando construa e consolide seus conhecimentos a partir do seu próprio texto. Essa interação dialógica também pode partir do educando, ao procurar o professor para tirar dúvidas ortográficas, para confirmar o sentido das palavras, para saber a opinião dele sobre seu texto, por exemplo. Esse dialogismo permite ainda que educando busque o auxílio de outro educando, reforçando as ações cada vez mais independentes de (re)leitura e de reescrita.

Um questionário guia foi criado ao longo do processo de produção escrita porque se verificou a necessidade de auxílio extra no processo autônomo de avaliação do próprio texto. O questionário incita os educandos a relerem o próprio texto e a verificarem se escreveram o título do texto, se pontuaram o discurso direto, se escreveram palavras repetidas desnecessariamente, entre outros apontamentos, ou seja, esse questionário propõe que os educandos sejam os primeiros revisores de suas fábulas autorais.

Outras formas de correção textual foram realizadas no texto dos educandos, especialmente, as praticadas pelo professor através de apontamentos orais e escritos, para que os educandos aperfeiçoassem a própria leitura e escrita a cada versão fabular. Assim, para a correção em grupo, por exemplo, o professor confeccionou um cartaz para marcar e explicar, visualmente, o espaço parágrafo, a marginação e a posição do título e do *epimitio*.

Para a correção particular, o professor utilizou-se das técnicas apresentadas por Ruiz (2018): a correção indicativa, por meio de símbolos inventados e colocados no texto para criar um novo parágrafo, por exemplo; a correção resolutive, por meio de acertos escritos no próprio texto do educando, tais como, correções ortográficas, de acentuação gráfica e de pontuação; correção textual-interativa, por meio de recados e comentários deixados pelo professor no final ou na margem das fábulas.

Cabe esclarecer que a produção final de alguns educandos ainda precisa de aperfeiçoamentos que não foram possíveis serem realizados nesta pesquisa, seja por questão de tempo, visto que alguns educandos precisariam de um número maior de reescritas, seja por questão do grau de conhecimento atingido por cada um. Todavia, há de ressaltar o progresso desses educandos que, desde a versão diagnóstica até a versão final de suas fábulas, mostraram uma gradativa evolução na leitura e na escritura de seus textos, pois, conforme

afirma Antunes (2003), “a atividade de leitura complementa a atividade de produção escrita” (ANTUNES, 2003, p. 67).

Por fim, a análise dos dados coletados das produções fabulares autorais procurou evidenciar que, através de uma intervenção pedagógica de cunho dialógico interacional, os educandos do 7º ano do Ensino Fundamental apresentaram, ao final desse projeto acadêmico, além de suas produções fabulares, uma atitude mais proativa e mais reflexiva em relação à aquisição e manutenção dos seus conhecimentos após estímulos do professor, para que solucionassem, por si mesmos, os problemas encontrados nas suas versões textuais, seja através de consulta a materiais didáticos, como o dicionário, seja através da relação educando–educando ou educando–professor.

3.4 – Análise de dados

EDUCANDO 1	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O tigre solitário
RESUMO:	Um tigre tinha dificuldade de fazer amigos por se sentir superior aos outros animais.
VIRTUDE:	Humildade
EPIMITIO:	Nunca se desfaça das pessoas porque um dia você pode precisar delas
NÚMERO DE PRODUÇÕES	4

ANÁLISE:

O educando 1 não aproveitou a história de sua versão diagnóstica na sua produção final, no entanto, foi um dos poucos que paragrafou e marginou seu texto já na versão diagnóstica. O educando 1, em sua versão diagnóstica, não produziu uma fábula, apenas uma narrativa comum com animais.

Na primeira reescrita, o educando 1 apresenta uma versão compatível com o gênero fábula, apesar de não apresentar, conforme orientação presente na sequência didática, o *epimitio*. A história da primeira reescrita manteve-se até a produção final, mas o *epimitio* da

versão final foi escrito no verso da folha “Nunca se desfaça das pessoas porque um dia você pode precisar delas”.

O Tigre Solitário

Era uma vez... uma encosta cheia de animais: cães, gatos, porcos, macacos etc. Certo dia, entrou um animal novo na encosta: um tigre. Só porque seu pai vem de fora da encosta, ele se achava superior de que todos ~~de~~ ele queria mandar, ele queria. Ser mais do que todos.

Um grupinho de animais foi conversar com o tigre. Ele foi egoísta e chato e ninguém quis mais falar com ele. Ele tentou entrar em qualquer grupo: ele tentou o grupo dos, fofos, dos bônitos, dos legais e dos divertidos, porém não entrou. Ele ficou sozinho e foi conversar com sua mãe.

- Mãe, eu não tenho amigos!

- Por que, filho, você não tem amigos?

- Porque eu sou egoísta e chato.

- Então você tem que ser legal, participativo e compreensivo.

Então o tigre foi pedir desculpa para todos os animais. Nesse dia o tigre aprendeu a não se sentir superior de que ninguém.

MORAL:

Há algumas hipóteses para o descarte da versão diagnóstica e do não aproveitamento das versões de reescritas por muitos educandos. Uma das hipóteses é o costume escolar de fazer da correção um processo único e definitivo, ou seja, o texto, após ser corrigido, é devolvido aos educandos, porém, sem a exigência da reescrita e sem a preocupação de saber sobre o que foi feito com ele, por isso, muitos educandos o descartam, às vezes, jogam-no até no lixo por não saberem o que fazer com um texto cheio de marcações. Dessa forma, o incentivo à prática do “segundo olhar”, por meio do processo da (re)leitura e da reescrita, é tão importante para o desenvolvimento qualitativo da leitura e da escrita dos educandos, conforme explica Antunes (2003),

(...) entre escrever muito, sem revisão, e escrever pouco com esses cuidados todos, seria preferível que os alunos escrevessem menos textos, mas que escrevessem sempre com esses cuidados de planificação e revisão, acabando-se, assim, com a prática escolar de uma única versão, quase sempre improvisada e nunca revista (ANTUNES, 2003, p. 116).

Nas fábulas da reescrita 1 e reescrita 2, destaca-se a intitulação. A partir da comparação entre os dois títulos, por meio de uma intervenção dialógica, o educando foi levado a refletir sobre o título da versão reescrita 1, que era extenso, muito explicativo e composto por uma oração, e, por fim, na reescrita 2, criou um novo título mais enxuto, composto por um substantivo e um adjetivo.

O Sique, que não tinha amigo,

O Sique zoológico

EDUCANDO 2	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O zoológico
RESUMO:	Uma menina muito curiosa colocou-se em perigo e morreu
VIRTUDE:	Prudência
EPÍMITIO:	Cuidado! A curiosidade pode matar
NÚMERO DE PRODUÇÕES	6

ANÁLISE:

O educando 2 utilizou-se das atividades da sequência didática para criar sua versão diagnóstica, porém, abandonou a história original e inventou outras duas até criar uma história que aperfeiçoaria até chegar à versão final. Ressalta-se que o educando 2, dentre poucos, criou uma personagem principal humana.

Durante o processo de escrita do educando 2, houve um momento de negociação de sentido para saber, na reescrita 3, quem havia ligado para o I.M.L., porque, dependendo da resposta dada pelo educando, haveria necessidade de adequar a concordância verbal do seguinte trecho do texto “No dia seguinte, um zelador encontrou o corpo da menina, então ligaram para o I.M.L. e pra família dela.” Como o educando 2 respondeu que foi o zelador quem ligou para o I.M.L. e para a família da menina, o professor explicou ao educando que,

naquela situação, não caberia a forma verbal “ligaram” e indicou-lhe a substituição por “ligou”, conforme regra da concordância verbal.

Houve ainda mais um momento de negociação de sentido entre o professor e o educando 2 porque, na reescrita 4, as palavras “desmaiar” e “dormir” foram usadas, inadequadamente, como sinônimas “No enterro a mãe dela desmaiou e foi levada para o hospital. Assim que acordou, disse: „A curiosidade matou a minha filha!“ E voltou a dormir.” Dessa forma, esclareceu-se o significado das palavras “desmaiar” e “dormir” e indicou-se ao educando, com o propósito de manter a coerência textual, a substituição do verbo “dormir” por “desmaiar”.

No dia seguinte, um zelador encontrou o corpo da menina, então ligou para o I.M.L. e pra família. Minutos depois, a mãe chegou e chorou muito. Os familiares marcaram o enterro para o dia seguinte. No enterro, a mãe dela desmaiou e foi levada para o hospital. Assim que ela acordou, disse: "A CURIOSIDADE MATOU A MINHA FILHA!" E VOLTOU A DORMIR. *desmaiar*

MORAL: CUIDADO! A CURIOSIDADE PODE MATAR.

Embora o assunto principal da fábula do educando 2 tenha sido desenvolvido a partir da virtude da prudência, cabe analisar a abordagem do assunto morte feita por esse mesmo educando em seu texto, enfatizado pelo *epimythion* “Cuidado! A curiosidade pode matar”, porque é preciso levar em consideração “as condições de produção do discurso e do histórico-social. Logo o discurso expresso pelo sujeito é um reflexo da visão de mundo e da sociedade em que vive” (Cf. MARTINHO, 2016, p. 8).

Infere-se, portanto, que, através das ações das personagens, a vida do educando 2 tenha sido marcada por algum acontecimento ligado à morte, seja de um familiar ou de algum conhecido, porque ele dá detalhes de o quê fazer quando encontrar um corpo “encontrou o corpo da menina, então ligou para o I.M.L. e pra família dela” e de como, comumente, a família reage ao receber a informação da morte trágica de algum parente “Minutos depois a mãe da menina chegou e chorou muito. Os familiares marcaram o enterro para o dia seguinte. No enterro, a mãe dela desmaiou e foi levada para o hospital.”.

EDUCANDO 3	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	A tartaruga e o ratinho
RESUMO:	Um ratinho que não tinha amigos por causa da extrema preocupação da sua mãe, que tinha medo do filho se envolver com amizades erradas
VIRTUDE:	Obediência
EPÍMITIO:	Importante obedecer à mãe para não acontecer nada de ruim
NÚMERO DE PRODUÇÕES	4

ANÁLISE:

Constatou-se que problemas com paragrafação e com a margem direita, que eram superados por outros educandos ao longo das versões reescritas, permaneceram em todas as produções do educando 3, mesmo após correções e intervenções dialógicas, conforme comparação entre a versão diagnóstica e a produção final. Um dos motivos para que o educando 3 apresentasse pequena evolução qualitativa em suas versões escritas foi a sua infrequência, pois ficava longos períodos sem ir à escola, prejudicando diretamente o seu processo de aprendizagem.

a Inês e o Ratinho

Era uma vez há muito tempo atrás em um lug
Sinha uma tartaruga que nunca saiu de sua
casa sua mãe não deixava ela sair muito
queja muitas vezes Ela não gostava que seu filho
tivesse amigos que ela achava que seus amigos iam
se ir embora por mal caminho mas era isso que ele
queria Ele queria viver em paz no perto de sua casa
mas ela não deixava nem isso. Um dia Ela morreu
e ele tinha medo ele queria que tenha certeza de
pedir da sua mãe e assim ele seguiu vendendo
queja. Um dia apareceu um Ratinho para
ir comprar queja e ali ele pegou um amigo. Uma
amãe a ratinha ali foi a tartaruga também
e eles se encontraram e conheceram a tartaruga
e ele a ratinha perguntou porque não tem mais
amigos e a tartaruga respondeu porque minha mãe
tinha medo de eu me entorpecer nesse mundo
barulho e ele falou melhor a tartaruga falou
meus amigos e a tartaruga falou me desculpa
mas não quero que meus amigos não estejam em
culpa não quero sua amizade mas não a
repetir "minha mãe em um a distância de minha
mãe!"

a Inês e o Ratinho

Era uma vez há muito tempo atrás em um
lugar Bem longe a ilha uma tartaruga que nunca
saiu de sua casa porque a sua mãe não deixava
ela sair muito e de seu filho e Ela não deixava seu
filho sair e ele dizia que ela era muito mais mãe Ela
só queria evitar seu mal e evitar amigos ruim Ele não
perdia ficar nem no perto.

Um dia a mãe da tartaruga morreu e ele ficou muito
triste, mas ele foi ter com a tartaruga e deveria tomar certeza
des queja de sua mãe e vendeu - los para o seu sustento
e assim ele seguiu vendendo queja fez seu para
vender seu queja nunca. Um dia apareceu um Ratinho
querendo queja e ali se encontraram bastante
amãe a ratinha e ele a tartaruga
de conhecer e ali se encontraram diferentes e de gabar
se ratinha: perguntou porque não tem mais amigos
e a tartaruga: respondeu porque minha mãe tinha medo de
eu me entorpecer nesse mundo barulho e a tartaruga não
deu desculpa mas ela falou melhor a tartaruga falou
meus amigos e a tartaruga falou me desculpa mas
não quero sua amizade mas não a repetir "minha mãe em um a distância de minha
mãe!"

Inicial: importante cuidar a mãe para não perder
sua vida

Em relação à inassiduidade do educando 3, deduz-se que uma das causas seja a mesma apresentada pela personagem principal, visto que “a Literatura enquanto manifestação estética dentro de determinado período contribui para a apreensão, ou pelo menos tentativa de uma conjuntura sociocultural” (Cf. BRAGANÇA Jr., 2005, p. 5). Assim, tanto para a personagem quanto para o educando, a violência e seus desdobramentos impedem que os dois saiam de casa, “ela não gostava que seu filho tivesse amigos porque ela achava que eles iam levar seu

filho para o mau caminho (...). Ele queria brincar um pouco no portão de sua casa, mas nem isso a sua mãe deixava.”.

A maioria dos participantes deste projeto não criou o *epimitio* já na versão diagnóstica, e muitos, assim como o educando 3, quando tentavam criá-lo, copiavam parte do texto e colocavam-no na posição correspondente ao *epimitio*. Após intervenção do professor, através do mecanismo de correção textual-interativa, o educando 3 substituiu o trecho copiado “Vou obedecer minha mãe onde quer que ela esteja” por “Importante obedecer a mãe pra não acontecer coisa ruim.”, após refletir sobre o bilhete deixado, no final da fábula, pelo professor.

Observou-se também que, na fábula do educando 3 assim como em muitas fábulas autorais dos integrantes desta pesquisa, a presença da figura materna é marcante e muitas vezes solitária em relação à criação, à educação, à manutenção financeira do filho e ao afeto parental. Dessa forma, na fábula do educando 3, a figura materna aparece como protetora “havia uma tartaruga que nunca saía de sua casa porque a sua mãe não deixava”, como responsável pelas ações do filho, em vida, “porque minha mãe tinha medo de eu me envolver nesse mundo louco”, ou *in memoriam*, “Vou obedecer minha mãe onde quer que ela esteja”.

EDUCANDO 4	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O gato e o cachorro
RESUMO:	O gato queria arranjar confusão, porém, mudou de atitude e ajudou o cachorro quando mais precisava
VIRTUDE:	Solidariedade
EPIMITIO:	Não escute o que as pessoas falam de ruim e ajude o próximo
NÚMERO DE PRODUÇÕES	4

ANÁLISE:

O educando 4 abandonou a história da versão diagnóstica e que, embora a primeira reescrita apresentasse necessidade de muitas intervenções, ressalta-se a notória e gradativa evolução qualitativa de suas produções até a versão final.

O Livro em Cantado

Era uma vez um branco estanho onde dois garotos estavam vivam um
 menino e uma menina era muito estanho quando eles queriam a fazer uma
 favela muito bonita a menina falou a que queria que os garotos falassem
 mas queriam que os garotos também falassem responde que os garotos falassem
 eles falaram sim a menina falou não tem o eu vou a fazer a favela
 e parou uma mulher ela falou com uma voz muito estanho ela
 falou que os garotos falassem e os problemas heróis estão
 supõem os dois garotos foram para um lugar onde tinha
 muito dinheiro e campos de flores animais que fala mais
 os garotos viram animais (dragões de dentes e os peixes
 dizem corais, felinos, cabras) todos estanho em cima
 os corais para os garotos animais aparecerem e os corais
 desfilam com nos corais parece ter um felino falaram
 os garotos que os corais não são felinos e os peixes falaram
 os peixes (salgueiros) não são felinos
 - Os garotos viram a atividade e os garotos falaram com
 uma cara de tristeza porque todos continuaram a falar os
 garotos fizeram um acordo - isto ficou resolvido para todos
 - Os garotos terminaram no trabalho e eles a esperar e ficaram
 em paz

Nota-se que, da primeira reescrita à produção final, há uma melhora significativa da paragrafação, há acertos nas marginações, há uma preocupação maior com o desenvolvimento do enredo, há a diminuição de personagens secundários e há o aprimoramento do *epimitio* na última versão, quando melhor resume os ensinamentos que depreendem da sua fábula “Não escute o que as pessoas falam de ruim e ajude o próximo. Todavia, o tipo de problemas ortográficos apresentados pelo educando 4, por exemplo, “im portou” (importou”, “etão” (então), “iscuta” (escuta) “oque” (o que), “derruim” (de ruim), “a judo” (ajudou), indica a forte interferência da oralidade na escrita desse educando.

significativo. Capriche na letra.

O Gato e Cachorro

Era um dia ensolarado na fazenda quando um cachorro
 muito inteligente e amigável com seu dono até que eles encontraram um
 gato.
 O gato aquele fofinho, cantou para o cachorro que o cachorro
 falou que ele é chato, mas o cachorro não se importou e falou
 passado o tempo, o dono falou os animais ficaram muito tãtã
 eles separou o Lucas o filho do dono, mudou tudo os animais não
 gostaram era maltratado pelo Lucas.
 um dia cachorro e gato fugiram da fazenda.
 O cachorro caiu e o gato foi tentar ajudar o cachorro falou ele
 falou que estava bem e que falava pouco pense o gato falou
 moral da história: não escute o que as pessoas falam de ruim e
 a judo o próximo

Os temas secundários, tais como, morte, maus-tratos e fuga, presentes na fábula do educando 4, denotam que são parte integrante da vida do educando-autor, pois, conforme

conclui Botelho (2012, p. 2), “quando eles escrevem ou falam, traduzem, no conjunto textual, suas vidas com seus familiares na comunidade e no cotidiano”.

EDUCANDO 5	
IDADE:	12 anos
TÍTULO:	O gato e o rato – II
RESUMO:	O gato presta solidariedade ao rato, mas a chegada do leão faz com que o gato tome uma sábia decisão
VIRTUDE:	Sabedoria
EPIMITIO:	Não adianta brigar, pois não vai levar a lugar algum. Você não precisa fazer isso, sujando as suas mãos
NÚMERO DE PRODUÇÕES	4

ANÁLISE:

O educando 5 aproveitou o exercício da sequência didática para elaborar sua versão diagnóstica que, após aperfeiçoamentos por meio da reescrita, transformou-a na produção final de sua fábula autoral.

Interessante notar que a fábula do educando 5 possui uma extensão maior que a dos demais educandos, pois investiu em alongado diálogo entre as personagens. Observa-se também o uso da letra inicial maiúscula para nomear as duas personagens principais, Gato e Rato, que são caracterizadas no início do texto. O uso da adjetivação para descrever as personagens principais é bem trabalhado, pois favorecer as ações dessas personagens ao longo da fábula, por exemplo, o rato esperto percebe a personalidade traiçoeira do leão “O rato viu que ele não era flor que se cheire” e o gato inteligente, que também pode ser chamado de sábio, decide acabar com a briga entre ele e o leão “Chega! Não há necessidade disso!”, por saber que brigar não é a melhor opção para resolução de problemas, e o *epimitio* da fábula confirma a ação sábia do gato “Não adianta brigar, pois não vai levar a lugar algum. Você não precisa fazer isso, sujando as suas mãos.”.

"O Gato e o Rato"

Era uma vez um gato e o Rato. O Rato vivia na floresta e o Gato na casa de sua dona, lá na cidade de São Francisco. O Gato era inteligente e o Rato esperto.

Um dia, o Gato foi na rua, estava o Rato comprando frutas e legumes, quando o tempo se fechou. O Rato disse:

— Passam! Como eu vou pra casa agora?

O Gato chegou, viu a preocupação do Rato e foi ajudá-lo. Chegando lá, o Gato disse:

— Oi, te vi bastante preocupado com alguma coisa?

— É que agora não posso ir para minha casa porque choveu! Respondeu o Rato.

O Gato, com sua humilde gentileza, disse o seguinte:

— Ah, então vamos para minha casa já não dá? Podemos correr disfarçados.

— OK! Então vamos lá estar faminto! Falou o Rato.

Mais tarde, chegando em casa, a comida estava na mesa, logo em seguida, alguém bateu na porta.

Toc, toc, toc.

— Quem é? Perguntou o Gato.

— Ei! Preciso de ajuda, estou todo molhado, você poderia me ajudar? Disse o animal desorientado.

— Sim! Claro entre por favor, você pode ficar aqui até a chuva passar! Falou o Gato.

Logo então o Rato se arrependeu de não ter se lembrado. Com o tempo passando

o Rato saiu da sua escondidinha e se juntou a eles.

— Eu te conheço de algum lugar, não me sei de onde. Disse o Gato cheio de dúvida.

— Eu sou daqui de São Francisco, eu vivo na festa que tem aqui, lembra? Falou o leão.

— Sim! lembra. Respondeu o Gato.

O Rato viu que ele não era flor que se cheira, então falou o seguinte:

— Para, amigo não emborra, ainda a chuva já passou!

— Belega! Be gentileza fala, vai com Deus! Respondeu o Gato.

O Rato foi pra casa, e, na mão do Gato, ficaram o gato e o leão.

— Ligue seu amigo me deu uma fome, só que você tem mais carne do que ele! falou o leão.

— Você não é ruim aqui? Logo, qual é o seu problema, disse o meu amigo em paz. Disse o Gato.

— Nenhum! Eu só estava vendo uma carne deliciosa na minha frente que é você! Disse o leão.

Então o Gato, pra não perder, colocou suas garras pro gato e começaram a brigar.

— Chega! Não há necessidade disso! falou o gato.

— Vou embora, mas essa briga ainda não acabou! Disse o leão cheio de raiva.

Então o leão foi embora e nunca mais voltou, o Rato foi pra sua família e o Gato foi morar com sua filha. Então a minha história acaba aqui.

Moral: Não adianta brigar pois não vai levar a lugar alguma você não precisa fazer isso, seja onde suas mãos e tal. Fim!

EDUCANDO 6	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O dia dos animais
RESUMO:	Um grupo de animais decide abandonar o local onde mora, quando já está longe, decide voltar porque faz uma importante descoberta
VIRTUDE:	Prudência
EPIMITIO:	Não abandone o certo pelo duvidoso
NÚMERO DE PRODUÇÕES	5

ANÁLISE:

Da versão diagnóstica à versão final, o educando 6 mudou três vezes de história. Inicialmente, havia aproveitado o exercício da sequência didática para criar a versão diagnóstica e a primeira reescrita, porém, abandonou todas as ideias anteriores para criar uma nova, que a rejeitou em seguida, e criou a definitiva.

A narrativa desenvolve-se a partir de um desejo coletivo de liberdade de um grupo de animais. Interessante notar que a experiência máxima de liberdade desses animais é retratada através da figura do mar “Eles resolveram sair dali, foram para perto do mar”, ao mesmo tempo que o próprio mar serve de ponto de reflexão e de tomada de decisão, “Depois resolveram voltar para o zoológico, porque lá estão as melhores lembranças”, e assim, corroborada pelo *epimitio* da fábula, a virtude da prudência é explicada por meio da saída do lugar de origem e da volta dos animais a esse mesmo lugar “Não troque o certo pelo duvidoso.”.

O dia dos animais

Há muitos anos atrás, um rebanho de animais fugiram do zoológico, foram para grande cidade, as pessoas ficaram muito assustadas. Então uma mulher ligou pro gelador e o animal:

— Olá, senhor gelador, tem um bando de animais aqui, estão assustados. Respondeu a mulher

— Sim, pois não. Vou me informar com os outros geladores.

— Ok, obrigada. Respondeu a mulher.

Na fábula do educando 6, houve negociação de sentido através do dialogismo, porque, inicialmente, o educando escreveu “rebanho de animais” para retratar variados animais como elefante e girafa, sem saber que a palavra rebanho é designada apenas para animais da mesma espécie. Assim, após explicação do significado da palavra rebanho, o educando decide substituí-la, na versão final, pela palavra bando.

EDUCANDO 7	
IDADE:	12 anos
TÍTULO:	O menino honesto e guerreiro
RESUMO:	Um menino que luta para realizar seus desejos e sonhos
VIRTUDE:	Perseverança
EPIMITIO:	Corra atrás dos seus sonhos
NÚMERO DE PRODUÇÕES	3

ANÁLISE:

Poucas são as fábulas presentes nesta pesquisa que se utilizam de personagens humanas, e a fábula do educando 7 é uma delas. Contudo, devido à inassiduidade desse educando, na produção fabular final, encontra-se ainda a necessidade de ajustes, como a da repetição desnecessária do pronome “ele”, por exemplo.

Para fins de aprendizagem qualitativa, não foi viável apontar no texto desse educando muitas e diversificadas marcações em um só tempo, devido à única reescrita apresentada por ele antes da produção final. Era necessário um número maior de reescritas do educando 7, para que outras intervenções fossem realizadas em seu texto, como o trabalho de elipse e de sinonímia. Esse cuidado em não apontar, de uma só vez, todos os equívocos ou propostas de melhorias textuais no texto do educando deve-se à preocupação de não deixa-lo desmotivado com o trabalho da reescrita e desorientado com tantas e novas informações em seu texto.

A fábula analisada diz respeito a um menino que, para ter seu emprego fixo, se esforça para superar todos os obstáculos encontrados, no entanto, desiste do seu desejo inicial por um sonho maior, e, no final, conquista todos os seus objetivos. Por conseguinte, o *epimitio* confirma à fábula a ideia de que a perseverança vale à pena “Corra atrás dos seus sonhos!!!”.

Na fábula do educando 7, há alguns fatores sociais que merecem destaque, pois, segundo Botelho (2012, p. 8), “seus textos transmitem o sociocultural das relações humanas que participam na construção do seu histórico pessoal”. Por isso, a fábula autoral do educando 7 retrata: a separação dos pais evidenciada por trechos em que mostram cada genitor morando em uma casa diferente “Então ele ficou nervoso e fugiu de casa, foi para casa do seu pai” e “Voltou para a casa da sua mãe”; a confirmação da ausência paterna na história e na vida da personagem “Ao chegar na casa, bateu na porta e começou a gritar pelo pai, ele não sabia que não tinha ninguém em casa.”.

O menino queria trabalhar

Ele como Vez um menino que queria um trabalho.

* Ele estava querendo um trabalho fixo, ^{mas} ele não sabia, até que um dia o avô dele chamou o menino para trabalhar em uma oficina.

Ele ^{mas} muito feliz, foi trabalhar, ^{mas} ele não esperava que ia ter que morar com seu avô.

Quando ele chegou na oficina, ~~ele~~ ^{ele} ficou muito triste, e o avô dele chamou ele o menino em uma sala para conversar.

O avô dele falou que ele não poderia trabalhar na oficina se morasse com ele ~~como~~ ^{como}.

Ele queria muito um trabalho, aceitou, ~~mas~~ ^{mas} que ~~ele~~ ^{ele} tinha que pedir sua mãe.

Chegando em sua casa, falou com sua mãe e ela não deixou. Então ele ~~gritou~~ ^{gritou} que queria trabalhar e fugiu de casa, foi para a casa do seu pai. ~~Ele~~ ^{Ele} chegou na casa.

Bateu na porta e começou a gritar pelo pai, ~~ele~~ ^{ele} não sabia que ~~ela~~ ^{ela} não tinha ninguém em casa. Então ~~ele~~ ^{ele} começou a gritar, voltou para a casa da sua mãe.

Chegando em casa, viu que sua mãe estava chorando por que não sabia ~~onde~~ ^{onde} ele estava. ~~Ele~~ ^{Ele} então em casa foi conversar com sua mãe.

~~Ele~~ ^{Ele} a mãe dele disse que iria deixar ele morar com seu avô, ^{mas} ele disse que não queria mais trabalhar. ~~Com~~ ^{com} isso ~~ele~~ ^{ele} decidiu que iria pagar um curso de medicina e ~~depois~~ ^{depois} também que sua mãe iria pagar um curso de medicina para poder ajudar sua mãe.

Depois de terminar o curso, ele ~~virou~~ ^{virou} um médico, ~~depois~~ ^e depois de alguns anos, ficou famoso e ~~rico~~ ^{rico}.

Moral da história: Cuida mais dos seus sonhos!!!

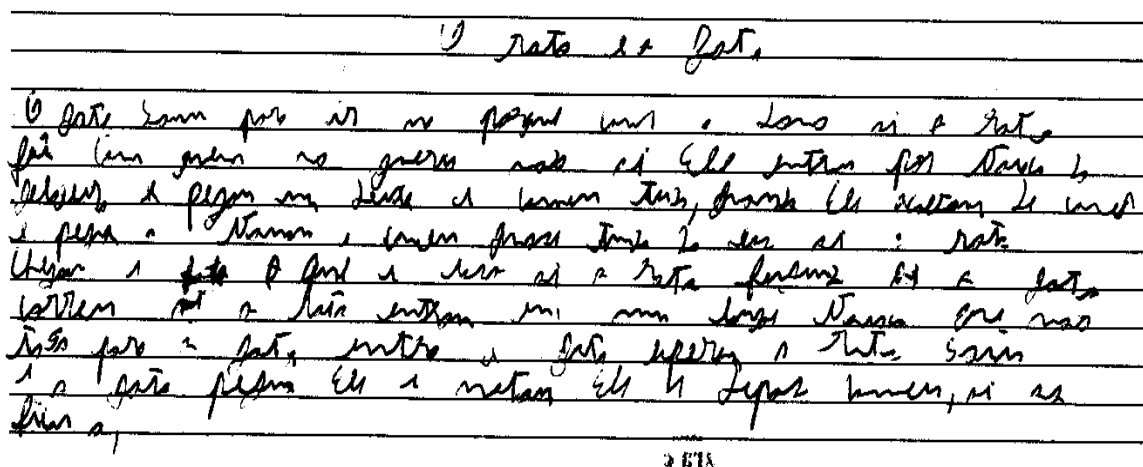
Outro aspecto social é a marcante presença da figura materna que educa e acolhe com amor “Chegando em casa, falou com sua mãe e ela não deixou”, “Chegando em casa viu que

sua mãe estava chorando porque não sabia onde ele estava. Ao entrar em casa, foi correndo abraçar sua mãe”; o sonho de ter uma formação acadêmica privilegiada como a medicina e, por conseguinte, trabalhar como médico, alcançar fortuna e fama, com o propósito de recompensar materialmente quem dedicou à personagem principal todo esforço financeiro e afeto: a mãe, “Disse também que seu sonho era virar um médico para poder ajudar a sua mãe.”.

EDUCANDO 8	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O gato e o rato - III
RESUMO:	Um rato que resolveu furtar para alimentar seus filhos
VIRTUDE:	Bondade
EPÍMIO:	Pague o mal com o bem
NÚMERO DE PRODUÇÕES	7

ANÁLISE:

O número expressivo de produções do educando 8 justifica-se, em parte, porque escreveu as três primeiras produções de forma incompleta. No entanto, quando comparadas a versão diagnóstica à produção final, vê-se uma grande evolução qualitativa na leitura e na escrita desse educando.



Observa-se na fábula autoral do educando 8 que, embora seja a virtude da bondade o fim de sua escrita, a violência faz-se presente de forma contundente em sua fábula. Assim,

aspectos sociais de fome, furto, ameaça contra a integridade física compõem a narrativa fabular do educando 8.

Essa fábula autoral impressiona por mostrar situações sociais extremamente difíceis, por exemplo, furto justificado por uma das formas de violência (fome), com o propósito de alimentar filhos, “Ele saiu, vou assaltar a geladeira e alimentar meus filhos. Vou pegar aquele queijo”; e o furto perdoado em nome de uma espécie de bondade particularizada e às avessas (ameaça de violência física), “Tá! Tá bom! Mas se fizer de novo, vou te bater”, confirmado pelo *epimítio* “Pague o mal com o bem.”.

O gato e o rato

Eu como ratos um gato que tinha saído para fazer e
um rato desesperado por comida

O rato, quando viu que o gato tinha saído, falou
— Ele saiu sem acreditar a geladeira e alimentar meus filhos
para pegar aquele queijo.

O gato chegou no hora que rato pegou o queijo. O rato, assim
tentou entrar na casa do rato, mas não
conseguiu entrar.

O rato deu a queijo para seus filhos comerem enquanto o gato estava
dentro na casa do rato e o rato estava nervoso dentro de casa
para deixar os seus filhos comerem um paz

O gato falou:

— porque não não saiu no hora que te chamou?

— O rato respondeu de modo respondido, entrou para casa do rato

— O gato chamou de rato

— O rato falou: gato, para eu entrar, meus filhos também não podem
e não consigo ir para escola, no trabalho

— O gato respondeu:

— Tá! Tá! Bom mas se não fizer de novo, vou te bater.

Mais a thararar! Ligue o mal com o bem!!

Outros trechos exploram essa angústia social pela sobrevivência da própria personagem principal e pela de seus filhos. Assim, por saber, como Sousa (2001), que toda fábula “é uma obra adrede elaborada, com objetivo de explicar comportamentos e situações da vida prática cotidiana, chegando mesmo a sugerir soluções, principalmente no campo da convivência social” (SOUSA, 2001, p. 68), trechos como, “O rato deu queijo para seus filhos comerem, enquanto o gato tentava entrar na casa do rato. O rato tava nervoso, então se acalmou saindo

para deixar os seus filhos comerem em paz”, “Gato, não me bata, por favor. Meus filhos tavam com fome e não consigo ver eles assim, me desculpa.” deixam essa narrativa fabular ainda mais tensa.

EDUCANDO 9	
IDADE:	15 anos
TÍTULO:	O rato e o gato
RESUMO:	Um ratinho que se põe em perigo por ter saído escondido de casa
VIRTUDE:	Prudência
EPÍMIO:	Sempre se deve confiar em sua mãe, ela sabe das coisas
NÚMERO DE PRODUÇÕES	3

ANÁLISE:

O educando 9, já na versão diagnóstica, demonstra segurança na substituição de substantivos por pronomes, sobretudo em posição de complemento, como nos exemplos, “pegá-lo”, “procurá-lo”, o que os demais educandos não apresentaram, mesmo os que possuem idade superior a dele. Uma hipótese para tal fato é que o educando 9 chegou ao CIEP 374 no segundo semestre do ano letivo de 2019, advindo de um outro município distante, sem nunca ter estudado as séries iniciais do Ensino Fundamental em Belford Roxo, corroborando para a tese de que não sofreu interferência da rede municipal de ensino belforroxense, conforme dados do IDEB anteriormente apresentados.

Na primeira reescrita, aspectos de paragrafação, de sinonímia e de elipse foram empregados pelo educando 9, após intervenção dialógica. Interessante notar que, embora as personagens principais sejam o rato e o gato, conforme indicação no título, é a mãe do ratinho quem aparece como heroína e ganha centralidade a partir de um determinado momento da história.

O rato e o Peão

Então, uma vez um ratinho que saiu escondido da mãe para explorar os arredores de sua casa. Mal sabia que havia uma rato dentro do armário, só esperando ele sair da toca para na própria.

O ratinho despretencioso continuou a explorar os lugares novos de incantação em um grande prazer, porque o gato foi tudo em cada o lugar com amadilhas, como os ratinhos, por toda parte.

A mãe do ratinho, ao perceber que ele tinha sumido, saiu para procurá-lo até que o encontrou em um lugar ~~de~~ grande dingo com o gato tentando matá-lo dentro, mas ela correu ao lado um dingo com fundo para salvar o seu filhote. Enquanto o ratinho fugia com a mãe, o gato, com uma de conta, ficou pensando que o rato ainda estava lá.

Quando o rato e a sua mãe chegaram em casa, ela chegou com eles, mas o peão se parou por ter doído uma promessa. Então a mãe do ratinho deu um beijo e um abraço nele e ficou tudo bem.

Moral da história: Sempre se deve confiar em sua mãe, ela sabe das coisas.

Mais uma vez, a figura materna é ressaltada nesta pesquisa, acentuando ainda mais a ausência da figura paterna nas fábulas autorais dos educandos participantes deste projeto. A mãe do ratinho ganha notoriedade porque percebe o sumiço do filho, procura por ele, encontra-o, salva-o, põe-no em lugar seguro, adverte-o, perdoa-o, beija-o, abraça-o e age com prudência durante toda a trama. A importância da figura materna e sua centralidade na fábula ainda são confirmadas através do *epimítio*, pois além de prudente, corajosa, é também sábia “Sempre se deve confiar em sua mãe, ela sabe das coisas.”

EDUCANDO 10	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	O rato e o hamster
RESUMO:	O rato recebe a visita do hamster após muita insistência
VIRTUDE:	Perseverança
EPIMITIO:	Se você não implorar, não consegue
NÚMERO DE PRODUÇÕES	4

ANÁLISE:

Embora o educando 10 tenha aproveitado os exercícios da sequência didática para elaborar sua primeira fábula, a versão final manteve apenas as personagens indicadas no título da versão diagnóstica. Sua fábula traz a história de um rato que quer muito a visita do seu vizinho hamster, e, depois de muito insistir, o hamster vai à casa do rato, mas não se demora lá, porque insiste para ir embora, por isso o epílogo dessa fábula condensa a ideia de perseverança, porque, caso não houvesse insistência de ambas as partes, nenhuma das personagens conseguiria realizar suas vontades “Se você não implorar, não consegue”.

Capítulo da fábula

O Rato E O Hamster

Era uma vez um Rato E o Hamster um dia o Rato encontrou um lugar com uma casa com uma porta e o Rato bateu na porta e disse Toc Toc de "Toc" e perguntou o Rato - O Hamster abriu a porta E o Hamster falou para o Rato - O Senhor que você quer E chegou a resposta para o Rato - E o Rato falou Senhor Hamster eu quero saber se posso entrar - O Hamster falou eu só posso admitir se eu o hamster disser o Hamster abriu a porta e depois de 10 dias depois o Rato encontrou um animal fofinho era um gato e o gato viu o Rato e o Rato ficou paralisado e o gato falou miau miau E o Rato falou para o gato - O gato foi correndo atrás do Rato e deu um salto bem grande E o Rato ficou paralisado e quando o gato viu que o Rato se desmanchou o gato falou o Senhor rato tá aí está um Rato aqui e o Rato falou - E o Rato viu que a gata estava comendo e o Rato falou o Senhor gata está comendo e o Rato falou - E eu não quero comer a carne do seu gato - E o Rato falou para a gata - Se você não implorar, não consegue

A moral da fábula que se faz não

Os textos do educando 10 apresentam muitos problemas relacionados à estrutura, à paragrafação, à coesão e à coerência textuais, por isso houve a necessidade de muitas intervenções nos textos desse educando. As intervenções dialógicas ocorreram de forma oral e através de marcas nas versões fabulares. A reconstrução textual foi feita, parágrafo a parágrafo, com o auxílio do professor, fazendo com que o educando 10 conseguisse produzir a versão final de sua fábula e demonstrar, com mais segurança, seus conhecimentos. Nota-se ainda a preferência do educando 10 por onomatopeias, com a intenção de aproximar um episódio fictício a sua situação real, como o ato de bater à porta “Toc toc toc”.

Era uma vez um Rato e um Hamster
 um lugar tão bonito que a Rata Batem na Pata Tac Tac
 - Quem é ?
 a Rata ficou colada o Hamster pergunta
 - quem é estas perguntando
 - Eu sou a seu vizinho da lado vaci esta amizade por
 a minha festa vaci é a minha amizade especial
 O Rata ficou falando é falando esta que dissembra
 a Hamster foi na casa da Rata e Batem na pata Tac Tac Tac
 - Sembrar Hamster seja bem vindo que temer um pouco
 de água fica por favor fica
 - Simples Rata eu não fosse preso in pra casa
 Moral da História se vaci não Simbrar na
 casaque

EDUCANDO 11	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	A raposa e a cachorra
RESUMO:	A cachorra queria brincar com a raposa que, inicialmente, se recusou a brincar com ela, porém, no fim, aceitaram brincar juntas e para sempre
VIRTUDE:	Amizade
EPÍTIPO:	Amizade é mais importante do que as brigas
NÚMERO DE PRODUÇÕES	5

ANÁLISE:

O educando 11 mudou completamente, na primeira reescrita, a história que construiu na versão diagnóstica. Na primeira versão, apresenta falhas ortográficas que demonstram um processo de alfabetização ainda não concluído, apesar da idade e do ano de escolaridade. Encontram-se “linca” (brincar), “com migo” (comigo), “traz cessava” (?), “arpino” (rápido), entre outros exemplos. Além disso, apresentou problemas de estruturação, coesão e coerência textuais.

Raposa e a cachorra

Era uma raposa e uma cachorra que estavam juntas. A raposa queria brincar com a cachorra, mas a cachorra não queria brincar com a raposa. Mas a cachorra falou para a raposa não falar com a raposa, mas não queria brincar com a raposa. A raposa falou que não queria brincar com a raposa, mas não queria brincar com a raposa. Quando aconteceu isso, a cachorra começou a chorar, mas a cachorra não estava. Quando os animais viram um outro de muito, três pessoas viram que não é mais o mesmo, mas que a cachorra não é a raposa, aquela brinca com a cachorra, mas não é a raposa.

A narrativa traz a amizade como tema principal, quando uma cachorra aproxima-se da raposa para brincar e recebe a recusa dela, porém, no final da história, as duas viram amigas e prometem brincar juntas para sempre, por isso, a amizade é uma espécie de celebração entre dois seres que se querem bem e que se querem próximos, conforme explica Aristóteles (2001),

(...) a amizade é uma parceria, e um homem está em relação com ele mesmo da mesma forma que está em relação com seu amigo; para ele, a consciência do seu ser é um bem, e também o é, portanto, a consciência do ser de seu amigo, e essa consciência se torna ativa quando eles convivem; por conseguinte é natural que desejem conviver (ARISTÓTELES, 2001, p. 211).

Raposa e a cachorra

Era uma raposa e uma cachorra. A cachorra queria brincar com a raposa, mas a raposa não queria. A raposa queria brincar com a raposa porque eu tenho mais amigos - falou a raposa. Não precisa brincar com a raposa - disse a cachorra. Mas foi a raposa que passou por aqui e falou com a raposa - disse a raposa. Como eu não brinco com a raposa? perguntou a cachorra. Não brinco juntas de apostar corrida? perguntou a raposa. Sim, vamos brincar juntas para sempre - raposa e cachorra falaram juntas. Moral da história: Amizade é mais importante do que os amigos.

O trabalho de intervenção dialógica com o educando 11 foi muito particular, pois possibilitou-lhe reorganizar seu texto, parágrafo a parágrafo, com o auxílio do professor. Todavia, a negociação de sentido e a reconfecção do *epimitio* foram bem-sucedidas apenas

com a intervenção oral, que levou o educando 11 a refletir sobre uma frase que sintetizasse todo o ensinamento que ele, enquanto autor, queria passar a seus leitores por meio de suas personagens. Dessa forma, o educando retirou a frase copiada do final da fábula “Vamos ser amigos para sempre” e a substituiu por “Amizade é mais importante do que as brigas.”

EDUCANDO 12	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O leão e o pássaro
RESUMO:	O filhote de leão quer brincar com o pássaro, porém, este rejeita o pedido e ainda insulta o leãozinho, deixando-o triste
VIRTUDE:	Respeito
EPÍMIO:	Não se deve caçoar das outras pessoas porque os outros se sentem mal
NÚMERO DE PRODUÇÕES	4

ANÁLISE:

Na versão diagnóstica, destaca-se o uso das adjetivações para caracterizar as personagens principais, indicadas no título. O educando 12 usa adjetivos duplos para essas personagens, assim, nas palavras do pássaro, é o “leão grande e desengonçado” e ele mesmo é “pássaro lindo e pequeno”, porém, é a mãe do leãozinho que vai mostrar ao filho a adequada característica de cada um, por isso, o filhote de leão é “grande e forte” enquanto que o pássaro é “pequeno e fraco”.

O Leão e o pássaro

O leão saiu para brincar na floresta e então viu o pássaro e disse - pássaro brincar com o leão? o pássaro respondeu - claro que não um leão grande e desengonçado como você brincando com um pássaro lindo e pequeno como eu. e os dois se foram para a floresta daqui.

O leão foi embora chorando de volta para sua mãe. a mãe de pergunta - por que ele está chorando? ele disse - mãe aquele passarinho me pediu para brincar com ele e ele disse que um leão grande e forte como eu brincar com um pássaro pequeno como ele. a mãe de disse para não ligar para o que os outros dizem porque a vida é feita de coisas que ele é grande e forte e ele é pequeno e fraco.

A violência mais uma vez é trabalhada nas fábulas autorais dos educandos participantes deste projeto acadêmico, e, dentro do enredo fabular do educando 12, ocorre uma inversão muito interessante da lógica comum, quando um animal pequeno (pássaro) maltrata um grande (leão), por meio da violência verbal. Observa-se que o leão grande é atingido por palavras negativas proferidas pelo pássaro pequeno, fazendo com que a autoestima dele fosse abalada, deixando-o triste “ele disse que sou um leão grande e tolo”.

A presença da figura materna também é enfatizada na fábula autoral do educando 12. Ela aparece para intervir positivamente na história, “a mãe disse para não ligar para o que os outros dizem porque é pura inveja”, e ajudar seu filho a perceber o real valor que ele tem, “grande e forte”, ensinando-o a ter respeito por si mesmo. Apesar desses trechos não terem sido preservados na versão final, o *epimítio* confirma a mensagem de respeito ao próximo e a si mesmo “Não se deve caçoar das outras pessoas porque os outros se sentem mal”.

O leão e o pássaro

O leão saiu para brincar na floresta e então viu o pássaro e ^{perguntou} perguntou: "Pode brincar com você?"

Claro que não! Um leão grande e desconfiado como você brinca com um pássarozinho pequeno como eu?? Se há seus dentes. Agora vai embora daqui.

x Não pular linha

O leão foi chorando para sua mãe e a mãe dele perguntou - lhe por que ele estava chorando? ^{então} ele respondeu:

- Mãe, aquele pássaro me mandou embora de lá.

a mãe dele disse:

- Mas por que ele te mandou embora de lá, filho?

Ele disse:

- Só porque eu pedi pra brincar com ele.

A mãe dele disse pra ele não ligar pra que os outros dizem dele.

Moral da história: (Copiar do outro texto que você fez)

↳ Rever a Moral

Escrever até o final da linha

Cabe dizer que as intervenções realizadas nas versões fabulares do educando 12 constam de marcações no texto, como as que marcam o espaço inicial do parágrafo (correção indicativa); de respostas que substituem palavras ou trechos, como “descenconsado” por “desengonçado” (correção resolutiva) e de recados deixados pelo professor (correção textual-interativa), tanto nas margens como no fim da página, para o educando, como o lembrete de revisão da moral da história (*epimitio*), porque se esqueceu de escrevê-lo na versão analisada. Assim, as intervenções dialógicas, que propõe a (re)leitura e a reescrita, demonstram que o papel do professor é “estimular a cada momento a tentativa de produção do aluno e orientá-lo na aquisição dos padrões adequados” (Cf. ANTUNES, 2003, p.166).

EDUCANDO 13	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O leão e o chupa-cabra
RESUMO:	O chupa-cabra tem dificuldade em cumprir o acordo feito com o leão, porém, não desiste
VIRTUDE:	Perseverança
EPIMITIO:	Se quiser algo, faça você mesmo
NÚMERO DE PRODUÇÕES	6

ANÁLISE:

O educando 13 não manteve a história da versão diagnóstica, e, na reescrita 2, precisou de mais intervenções na sua fábula, tais como, marginação direita, espaço parágrafo, pontuações, entre outras. Porém, ao comparar a versão diagnóstica com a produção final, o educando 13, assim como os demais participantes do projeto, apresentam um gradativo desenvolvimento e um notório aperfeiçoamento em suas versões fabulares.

O leão e o chupa-cabra

Quando Era uma vez ~~um~~ leão ^{que} estava em sua toca
entrou um chupa-cabra e desentendeu?
- ~~Se~~ ^{Sem} leão, eu posso ficar aqui alguns dias?
- ~~Se~~ ^{Se} não eu quero ~~chupar~~ ^{chupar} em ~~teu~~ ^{teu} ~~corpo~~ ^{corpo}. Tudo bem?
- No dia seguinte, o chupa-cabra foi
coçar o nariz ~~entregando~~ ^{entregando} comida. O leão ficou
muito ~~feliz~~ ^{feliz} e ele mesmo ~~foi~~ ^{foi} ~~coçar~~ ^{coçar}. Acheu
um ~~leão~~ ^{leão} e ~~comeu~~ ^{comeu} ~~seu~~ ^{seu} ~~próprio~~ ^{próprio}.
- Voltou, ~~mas~~ ^{mas} o leão ~~estava~~ ^{estava} ~~feliz~~ ^{feliz}. ~~Ele~~ ^{Ele} ~~perguntou~~ ^{perguntou}:
- ~~Você~~ ^{Você} ~~comeu~~ ^{comeu} ~~alguma~~ ^{alguma} ~~coisa~~ ^{coisa}? ~~O~~ ^O ~~leão~~ ^{leão} ~~respondeu~~ ^{respondeu}:
- ~~Sim~~, ~~mas~~ ^{mas} ~~eu~~ ^{eu} ~~estava~~ ^{estava} ~~travando~~ ^{travando} ~~comida~~ ^{comida} ~~para~~ ^{para} ~~minha~~ ^{minha} ~~caixa~~ ^{caixa}.
Chupa-cabra ~~começou~~ ^{começou} a ~~coçar~~ ^{coçar}, ~~depois~~ ^{depois} ~~de~~ ^{de} ~~alguns~~ ^{alguns} ~~dias~~ ^{dias} ~~seguintes~~ ^{seguintes}
coçando e ~~entregando~~ ^{entregando} comida. ~~Voltando~~ ^{Voltando} o chupa-cabra
achou ~~uma~~ ^{uma} ~~coisa~~ ^{coisa} ~~para~~ ^{para} ~~comer~~ ^{comer} e ~~fez~~ ^{fez} ~~com~~ ^{com} o leão
conversar ~~por~~ ^{por} ~~alguns~~ ^{alguns} ~~dias~~ ^{dias} ~~mais~~ ^{mais} ~~em~~ ^{em} ~~seguintes~~ ^{seguintes}
embora.

Moral da história: Se quiser algo, faça você mesmo.

Escrever até o final da linha.

A fábula do educando 13, igual a de seus colegas, apresenta uma sintaxe simples, por vezes incompleta, composta por orações coordenadas e com falta de pontuações, sobretudo, de vírgula. Deduz-se que um dos motivos para quase todos os participantes apresentarem as mesmas necessidades de intervenções no texto é a pouca experiência com a escrita e suas singularidades, visto que seus textos escritos ainda apresentam muita similaridade com o texto oral informal.

A narrativa desenvolve-se, principalmente, nas ações do chupa-cabra, que, mesmo enfrentando dificuldades em cumprir sua parte do acordo com o leão, se esforça ao máximo até conquistar seu objetivo, e essa atitude é ainda enfatizada pelo *epimitio* “Se quiser algo, faça você mesmo”.

Portanto, as incorreções encontradas na maioria das fábulas autorais dos educandos participantes desta pesquisa acadêmica, incluindo as do educando 13, decorrem, segundo palavras de Garcia (2010), “menos dos deslizes gramaticais que das falhas de estruturação da frase, da incoerência das ideias, da falta de unidade da ausência de realce” (GARCIA, 2010, p.266).

EDUCANDO 14	
IDADE:	16 anos
TÍTULO:	A cadelinha e o bolo desaparecido
RESUMO:	Por causa de uma atitude irresponsável, a tartaruga quase prejudica sua amiga cadelinha
VIRTUDE:	Responsabilidade
EPIMITIO:	Não pegue algo que não te pertence porque, da mesma forma que você não iria gostar, o outro também não vai gostar
NÚMERO DE PRODUÇÕES	4

ANÁLISE:

O educando 14 aproveitou os exercícios propostos na sequência didática para construir sua primeira versão fabular, chamada de diagnose, e manteve a mesma história na versão final, quando a tartaruga assume a responsabilidade do seu erro e faz o possível para remediá-lo. Atitude ratificada pelo *epimitio* “Não pegue algo que não te pertence porque, da mesma forma que você não iria gostar, o outro também não vai gostar.”.

A versão diagnóstica, embora se apresente sem paragrafação e sem pontuações para marcar o discurso direto, não apresenta grandes problemas que dificultam a compreensão da fábula, conforme explicação de Garcia (2010),

(...) quando o estudante aprende a concatenar ideias, a estabelecer suas relações de dependência, expondo seu pensamento de modo claro, coerente e objetivo, a forma gramatical vem com um mínimo de erros que não chegam a invalidar as redações (GARCIA, 2010, p.266).

A Cadelinha e o Rato desobediente

Era uma vez uma cadelinha passeando no parque, um parque muito
 lindo onde ela foi convidada para sua casa ali ela conheceu sua amiga
 Catarina, a Catarina ficou muito feliz quando conheceu sua amiga
 Cadelinha a Catarina perguntou para a Cadelinha: amiga por onde vai
 este mês e Cadelinha falou assim meu pai vai que os amigos e
 Catarina ficou muito feliz e depois disso elas ficaram ali e a Cadelinha falou
 para sua amiga Catarina não podemos nem pensar em ir para a
 casa que está em casa do meu pai como a Catarina é muito espantada
 do espírito da amiga e como também para poder provar o leite, mas
 como não não queriam de comer o leite então, após a sua amiga
 Cadelinha voltar ela ficou muito nervosa por ter comido o leite então
 então a Cadelinha perguntou onde está o leite que a minha dona deu para
 a Catarina e ela não falou e ela não falou e a Cadelinha começou a chorar
 e a Catarina ficou triste por ver sua amiga triste então a Catarina
 teve uma ideia vamos preparar outro leite a Cadelinha falou não mais que
 sua dona não dá com os seguintes e elas começaram a fazer o leite depois
 de alguns minutos o leite ficou pronto então para fazer o leite depois
 que era para fazer elas prepararam o leite e instalou perfeito quando sua dona
 chegou e viu que o leite estava como ela tinha desejado, ela falou para
 sua amiga Cadelinha muito bem você tomou leite de leite e
 sua dona ficou muito feliz por ter conversado com sua Cadelinha para se com-
 pensar de seu um pedaço de leite para sua Cadelinha

Observa-se que a fábula autoral do educando 14, assim como a de muitos educandos, trazem uma vaga indicação tempo-espacial, como “Era uma vez”, “Um parque”, possibilitando que, desse modo, a fábula apresente uma certa neutralidade espaço-temporal e tenha a possibilidade de vida útil maior, a exemplo das fábulas de memoráveis fabulistas, que atravessaram gerações.

EDUCANDO 15	
IDADE:	12 anos
TÍTULO:	O cachorro e o rato
RESUMO:	Um cachorro faminto recebe alimento de um rato
VIRTUDE:	Compaixão
EPÍMOTIO:	Temos que ajudar as pessoas que mais precisam, porque pode acontecer com a gente e eles ajudarem
NÚMERO DE PRODUÇÕES	5

ANÁLISE:

O educando 15 aproveitou o exercício da sequência didática e manteve parcialmente a mesma história na versão final, contudo, nas versões intermediárias, o educando produziu um longo diálogo entre as personagens, dando-lhes até nome.

O discurso direto está presente em quase todas as fábulas autorais analisadas neste projeto, pois, além de facilitar o conflito e sua resolução, também possibilita a “melhor caracterização das personagens, com reproduzir-lhes, de maneira mais viva, os matizes da linguagem afetiva, as peculiaridades de expressão (gíria, modismos fraseológicos etc.)” (Cf. GARCIA, 2010, p. 149).

Ressalta-se que houve uma negociação de sentido na produção do educando 15, quando o professor questionou o educando sobre o comportamento do rato que aceita ajudar um cachorro faminto a caçar um rato morto, com a possibilidade de ser o rato morto membro da própria família da personagem. O professor ainda propôs ao educando usar o rato para dar uma lição de moral no cachorro por querer comer um exemplar da espécie do rato ou ainda procurarem juntos um outro tipo de comida, porém, o educando manteve seu texto inalterado até a penúltima versão por não concordar, inicialmente, com as reflexões do professor.

- Quem é abaci? - perguntou o rato
- Meu nome é BrodoK, e o seu? - disse o cachorro
- Meu é 'Têni'
* "Que legal!! Vamos ser amigos e caçar o rato junto?"
digo o cachorro
- Vamos sim - respondeu o rato.
Então eles foram caçar o rato e não conseguiram achar o rato.
* Eles decidiram de caçar o rato e foram embora quando eles achá-lo

Embora a fábula autoral do educando 15 também trate do assunto da fome, nesta fábula, o furto não aparece como justificativa para o ato de alimentação mas sim a virtude da compaixão, acompanhada do ato de caridade. Na última versão, o educando concentra sua história no diálogo entre o rato e o cachorro, com o objetivo de mostrar o exercício da virtude da compaixão, “Onde você pegou esse pedaço de bolo?”, “Tome, pode ficar para você”. As palavras do narrador também mostram que o rato compadeceu-se com a fome do cachorro “O rato ficou triste porque o cachorro estava sem nada para comer. Então o rato ficou com pena e deu o seu pedaço para o cachorro”.

"O Cachorro e o Rato"

Há muito tempo atrás havia um cachorro triste com fome e chegando passando por um rato com um pedaço de queijo. O cachorro triste chamou o rato e perguntou:

- Onde você pegou esse pedaço de queijo?
- O rato ficou triste porque o cachorro estava sem nada para comer.
- Então o rato ficou com fome e deu o seu pedaço para o cachorro.
- Toma, pode ficar pra você.
- Obrigada! - Disse o cachorro.
- Mas o que você vai comer? - Perguntou o cachorro.
- Eu peço outro pedaço - Respondeu o rato.
- Vou dividir com você - disse o cachorro.
- Não precisa, pode ficar pra você - disse o rato.
- Então o cachorro e o rato tornaram-se amigos de verdade.

Moral da história: Temos que ajudar as pessoas que mais precisam, porque pode acontecer com a gente e eles ajudarem.

Interessante notar que, independentemente do conhecimento das regras e das nomenclaturas de adjunto adnominal e de predicativo do sujeito, o educando 15 utiliza muito bem o adjetivo “triste” para marcar a tristeza permanente de quem não tem alimento para a própria sobrevivência “cachorro triste” e para também demonstrar a tristeza temporária de quem sente a dor do outro, por meio da compaixão, “O rato ficou triste”.

Observa-se ainda que a virtude da compaixão, vivida pelo rato, é também compartilhada pelo cachorro que não quer que o novo amigo passe pelas mesmas necessidades materiais que ele. Assim, o cachorro faminto preocupa-se em não deixar o rato sem ter o que comer “Mas o que vai comer?”, “Vou dividir o pedaço com você”. Por fim, o *epimítio*, muito adequado à mensagem de compaixão e de caridade presentes na fábula, afirma que “Temos que ajudar as pessoas que mais precisam porque pode acontecer com a gente, e eles ajudarem.”.

EDUCANDO 16	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	O coelho e a cenoura
RESUMO:	O coelho rouba cenouras de uma senhora e recebe uma grande punição
VIRTUDE:	Justiça
EPIMITIO:	Tudo tem consequência
NÚMERO DE PRODUÇÕES	3

ANÁLISE:

A delimitação de um gênero discursivo pode não ser uma tarefa fácil, por conta da sua relativa estabilidade, principalmente para os gêneros advindos dos contos orais populares, assim como acontece com o conto e a fábula. Esses dois gêneros discursivos têm em comum a narratividade, a concisão, a linguagem alegórica, todavia, é a fábula que impõe uma reflexão sobre um ensinamento ou comportamento moral de um indivíduo ou de uma coletividade, reforçada por uma frase-síntese implícita ou explícita, na posição de *protomíto*, *endomíto* ou *epimíto* no texto.

O educando 16, em sua versão diagnóstica, criou um conto porque, embora apresentasse uma frase na posição do *epimíto*, essa frase não refletia nenhum ensinamento em conjunto com o texto, e o próprio texto não se propunha a transmitir nenhum valor moral.

O Coelho e a Coruja (Cenoura)

É um dia, um coelho que vivia no seu toca, um dia, uma coruja foi morar no toca do coelho. A coruja tinha um plantão de cenouras, batatas, tomates, feijão, milho e batata. O coelho muito esperto, pegou algumas cenouras para comer no seu toca.

As cenouras eram muito gostosas e o coelho ficou muito preocupado.

- A coruja viu e ficou com suas cenouras e falou:
- Seu coelho, você não sabe mais nada sobre a cenoura?
- Como é isso uma cenoura? (Resposta?)
- Fácil, minhas cenouras.
- Ela sumiram?

A coruja e o coelho foram procurar as cenouras. O coelho foi pro dia e a cenoura pro seguinte. O coelho pegou a cenoura e a cenoura e elas estavam pra fora fizeram um tabuleiro de cenouras mesmo para todas as cenouras da plantação.

moral: não pegue nada que não te pertence (explorar o problema e a lição de moral dada ou aprendida)

- Fábula e sua estrutura
- Conto e sua estrutura

A produção final do educando 16 mantém uma estrutura próxima do conto, porém, acrescenta um desfecho moralizante e ajusta o *epimíto* “Tudo tem uma consequência” para a nova versão fabular, que centra no furto e na consequência de quem comete esse delito, ou seja, diferentemente das outras fábulas autorais presentes nesta pesquisa, que também

exploraram o assunto do furto, nesta fábula, aplica-se o princípio da justiça, pois quem se apropria das coisas alheias sem permissão sofre punição, “O coelho muito esperto adorou a plantação de legumes e foi pegar cenouras sem pedir à senhora, que não era uma senhora e, sim, uma bruxa” e “a bruxa transformou ele em um sapo horrível”.

Deduz-se que o educando 16 tenha optado pelo conto na versão diagnóstica e, depois, mantido uma estrutura ainda próxima do conto em todas as suas versões, devido à facilidade de contato com esse gênero, dentro e fora do ambiente escolar, visto que quase todas as crianças conhecem contos, seja na forma escrita ou na forma audiovisual, através dos desenhos animados ou filmes da Disney, como os da Branca de Neve, da Bela Adormecida.

EDUCANDO 17	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	A gata mandona
RESUMO:	Uma gata queria mandar e humilhar a todos apenas porque seu pai tinha muitos imóveis
VIRTUDE:	Respeito
EPÍMITIO:	Nunca deboche de quem não tem nada porque, quando você não tiver, os outros vão ter
NÚMERO DE PRODUÇÕES	6

ANÁLISE:

O educando 17 não manteve a história da versão diagnóstica na primeira reescrita, não aproveitou a versão anterior para criar a reescrita 2, o mesmo fez com a reescrita 3, e, somente na reescrita 4, o educando inventa uma história que a mantém até a produção final.

Interessante notar que, na história construída pelo educando 17, nenhuma personagem participante da fábula consegue dar a lição de moral de que a personagem principal precisa, visto que efetuou humilhações públicas, “Meu pai é um dos melhores, e o de vocês não são nada”, implementou uma formação de quadrilha para a prática do *bullying* escolar, “Ela tinha um grupinho de quatro, todas elas eram as estilosas da escola. Essas quatro gatas debochavam das outras gatas, e tudo o que a gata mandona mandava as outras gatas fazer, elas faziam tudo o que ela queria”, e agia de modo arrogante, apenas porque seu pai era dono de muitos

EDUCANDO 18	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	O leão e o lobo
RESUMO:	Na floresta, haveria uma guerra entre o grupo do leão e o grupo dos lobos, porém, depois de uma conversa, selaram a paz entre os grupos
VIRTUDE:	Igualdade
EPIMITIO:	Ninguém é melhor do que ninguém e não se deve pegar o que não é seu
NÚMERO DE PRODUÇÕES	5

ANÁLISE:

O educando 18 aproveitou as atividades da sequência didática para criar sua versão diagnóstica e manteve a história original na sua produção final, que diz respeito à igualdade de direitos, conforme *epimitio* “Ninguém é melhor do que ninguém e não se deve pegar o que não é seu”. Por isso, na fábula autoral do educando 18, não é permitido, em nome da igualdade de direitos, invadir o território do outro ou usurpar os bens do outro, “Por que você quer pegar a floresta de mim? Ninguém é melhor que ninguém. Vamos ser amigos? Então o lobo aceitou e a floresta ficou em paz.”.

Nota-se que, em todas as versões fabulares do educando 18, há marcas de correção feitas por ele mesmo. Isso significa que o educando já apresenta a atitude de reler e de revisar o próprio texto, por isso, em consonância com as palavras de Ruiz (2018), afirma-se que “o grande proveito possível que o aluno pode tirar, em função de uma intervenção do professor em seus textos, é aquele que advém também de um esforço pessoal seu para a correção dos próprios erros” (RUIZ, 2018, p.61).

O Leão e o Javali

Num certo dia na floresta sua aconteceu uma grande guerra do leão e seus parentes contra o javali e seus amigos. E o leão estava na frente como chefe. Pensaram primeiro numa armadilha para os javalis. Quando chegou a vez da guerra, mas não só apareceu um javali, mas também na floresta, então o leão e os seus amigos não entraram a armadilha dele, mas o leão correu atrás desse javali, e o javali quis fugir imediatamente porque sabia que poderia vencer o leão na corrida. Então o leão correu correu correu até o javali ficar cansado e largou-o para ir ao encontro da matilha dos javalis, porém, achando estranho que o leão não o perseguisse, resolveram voltar com seus amigos. O leão se espantou atrás dos galhos de galhos de árvores espessadas e pediu aos javalis para ir e voltar e a sua matilha, pois então acabou começando uma guerra, mas houve uma conexão entre o leão e o javali. Então o leão falou para o javali: "Por que quer pegar a floresta de novo? Ninguém é melhor que ninguém, nem os seus amigos?" Então o javali aceitou e a guerra ficou em paz.

moral da história: ninguém é melhor que ninguém, não se deve pagar a quem não é seu.

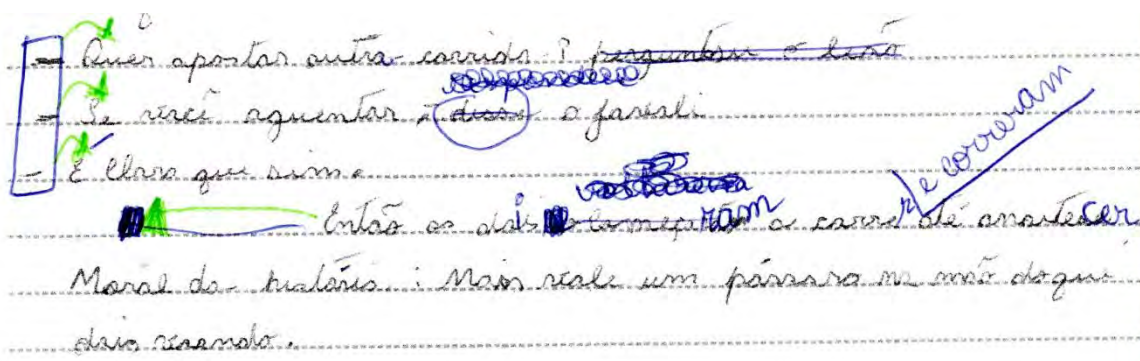
Um dos propósitos principais deste trabalho acadêmico é levar os educandos à conscientização de que a leitura e a escritura de um texto não são realizadas de forma única ou definitiva, e que todo o movimento (re)leitura e de reescrita são essenciais para que a efetiva interação entre o autor e leitor aconteça através de um texto inteligível.

EDUCANDO 19	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	O leão e o javali
RESUMO:	O leão e o javali disputavam uma corrida até que o javali perdeu
VIRTUDE:	Amizade
EPÍTIPO:	A amizade vale mais que a vitória
NÚMERO DE PRODUÇÕES	5

ANÁLISE:

O educando 19 não utilizou as atividades da sequência didática para criar sua versão diagnóstica, assim como, não manteve a história original na sua produção final.

A fábula apresenta uma história sobre uma competição de corrida entre o leão e o javali, porém, quando este perde, cria-se uma expectativa proposital para um desfecho que ou levaria o leão a ridicularizar o javali por ter perdido a disputa ou levaria o próprio javali a tentar reverter a frustração da perda ao querer diminuir o caráter do leão, por exemplo. No entanto, o educando 19 decide criar um final em que a amizade é celebrada acima de tudo, “Então depois que os dois beberam a água, o leão perguntou ao javali se ele queria correr novamente (...) Então os dois começaram a correr e correram até anoitecer”, apesar da vaidade ferida do javali, “O javali ficou triste porque perdeu a corrida”.



Uma negociação de sentido ocorreu entre o professor e o educando em relação ao *epimítio* anterior ao da versão final, “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, porque não condizia com a versão fabular. Desse modo, o educando 19 refletiu sobre a mensagem que ele queria transmitir e elaborou um novo *epimítio* mais adequado a sua fábula autoral, “A amizade vale mais que a vitória”.

EDUCANDO 20	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	O gato e o rato – I
RESUMO:	O gato furta a comida, debocha da vítima e foge
VIRTUDE:	Justiça
EPIMITIO:	Nunca pegue nada dos outros porque um dia você vai se dar mal
NÚMERO DE PRODUÇÕES	8

ANÁLISE:

O educando 20 aproveitou as respostas das atividades da sequência didática para criar sua versão diagnóstica, porém, não manteve sua história inicial até a sua produção final, que traz, novamente, o furto como um dos assuntos das fábulas dos educandos participantes desta pesquisa acadêmica. Nas versões iniciais do educando 20, há a presença, em grande quantidade, do marcador discursivo “aí”, e a ausência de elementos coesivos, assim como ocorre na oralidade de muitos educandos. Outra explicação para esses fenômenos é a de que, quando se comunica “nosso conhecimento ou nossa experiência, segmentamos em fatias aquilo que, em nossa mente tem uma natureza contínua e global” (Cf. KATO, 1990, p. 55-6).

The image shows a handwritten text on lined paper, written in a cursive script. The text is somewhat illegible due to the handwriting style and the quality of the scan. It appears to be a student's initial version of a fable, as mentioned in the text above. The text is written on several lines of paper, with some lines being cut off at the top and bottom. The handwriting is dense and somewhat messy, with many small words and phrases that are difficult to decipher. The overall appearance is that of a child's or young adult's handwritten work.

Todavia, diferentemente da abordagem dos outros colegas, o educando 20 apresenta o furto através de uma narrativa que demonstra um desfecho bem-sucedido para quem afanou o bem alheio, por isso a virtude da justiça, que não aparece de forma explícita na fábula, é retratada em forma de desejo exteriorizado no *epimítio* “Nunca pegue nada dos outros porque um dia você vai se dar mal”, carregado de expectativa de que a justiça será reestabelecida em algum momento futuro.

O gato e o rato

Era uma vez o gato e o rato. Eles moravam no estor
 todo muito perto uns pro outro alimentos. E de lado de fora
 tinha um cachorro latido. Mas o gato ia pegar alimentos e
 por cima do caso.

Um dia o gato ia pegar alimentos quando o cachorro perguntou:
 O que está fazendo aí assim?

- Vou pegar o cachorro depois que eu já não tem mais comida e
 falar.

- Seu trouxa!

O cachorro correu atrás do gato mas o gato foi esperto e entrou
 no buraco. O rato falou pro gato:

- Você tá maluco?

- O gato falou: eu não fugiu dele.

- Rato falou:

de desobediência não desobedeça.

O cachorro lá dentro tentou desobedecer a tempo, mas foi a **Agô**
 era de não. Então o cachorro ficou esperando o gato e o rato sair. O gato
 falou falando pro cachorro:

- deixa eu ver o cachorro falou:

- Foi com uma condição que não desobedeça tudo que falar o dia
 todo.

O gato falou:

- Não.

mas não que o gato queria ganhar tempo o cachorro deu o
 fugiu e nunca mais o cachorro viu eles.

mas: nunca fala nada de outros por um dia só isso.

Curioso notar que há, entre as fábulas dos educandos, quatro títulos idênticos “O gato e o rato” e, embora todas as histórias sejam diferentes, há, no total, oito personagens gato e oito personagens rato. A partir dessas constatações, deduz-se que a escolha desses animais para personagens é justificada pela familiaridade que os educandos têm com esses bichos, seja dentro de casa ou fora dela, visto que essa proximidade ajuda na caracterização das personagens com atributos humanos, por exemplo, gato esperto e ladrão, que engana e debocha da vítima, “Seu trouxa!”.

EDUCANDO 21	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	O gato e o rato - IV
RESUMO:	O gato matou o rato a pedido da dona, mas foi expulso de casa
VIRTUDE:	Prudência
EPÍMITIO:	Nunca faça mal pela pessoa e nem a ninguém
NÚMERO DE PRODUÇÕES	10

ANÁLISE:

O educando 21 não aproveitou as respostas das atividades da sequência didática para criar seu primeiro texto, versão diagnóstica, e não manteve sua história inicial na sua produção final, que diz respeito a uma atitude irrefletida do gato que, ao seguir o seu instinto e ao obedecer a sua dona, recebe um castigo por causa de sua ação. De forma imprudente, o gato não pesou as consequências ao matar o rato, “O gato aprendeu a nunca mais fazer isso com o rato. Ele nunca mais voltou para casa da dona.”.

O educando apresentou, em todas as suas versões fabulares, muitas dificuldades para desenvolver sua fábula autoral, sobretudo no que tange à incompletude de ideias, comprometendo, portanto, a coesão e também a coerência textual, que, para Garcia (2010), é a “„alma“ da composição” (GARCIA, 2010, p. 287). O texto apresenta muitas repetições desnecessárias, que comprometem a desenvoltura e o entendimento do texto, mas que podem ser justificadas pela interferência da oralidade na escrita, pois, segundo explicação de Botelho (2012), “parece ser um mecanismo organizador propício às condições de produção da modalidade oral, que não só se caracteriza por ser momentânea (...), como também por ter um vocabulário limitado, em virtude da própria situação discursiva” (BOTELHO, 2012, p. 61).

Discurso e o gato maluco

Uma mulher tem uma casa que tinha dois animais que era cachorro e o gato que tinha Brinca com bola de papel e a dona foi da cozinha para os dois animais outro dia enorme da mulher Branda foi falar com a marmanhada na casa dele da uma malícia para ele falou que é eu estou grávida você vai ser pai e ele passou mal Ela deu remédio para ele e ele foi para casa dos animais

O trabalho de intervenção dialógica com o educando 21 foi muito peculiar, pois houve a necessidade de reestruturação textual, de definição e de completude de ideias, que o educando sozinho não conseguiu realizar em nenhuma versão fabular. Por conta disso, educando e professor construíram e reconstruíram juntos as reescritas 5, 6, 7, 8 e a produção final, etapa por etapa, quando o educando passou a ditar seu texto mental para o professor escrever parte dele no papel e, conseqüentemente, mostrar como eram esperadas a completude e ordenação das ideias na paragrafação.

O gato e o rato

O gato estava brincando com a bola, de repente apareceu o rato na cozinha ~~que~~ viu um queijo em cima da mesa.

Quando o rato foi pegar o queijo, a dona da casa apareceu. Ela pegou a vassoura e correu atrás dele, mas não conseguiu pegar ele.

A dona chamou o gato para ele pegar o rato. Ele conseguiu pegar o rato e matar. Depois disso, ele pegou o animal morto e foi jogar no lixo porque ela não aguentava ver o rato morto na casa dela.

mas o marido dela não queria que o gato matasse o rato. Ela falou para ele e o gato aprendeu não voltar mas para casa da dona não voltou mas com o rato não voltou

Moral da história:
faz ~~o~~ mal

augur

Interessante notar que o educando 21 preocupou-se em apagar, com corretivo químico, todas as rasuras feitas pelo professor em sua fábula, à medida que próprio educando reordenava seu texto ou mudava uma palavra através do ditado ou quando ele mesmo escreveu o final de sua história e criou um *epimito* adequado a ela, “Nunca faça mal pela pessoa e nem a ninguém”, ao contrário do *epimito* das versões anteriores, “Se coloca queijo com bola sim ou não”.

O gato e o Rato

O gato estava brincando com a Bola, de repente apareceu o rato na cozinha viu um queijo em cima da mesa.

Quando o Rato foi pegar o queijo, a dona da casa apareceu. Ela pegou a varinha e correu atrás dele, mas não conseguiu pegar ele.

A dona chamou o gato para ele pegar o rato. Ele conseguiu pegar o rato e matá-lo. Depois pegou o animal morto e foi jogar na lixa porque ela não aguentava ver o rato morto na casa dela.

O marido dela não queria que o gato matasse o Rato dentro de casa. Ele falou para o gato não voltar mais para dentro de casa.

O gato aprendeu a nunca mais fazer isso com Rato. Ele nunca mais voltou para casa da dona.

Moral da história: Nunca faça mal pela pessoa e nem a ninguém.

Apesar das muitas intervenções realizadas nas produções do educando 21 e das que ainda precisam ser empreendidas na versão final dele, há de se fazer jus à evolução gradativa desse educando que, através da mediação dialógica entre educando-educando e professor-educando em sala de aula, aprimorou um pouco mais sua leitura, sua escrita e sua autonomia, porque segundo Antunes (2003),

(...) o professor deve valorizar, deve estimular cada tentativa, cada conquista do aluno favorecendo, em todo momento, a formação de uma autoestima elevada, responsável, agora e sempre, pela disposição de tentar falar e escrever, mesmo sob o risco da incompletude e da imperfeição (ANTUNES, 2003, p.160).

EDUCANDO 22	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	O macaco e a preguiça
RESUMO:	Um macaco era apaixonado por uma preguiça, porém, ao ser desprezado por ela, resolve namorar uma macaca
VIRTUDE:	Resiliência
EPÍMITIO:	O mundo é igual roda-gigante: um dia você tá em cima, no outro, você tá embaixo
NÚMERO DE PRODUÇÕES	6

ANÁLISE:

O educando 22 produziu sua versão diagnóstica no formato de uma narrativa de suspense. Após mediação dialógica particularizada, em que o professor mostrou ao educando as diferenças entre uma narrativa ficcional de suspense e uma fábula, já na primeira reescrita, o educando apresenta um novo texto com estrutura fabular.

O educando 22 foi orientado, por meio das intervenções corretivas realizadas na sua reescrita 2, a rever as repetições pronominais, algumas paragrafações e pontuações, assim como, rever a explicação para o arrependimento da personagem Preguicila, “E aquela Preguicila deu em cima dele porque ele tava muito bem arrumado e ela se arrependeu”. Dessa forma, na reescrita posterior, o trecho aparece modificado e fazendo ligação com o início da história “E aquela Preguicila deu em cima dele porque ele tava muito bonito, e ela se arrependeu porque falou que ele era feio.”.

Interessante notar que o educando 22 fez uso de uma linguagem informal carregada de gírias, possivelmente advindas do seu meio social. São elas: “ela era muito gata” (muito bonita); “ela topou” (ela aceitou), “e isso acabou com ele” (deixou o macaco triste), “deu em cima dele” (tentou namorar com ele).

EDUCANDO 23	
IDADE:	16 anos
TÍTULO:	A gata e a cobra
RESUMO:	Uma cobra inconveniente quer saber detalhes da vida da gata, inclusive de sua gravidez, porém, a cobra muda de atitude e ajuda a gata em seu momento de dificuldade
VIRTUDE:	Solidariedade
EPÍLOGO:	Temos que ajudar todos para sermos felizes. Temos que ajudar o próximo e não criticar
NÚMERO DE PRODUÇÕES	6

ANÁLISE:

O educando 23 aproveitou as atividades da sequência didática para fazer sua primeira produção escrita, porém, não manteve a história da sua versão diagnóstica na sua produção final. Seu primeiro texto é uma narrativa ficcional longa, com poucas pontuações e constituído em um único parágrafo.

Na primeira reescrita, o educando 23 muda a história, descartando a versão diagnóstica, mas não conclui seu texto, da mesma maneira que não conclui a reescrita 2, apesar de tê-la adequadamente paragrafado e das pontuações.

O Gato e o Leão.

Era uma vez um gato e o gato estava em uma fazenda e ele estava em fazenda e eles foram para um rio do lado da fazenda, e eles quando chegaram lá eles se separaram e o leão se perdeu do gato e o gato ficou tão triste que ele estava pensando mal.

O leão disse ao gato: - gato, o que está acontecendo?
 E o gato disse: - leão, você estava onde que o gato se desmanchou.

O leão disse pronto estamos juntos.

Na reescrita 3, o educando 23 muda novamente de história e permanece com ela até a versão final. O texto inicia-se com as atitudes inconvenientes da cobra em relação à gata grávida, por exemplo, através de intromissão, palpite e comentários desnecessários. No

entanto, há uma surpreendente mudança de atitude da cobra, que oferece ajuda à gata e lhe propõe ser madrinha das gatinhas recém-nascidas, talvez como forma de remissão por seu mau comportamento anterior, conforme indica o próprio *epimítio*, “Temos que ajudar todos para sermos felizes. Temos que ajudar o próximo e não criticar”.

A Gata e a cobra.

Era uma vez uma gata e uma cobra estava grávida.
Veio a cobra e perguntou:

- Oh, você está grávida?

- Sim, eu estou grávida? a cobra respondeu:

- Meu Deus! Você é tão bonita e está grávida!

E a gata falou:

- Sim, eu estou grávida e, do mesmo jeito que eu sou bonita, minhas filhas vão nascer bonitas também.

A cobra falou:

- Espere que elas nasçam bonitas porque elas também podem nascer feias.

- Um belo dia, a gata estava deitada na pista com muita dor, e veio a cobra e falou:

- Posso te fazer uma pergunta?

A gata disse:

- Sim.

E a cobra perguntou:

- Por que você está aí?

A gata respondeu:

- Estou com dor.

A cobra ajudou a gata se levantar e elas foram andando, mas a gata parou e as filhas dela nasceram, e na mesma hora, a cobra perguntou:

- Posso ser madrinha das suas filhas?

A gata respondeu:

- Sim.

E elas foram felizes.

* Moral da história: temos que ajudar todos para sermos felizes. Temos que ajudar o próximo mas não criticar.

Curioso notar que o educando 23, ao inventar a história da *Gata e a cobra*, escreve o nome gata com letra maiúscula e o nome cobra com letra minúscula. Deduz-se dessa ação que, embora ambas as personagens sejam representações do ser humano, a cobra é duplamente inferiorizada em relação à gata: uma, pelo seu mau comportamento; outra, pela grafia minúscula da letra inicial do seu nome.

EDUCANDO 24	
IDADE:	14 anos
TÍTULO:	A discussão entre a raposa e o cachorro
RESUMO:	A raposa implica com o cachorro, porém, este usa a sabedoria para mudar o rumo da história
VIRTUDE:	Sabedoria
EPÍLOGO:	Que não leva a nada brigar porque só vai sair machucado
NÚMERO DE PRODUÇÕES	6

ANÁLISE:

O educando 24 aproveitou as atividades da sequência didática para construir a primeira versão do seu texto fabular que, apesar de incompleta, já apresenta o discurso direto marcado pelo travessão, ao apresentar o diálogo entre uma raposa que quer arranjar confusão, “cachorro que estava deitado quieto, quando veio uma raposa implicando”, e um cachorro que, mesmo incomodado pela atitude da raposa, “Você vai ficar perturbando? Eu vou ter que tomar uma providência”, não usa a violência física para resolver o problema, como esperado pela raposa, “Você tá insinuando que vai comigo, é isso?”, mas usa o diálogo de forma sábia para acabar com o conflito, “Não, raposa. Briga não leva a nada. Se a gente brigar, um dos dois vai sair machucado.”.

A discussão da Raposa e o Cachorro

Há muito tempo atrás em um lugar muito distante havia um cachorro que estava deitado quieto e a raposa veio perturbando e implicando o cachorro não gostou nada do que ele estava fazendo e decidiu ir falar com a raposa e o cachorro fala

— você tá ficando empicando eu vou ter que tomar uma providência e a raposa fala

— você tá insinuando que vai comigo e isso.

— não fomo briga não e melho agente conversar por que briga não vai levar a nada tá

— em tão cachorro nós dois vamos para

e no final a raposa e o cachorro ficaram

A história da versão diagnóstica mantém-se na produção final, exceto o *epimitio*, que a cada reescrita sofreu variações. Assim, primeira reescrita não apresenta *epimitio*; na reescrita 2 está como “Evite problemas é o melhor para todos”; na reescrita 3, “A raposa decidiu mudar porque não leva a nada briga e ficar discutindo”; na reescrita 4, não há *epimitio*; e na produção final, há o seguinte *epimitio*, “Que não leva a nada brigar porque só vai sair machucado”, acentuando o valor da sabedoria ao tomar a decisão certa.

Observa-se também que a personificação dos animais está para além da reprodução das atitudes humanas, encontra-se, inclusive, na nomenclatura de cada um deles, pois os nomes das personagens estão grafados com as iniciais maiúsculas, Cachorro e Raposa.

EDUCANDO 25	
IDADE:	13 anos
TÍTULO:	O fazendeiro e os porcos
RESUMO:	Dois porcos agrediram-se física e verbalmente, mas não aprenderam a lição
VIRTUDE:	Respeito
EPIMITIO:	Quando um não quer, dois não brigam
NÚMERO DE PRODUÇÕES	5

ANÁLISE:

O texto diagnóstico do educando 25, apesar de apresentar animais como personagens, é uma narrativa ficcional, e não uma fábula. Nesse primeiro texto, há a falta de paragrafações, pontuações e há a presença de erros ortográficos.

1 Era uma vez uma fazenda e tinha um ~~fazendeiro~~
 2 homem chamado Tomé um cara muito velho Veludo
 3 e ele queria muito a fazenda para ele e
 4 os filhos tinham que falar dele e com
 5 uma fala de outro homem para as pessoas
 6 adiante para a cidade e etc... e os filhos
 7 fizeram um plano para a fazenda para
 8 a fazenda ficar com o cara e o nome
 9 dele era famoso de cidade para cidade
 10 da fazenda tinha uma filha linda Veludo
 11 e da Tomé tinha um filho de nome dele e o
 12 Veludo pensava que da vida dele mais
 13 os filhos da fazenda falavam que dia ele
 14 tomava a casa ~~de~~ do Tomé mais
 15 quando da fazenda morreu os filhos com
 16 Tomé pegou a casa a noite mais ele estava
 17 de fazer a casa e deu um nome diferente
 18 para o filho dele porque o nome mais
 19 os filhos estavam com o nome do Tomé
 20 os filhos estavam com o nome do Tomé
 21 em Valle se esquecerem de Tomé a fazenda
 22 do nome

A intervenção dialógica interacional ocorreu, tanto oralmente como por meio de correções indicativas, resolutivas e textual-indicativa, porém, o educando 25 mostrou dificuldades em aplicar as correções na sua reescrita, fazendo com que, na sua versão final, fossem encontradas ainda muitas incorreções, por exemplo, o uso indevido do travessão na fala do narrador onisciente e o tamanho excessivo do espaço parágrafo. No entanto, há de se destacar a evolução textual do educando 25 quanto ao encadeamento de ideias e à melhora da paragrafação quando comparada a versão diagnóstica à versão final.

O fazendeiro e os filhos

Era uma vez um fazendeiro que tinha uma fazenda era muito ruim e sem humidade

Um dia o dono da fazenda foi da cidade para a fazenda e os filhos estavam fazendo a fazenda porque a cidade não sabia o nome e ele estava falando que era muito bom, eles iam fazer mais o fazendeiro não sabia: eles chegaram na hora da fazenda e os filhos foram no centro porque um ficou com

- diz que a cidade e eles
- ficaram na fazenda e ele não mudou
- foi culpa sua que a gente caiu na fazenda
- mas ele não falou simplificado e na fazenda que acabou com isso

Acorda! Quando um não que a gente não ligamos

O assunto da violência torna às linhas fabulares, desta vez, a violência física e verbal acontecem na mesma narrativa entre dois porcos que se xingam, que se batem, mas que não aprendem a lição do respeito ao próximo, “Foi culpa sua que a gente caiu no buraco”, “Mas você ficava implicando, e eu tinha que acabar com isso”, pois, de acordo com o próprio *epimitio*, “Quando um não quer, dois não brigam”. Dessa forma, a fábula autoral do educando 25 deseja enfatizar é que, caso houvesse respeito entre as personagens, o conflito não existiria.

EDUCANDO 26	
IDADE:	17 anos
TÍTULO:	O rei leão e a hiena
RESUMO:	O rei leão é traído por um falso amigo que, na verdade, é amigo do seu maior inimigo: a hiena
VIRTUDE:	Prudência
EPIMITIO:	Eu já vou contar: não é em qualquer um que se deve acreditar
NÚMERO DE PRODUÇÕES	5

ANÁLISE:

No processo de reescrita de muitos educandos deste projeto acadêmico, inclusive o do educando 26, encontram-se lacunas em seus textos, e, dependendo da situação, não é devido à incompletude das ideias, e sim, por esquecimento, ao deixarem de copiar um determinado trecho do texto nas reescritas.

Essa situação é observada, no momento em que se comparam a versão da reescrita 3 com a versão final, respectivamente: “Numa floresta muito longe, tinha uma tribo que se chamava A guarda do leão. Nessa tribo havia um elefante que se chamava Best e um esquilo que se chamava Estive” e “Numa floresta muito longe, tinha uma tribo * que se chama Best e um esquilo que se chama Estive”; “A hiena tinha um plano” e “A hiena tinha um*”.

O Rei Leão e a Hiena

Há muito tempo atrás, havia um leão e ^{uma} hiena. ^{em} uma floresta muito longe dali. Tinha uma trelo ^{que se chamava} Best e um esquilo ^{que se chamava Estêvão} que ^{protegiam} a Terra do Mumea.

Muito e muito distante dali, havia uma hiena ^{que comandava} a tribo na terra ^{semeira} e ela era muito forte e também grande. Ela era o Rei dos hienas. Ele estava fazendo uma reunião para pegar a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea} e ela estava fazendo uma reunião para pegar a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea}.

A hiena tinha um plano ^{alguém} ^{teria} ^{que} ^{entrar} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea} e pegar a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea}.

Mas quem iria entrar no castelo? A hiena lembrou ^{que} ^{lá} ^{dentro} ^{teria} ^{uma} ^{velha} ^{amiga} ^{das} ^{hienas} e ela mandou a ^{velha} ^{amiga} ^{chamar} o ^{velho} ^{amigo}.

O ^{velho} ^{amigo} ^{como} ^{entrou} ^e ^{falou} ^{com} ^o ^{velho} ^{amigo} ^{que} ^{era} ^{líder} ^{direto} ^{do} ^{Rei} ^{Leão}. ^O ^{Rei} ^{Leão} ^{foi} ^{traído} ^{pelos} ^{seus} ^{melhores} ^{amigos} ^e ^{os} ^{hienas} ^{pegaram} ^a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea}.

Moral das Histórias: Eu já vou contar: Não, em qualquer um que se deve considerar.

I → Fazer um novo parágrafo / escrever na linha de baixo, deixando um espaço antes de escrever a frase).

O Rei Leão e a Hiena

Há muito tempo atrás, havia um leão e uma hiena. ^{em} uma floresta muito longe. Tinha uma trelo ^{que se chamava} Best e um esquilo ^{que se chamava} Estêvão que ^{protegiam} a Terra do Mumea.

Muito e muito distante dali, havia uma hiena ^{que comandava} a tribo na terra ^{semeira} e ela era muito forte e também grande. Ela era o Rei dos hienas. Ele estava fazendo uma reunião para pegar a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea} e ela estava fazendo uma reunião para pegar a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea}.

A hiena tinha um ^{alguém} ^{teria} ^{que} ^{entrar} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea} e pegar a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea}.

Mas quem iria entrar no castelo? A hiena lembrou ^{que} ^{lá} ^{dentro} ^{teria} ^{uma} ^{velha} ^{amiga} ^{das} ^{hienas} e ela mandou a ^{velha} ^{amiga} ^{chamar} o ^{velho} ^{amigo}.

O ^{velho} ^{amigo} ^{como} ^{entrou} ^e ^{falou} ^{com} ^o ^{velho} ^{amigo} ^{que} ^{era} ^{líder} ^{direto} ^{do} ^{Rei} ^{Leão}. ^O ^{Rei} ^{Leão} ^{foi} ^{traído} ^{pelos} ^{seus} ^{melhores} ^{amigos} ^e ^{os} ^{hienas} ^{pegaram} ^a ^{hiena} ^{que} ^{estava} ^{na} ^{terra} ^{do} ^{Mumea}.

Moral das Histórias: Eu já vou contar: Não, em qualquer um que se deve considerar.

Chamam atenção as temáticas escolhidas pelo educando 26, pois, partindo do pressuposto de que estão presentes no meio social em que vive, observam-se os assuntos sobre rivalidade “rei leão” *versus* “rei das hienas”; organização para fins ilícitos, “Muito e muito distante dali, havia uma hiena que comandava a tribo na Terra Sombria (...) era o rei das hienas. Ela estava fazendo uma reunião para pegar a bússola da outra tribo”; traição de um amigo, “O corvo entrou e falou com o velho amigo que era braço direito do rei leão. O rei leão foi traído pelo seu melhor amigo”; e furto, “as hienas pegaram a bússola de ouro”.

Outro aspecto que chama atenção na fábula do educando 26 é a incorporação e a remodelação de uma história já existente em uma série animada do canal televisivo Disney Channel, chamada *A guarda do leão*, baseada no filme *O rei leão*. Esse processo de transformação da história de um gênero para outro foi possível por duas situações: a primeira, porque o educando apropriou-se do texto do outro como seu próprio texto, pois, segundo palavras de Geraldi (2011),

(...) nenhum autor é dono de suas palavras, não só porque aquelas que usa não lhe são próprias, exceto por esquecimento da origem, mas também porque os leitores dão outra vida às palavras em suas formas de construir diferentes compreensões”. (GERALDI, 2011, p. 4)

A segunda, porque o educando recontextualizou a história existente através da mudança do gênero desenho animado para fábula. Esse processo de colocar o texto existente em um novo contexto produz, portanto, um novo texto (Cf. KOCH e ELIAS, 2017, p.120). Para Marcuschi (2010), esse processo é chamado de retextualização e explica-o ao dizer que

(...) são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos (MARCUSCHI, 2010, p.46).

Ao fazer uma relação entre a fábula do educando 26 e o mundo real, infere-se que tais situações vividas pelas personagens retratam um conflito entre grupos rivais, quando algum membro infiltrado no grupo adversário passa todas as coordenadas da movimentação dele ao seu grupo de origem, facilitando a invasão territorial e a tomada de bens do outro grupo. Por conta disso, o *epimito* alerta “Eu já vou contar: não é em qualquer um que se deve acreditar”, ou seja, a fábula autoral do educando 26 quer ensinar que se deve ter uma atitude prudente, principalmente, quando se escolher um amigo.

4. A IMPORTÂNCIA DA FÁBULA NO PROCESSO DE ENSINO–APRENDIZAGEM: UM ELEMENTO FACILITADOR

Estimular educandos à leitura e, por conseguinte, à escrita de textos, mesmo em meio a uma sociedade grafocêntrica e marcadamente digital, ainda é um dos maiores desafios da educação brasileira, por isso, criar estratégias de leitura e de escrita que sejam significativas para os educandos é fundamental. Assim, nesta pesquisa acadêmica, uma proposta de intervenção didática foi criada com o intuito de favorecer o processo de ensino–aprendizagem dos educandos, dela, participantes, e a fábula foi o meio facilitador escolhido para que essas estratégias fossem concretizadas.

A fábula, assim como os demais gêneros discursivos, apresenta uma forma relativamente estável (Cf. BAKHTIN, 2016, p. 12), e essa estabilidade também favorece o aprendizado, porque possui uma estrutura narrativa característica dos contos populares, que ajuda tanto no processo de memorização quanto da leitura e da produção textual, visto que sua estrutura narrativa possui uma linearidade, “um protagonista claramente destacado, um conflito externo a resolver, um desenlace em relação direta de causa e efeito, uma narração baseada no encadeamento da ação, uma descrição reduzida etc.” (Cf. COLOMER, 2014, p. 67).

A fábula foi escolhida devido a suas características, pois é concisa, é alegórica, é narrativa, apresenta uma abordagem objetiva e, através de seu elemento moral obrigatório, permite reflexão sobre a complexidade das relações humanas. Além disso, a fábula possibilita aos educandos um fértil processo criativo, porque lhes propicia criar variadas narrativas, inventar personagens diversos, inclusive animais com personalidade e atitudes humanas, construir diferentes cenários, elaborar muitos enredos e, por apresentar estrutura simples e uma curta extensão, permite o conhecimento e a leitura de um grande número de obras fabulares, assim como, o conhecimento dos autores, dos estilos, das culturas e o modo de pensar de cada uma delas. E, de acordo também com as palavras de Busatto (2012),

(...) o conto de tradição oral, seja ele conto de fadas, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior. (...) O conto é mesmo uma das formas de expressão artística mais democráticas, pois através dele cada pessoa constrói a sua história, de comum acordo com os seus referenciais e o que eles possam significar para si (BUSATTO, 2012, p. 17).

A fábula é um excelente meio de aprendizagem e um excelente recurso de crescimento pessoal, porque, por ela, os educandos expressam seu modo de pensar e de agir através da

vida e da voz das personagens dentro de um mundo novo, onde eles terão o poder de decisão que muitas vezes não têm na vida real, visto que “a fábula existe exatamente porque e onde existe um desequilíbrio, um choque de ambições ou desejos, uma ação conflituosa, enfim” (PORTELA, 1983, p. 127-128). Essa experiência tende a deixar os educandos mais fortalecidos intelectual e emocionalmente, e Bettelheim (2007) acrescenta que uma boa história deve contribuir,

(...) contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam, resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e em seu futuro (BETTELHEIM, 2007, p.11).

A proposta de trabalhar com textos literários fabulares, além dos benefícios apontados, traz aos educandos mais duas contribuições que, de acordo com Cândido (2012), são o da organização do pensamento e dos sentimentos, assim como o da humanização. Sobre a ação organizadora, ele diz o seguinte:

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (...) Isso ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio a história de bichos, que sintetizam a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental (CÂNDIDO, 2012, p.177).

Essa ação organizadora, de que trata Cândido (2012), pode ser traduzida por sistematização e ampliação dos conhecimentos de uso da língua portuguesa no momento de uma produção fabular, pois, antes de escrevê-la, são necessárias algumas atitudes, a saber: pensar sobre o que vai escrever; saber qual objetivo deseja atingir com esse texto; escolher um destinatário; determinar quando e onde escrever; escolher o veículo de divulgação do texto; escolher e combinar as palavras para compor o texto; determinar o campo semântico para as palavras escolhidas; fazer escolhas fraseológicas, com o objetivo de “executar a verossimilhança entre a vida e a realidade” (Cf. PORTELA, 1983, p. 13).

Outrossim, atentar para a escrita correta das palavras; usar o dicionário, caso seja necessário elucidar alguma dúvida referente à ortografia ou ao significado da palavra; cuidar da caligrafia; escolher substantivos, advérbios, adjetivos, numerais, pronomes e efeitos estilísticos adequados; inventar personagens; criar enredo; escolher o tempo verbal adequado à narrativa; escolher o tipo de narrador e o tipo de discurso; criar um título; elaborar uma frase que contenha uma máxima moral, introduzida ou não por palavra ou expressões metalinguísticas; revisar o que foi produzido; ou seja, “o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade, a sua produção” (Cf. KOCH e ELIAS, 2017, p. 36).

A outra contribuição trazida pela literatura, segundo Cândido (2012), é a da humanização, pois, a partir do desenvolvimento do pensamento reflexivo sobre ações individuais e coletivas, o educando terá mais condições de elevar seu senso moral e suas inteligências intelectual e emocional. Essa humanização, portanto, é

(...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante (CÂNDIDO, 2012, p.180).

Assim, mediante a leitura e a escrita de fábulas, os educandos desenvolvem-se intelectual, moral, emocional e socialmente, porque, ao escreverem suas narrativas, demonstram o entendimento de responsabilidade individual e coletiva perante a sociedade em que vivem, estando aptos “às múltiplas dimensões de interação com os outros e com o mundo” (Cf. QUEIROZ, 2009, p. 201), exercendo assim a cidadania consciente. No entanto, cabe ressaltar que esse desenvolvimento é progressivo e aumentará cada vez que aperfeiçoarem suas habilidades de leitura e de escrita de um modo geral, porque, conforme aponta Colomer (2007),

(...) no caso da leitura literária, os alunos leem mais leitura literária do que escrevem, é claro. Mas se ler literatura serve para aprender a ler em geral, escrever literatura também serve para dominar a expressão do discurso escrito; concretamente, escrever literatura – contos, poemas, narrativas feitos individual ou coletivamente – permite que as crianças compreendam e apreciem mais, tanto a estrutura ou a força expressiva de seus próprios textos, como a dos textos lidos (COLOMER, 2007, p. 162).

4.1 – A importância dos animais nas fábulas selecionadas para as atividades propostas

A fábula, desde sua remota origem, tem dois objetivos particulares: dar voz “aos indivíduos marginalizados nas relações de poder” (Cf. MARTINHO, 2016, p. 27) e dar “esclarecimento e conhecimento da verdade” (Cf. PORTELA, 1983, p. 127), fazendo com que a escolha e a utilização de personagens fictícios, especialmente, animais seja um recurso recorrente, de modo a dissimular as situações reais do dia a dia, ou seja, “dos hábitos e vícios do homem: seu comportamento, interesses, paixões e sentimentos” (Cf. BOTELHO, 2007, p. 4).

Os animais, nas fábulas, ganham personalidades humanas e, por conseguinte, agem, sentem e pensam como seres humanos. Esse processo de personificação é proposital, porque atrai a atenção, desperta o interesse e curiosidade de ouvintes e de leitores, todavia, somente os ouvintes/leitores mais atentos e experientes conseguem decifrar a mensagem subliminar que se pretende repassar sob uma ingênua aparência de história de animais, pois, conforme explica Portela (1983),

(...) a verdade destilada da boca de um animal irracional atinge o homem, não aberta e direta, mas sub-repticiamente. Da boca de uma raposa, de um corvo, de um cordeiro ou de um leão, o homem não se nega a ouvir verdades ou lições que a princípio parecem não ser dirigidas a ele, mas, aos poucos, agem sobre seu subconsciente e quando o homem menos espera, está frente a frente com ela (PORTELA, 1983, p.126).

A preferência por personagens animais justifica-se também pela experiência comum dos homens com os animais na vida real, de modo que a apresentação e atuação deles na fábula não exigissem “uma prévia descrição desses animais” (PORTELA, 1983, p. 135). Outro fator que influencia na escolha de personagens animais é a possibilidade de “despir o homem de seu complexo de grandeza” (PORTELA, 1983, p. 136), para fazê-lo enxergar a animalidade que existe dentro dele. Por isso, na fábula, conforme explicação de Botelho (2007), “a comparação entre as reações dos homens e dos animais ganharam contornos interessantíssimos, já que se confirmava a semelhança entre a reação instintiva do animal e a reação racional do ser humano” (Cf. BOTELHO, 2007, p. 1).

À maneira de fabulistas consagrados, os animais antropomorfizados perpassam as fábulas de todos os tempos e chegam aos nossos dias, assim como na fábula *A cigarra e as*

formigas, atribuída a Esopo, e a tantas outras versões da mesma fábula produzidas com sutis diferenças, por exemplo, por Bábrio, La Fontaine e Aviano. Em *A cigarra e as formigas*, encontram-se duas personagens animais, porque, embora as formigas estejam em maior número, elas representam uma só categoria. As formigas e a cigarra são retratadas, inicialmente, da mesma forma que na natureza: formigas, trabalhadoras; cigarra, aquela que canta no período mais quente do ano até morrer.

A Cigarra e as formigas

Esopo

Era inverno e as formigas estavam arejando o trigo molhado, quando uma cigarra faminta pôs-se a pedir-lhes alimento. As formigas, então, lhe disseram: “Por que é que, no verão, você também não recolheu alimento?”. E ela: “Mas eu não fique à toa! Ao contrário, eu cantava doces melodias!”. Então elas lhe disseram, com um sorriso: “Mas se você flauteava no verão, dance no inverno!”.

A fábula mostra que as pessoas não devem descuidar de nenhum afazer, para não se afligirem nem correrem riscos.

Na fábula *A cigarra e as formigas*, as analogias feitas entre as personagens animais e o comportamento humano iniciam-se na relação antitética entre as formigas e a cigarra, no momento em que as formigas são descritas como prudentes “Era inverno e as formigas estavam arejando o trigo molhado” e “Por que é que, no verão, você também não recolheu alimento?”; a cigarra é colocada na posição de imprudente, mesmo quando argumenta que não estava à toa, visto que “cantava doces melodias”, posição confirmada através do *epimitio* que alerta para o equilíbrio entre os afazeres, ou seja, não somente trabalhar como não somente fruir a vida, de modo tal, que lhe falte proventos para sobrevivência, “A fábula mostra que as pessoas não devem descuidar de nenhum afazer, para não se afligirem nem correrem riscos.”

O leão velho e a raposa

Esopo

Um leão já velho, sem condições de arranjar alimento com o próprio esforço, entendeu que precisava fazê-lo por meio da criatividade. Então foi para uma caverna e lá se deitou, fingindo-se doente. E assim, os animais que vinham fazer-lhe uma visita, ele agarrava e devorava. Como grande quantidade de bichos havia sido capturada, uma raposa, tendo deduzido qual era sua tática, foi até lá e, detendo-se a uma certa distância da caverna, perguntou-lhe como estava. O leão disse: “Estou mal”. E quis saber por que razão ela não entrava. Então ela disse: “Mas bem que eu entraria, se não estivesse vendo pegadas de muitos animais que entraram, mas de nenhum que saiu.”

Assim, os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios.

A fábula *O leão velho e a raposa* traz duas personagens antropomorfizadas: o leão e a raposa. Em muitas histórias de animais, inclusive nas fábulas, o leão é retratado como “rei” e a raposa destacada por sua astúcia, tais caracterizações estão em conformidade com a vida desses animais na natureza, visto que o leão é considerado “rei” de seu grande bando e “rei” dos predadores, por estar no topo da cadeia alimentar; a raposa é uma excelente caçadora e, por isso, utiliza-se de estratégias para confundir e abocanhar suas presas.

A metáfora do comportamento humano presente na fábula *O leão velho e a raposa* fica a cargo da esperteza nas atitudes de ambas as personagens, leão e raposa. O leão, apesar de velho, é mais forte e maior que a raposa, ou seja, superior a ela, e, para conseguir alimento com menos esforço, decide utilizar-se da criatividade, na verdade, da malandragem para devorar os animais que o visitavam na caverna, “Um leão já velho, sem condições de arranjar alimento com o próprio esforço, entendeu que precisava fazê-lo por meio da criatividade. Então foi para uma caverna e lá se deitou, fingindo-se doente.”

A raposa, o mais astuto dos animais, percebe as artimanhas do leão e desmascara-o, evidenciando a supremacia dela no quesito astúcia, “Mas bem que eu entraria, se não estivesse vendo pegadas de muitos animais que entraram, mas de nenhum que saiu.” Assim, tanto na fábula como na vida, muitas pessoas querem tirar proveito das situações e das pessoas, julgando-se superiores e espertas em relação as outras, como o leão, porém, essas mesmas pessoas podem encontrar pessoas mais ardilosas que elas, a exemplo da raposa.

Em estudos realizados por Marinho (2016), observa-se que uma fábula possibilita muitas interpretações, devido ao seu caráter alegórico, porém, dentro da própria fábula, há um direcionamento a seguir, quando “o próprio enunciador, contudo, oferece sua própria interpretação dos fatos narrados no momento em que apresenta uma moral, implícita ou explícita” (MARINHO, 2016, p. 39). Sendo assim, em *O leão velho e a raposa*, observa-se que a intenção do enunciador conduz seus ouvintes/leitores a uma reflexão sobre a prudência, visto que os alerta a prever e evitar perigos a partir dos sinais, “Assim, os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios.”

4.2 – O aspecto moral: uma hipótese

O gênero discursivo fábula, por apresentar uma alta capacidade de flexibilização, possibilita um ajustar-se a diferentes formatos narrativos e a diversas intenções discursivas,

tais como, aconselhar, mostrar, censurar. Sua plasticidade permite a abordagem de diversos assuntos e a criação de diferentes personagens, sejam elas animais ou não.

O elemento moral, por sua vez, é obrigatório e denominado de alma da fábula ou como prefere Portela (1983), “verdade geral” (PORTELA, 1983, p. 125), pois trata-se da “experiência de vida dos povos e a noção filosófica do bem e do mal, presente em cada indivíduo, no uso normal de suas faculdades mentais e morais” (PORTELA, 1983, p. 121). À moral cabe, portanto, duas funções: uma, de revelar o modo de pensar de uma cultura; outra, de ordenadora do comportamento social, com vistas a uma convivência pacífica.

Assim como, pela definição do ponto, da linha, da superfície, e por outros princípios bem familiares, nós chegamos dos conhecimentos que enfim medem o céu e a terra, assim também, pelos raciocínios e consequências que podemos extrair destas Fábulas, formam-se o juízo e os costumes, tornamo-nos capazes de grandes coisas (LA FONTAINE, 2013, p. 150).

Apesar de a moral ser elemento fabular obrigatório, não possui um lugar fixo no texto. Ela tanto pode aparecer dentro da narrativa “endomítio (moral interna, cuja veiculação compete a um dos personagens)” (Cf. DUARTE, 2017, p. 11) ou fora do texto, seja no início ou no fim dele, pois, “no fim do século IV a. C., será comum encontrar o registro explícito da moral a ser extraída da história quer antecedendo a narrativa (promítio) quer como ocorre com maior frequência, ao seu final (epimítio)” (Cf. DUARTE, 2017, p. 14).

Cabe salientar que, para os propósitos deste trabalho que pretende demonstrar que o elemento moral é um facilitador para reflexão e para tomada de decisão frente à escolha de mudança ou não de atitudes, os ensinamentos de Aristóteles sobre a moral servem de base para esta pesquisa. Assim, em *Ética a Nicômano*, Aristóteles (2011) nomeia a palavra moral como virtude moral e a define como aquela que é “adquirida em resultado do hábito” (ARISTÓTELES, 2011, p. 36), enquanto que virtude é “uma disposição” (ARISTÓTELES, 2011, p. 41), que deve ser entendida como uma disposição para praticar o bem.

Esta pesquisa, no tocante ao trabalho pretendido com a moral, está em consonância com as leis e documentos oficiais da educação brasileira, que visam ao desenvolvimento social e cidadão dos educandos, através da formação educacional que perpassa pelos valores morais e pelo pensamento crítico, conforme orientações encontradas, na Lei de Diretrizes e Bases que incentiva, na seção 3, Art. 32 – III, “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (LDB, 1996); no Plano Nacional de Educação, Art. 2º – V, que reforça “a formação para o trabalho e para a cidadania com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a

sociedade” (PNE, 2014): e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (MEC/CEB 04, 1998) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (MEC, 2013), respectivamente:

Da mesma forma os Direitos e Deveres de Cidadania e o Respeito à Ordem Democrática, ao orientarem as práticas pedagógicas, introduzirão cada aluno na vida em sociedade, que busca a justiça, a igualdade, a equidade e a felicidade para o indivíduo e para todos. O exercício da Criticidade estimulará a dúvida construtiva, a análise de padrões em que direitos e deveres devam ser considerados, na formulação de julgamentos (MEC/CEB 04, 1998).

Retoma-se aqui o entendimento de que currículo é o conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção e a socialização de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais dos estudantes. E reitera-se que deve difundir os valores fundamentais do interesse social, dos direitos e deveres dos cidadãos, do respeito ao bem comum e à ordem democrática, bem como considerar as condições de escolaridade dos estudantes em cada estabelecimento, a orientação para o trabalho, a promoção de práticas educativas formais e não-formais (MEC, 2013,27).

Dessa forma, o trabalho especial que se propõe fazer com a moral fabular é o de levar os educandos a refletirem sobre o mundo interior e exterior de cada um deles, além de conscientizá-los de que são capazes de fazer escolhas, mesmo quando as políticas públicas não costumam chegar satisfatoriamente à realidade tão marcante e tão peculiar deles, visto que, por meio das fábulas, assim como os escritores antigos Esopo, Fedro, Bábrio, por exemplo, é possível de “forma velada de observar as atividades humanas e criticá-las ou usá-las como fonte de reflexão, para uma posterior mudança de atividade de alguém em particular, de um grupo ou de uma sociedade inteira” (Cf. BOTELHO, 2007, p. 5).

Independentemente da desassistência dos poderes públicos em relação à saúde, à qualidade educacional, à segurança, à opção de lazer, à falta de perspectiva, à falta de estímulos, entre tantas necessidades que cercam a vida desses educandos, eles podem, em vista disso, fazer escolhas, através de suas fábulas autorais e, quem sabe, na própria vida, de viver uma nova realidade ou de reproduzir um comportamento que afronta as convenções morais.

Um dos caminhos propostos para se atingir o objetivo de fazer com que os educandos interpretem, reflitam e escrevam sobre a própria vida e sobre a sociedade em que estão inseridos, de forma direta ou indireta, é o de utilizar a literatura como aliada, pois é ela que lhes possibilitará a opção de escolher entre a luta ou a fuga, entre a mudança ou a continuidade de um comportamento. Significa dizer que, através da literatura, eles poderão dar voz de resistência, de perseverança, de denúncia às personagens fabulares, ancorados em

um ensinamento moral; ou ter um lugar de fuga, onde a paz e tantos outros sentimentos e atitudes bons sejam reestabelecidos e reforçados pelo comportamento moral. E a respeito dessas duas possibilidades, Antônio Cândido (2012) diz:

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. (...) Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual (CÂNDIDO, 2012, p.186).

Por fim, o que propõe este projeto, em seu mais íntimo intento, é o de conscientizar os educandos sobre o valor social e individual da leitura e da escrita e o de instrumentalizá-los, através desses mesmos mecanismos e do senso crítico autônomo, de maneira tal que eles possam escrever suas próprias histórias, escolher o desfecho que quiserem para elas e ser as personagens que desejarem, pois, só assim a leitura e a escrita serão verdadeiramente significativas e poderão ser usadas como “ferramentas de empoderamento e inclusão social” (Cf. ROJO; MOURA, 2012, p. 152), e, de acordo com Colomer (2007), conclui-se que a fábula será o meio facilitador para o alcance dessas conquistas, porque

(...) é a partir deste valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolúvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordam a avaliação da atividade humana através da linguagem (COLOMER, 2007, p.31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou criar estratégias que fossem significativas para educandos e professor participantes do processo de ensino–aprendizagem que, através da relação dialógica interacional, visa à qualidade da leitura e da escrita desses educandos.

O gênero discursivo fábula foi o grande aliado desta pesquisa acadêmica, pois reunia todas as características necessárias para a elaboração e execução de uma sequência didática com atividades diferenciadas, voltadas para a leitura e para a produção de fábulas autorais. O trabalho com esse gênero fabular permitiu a leitura de muitas e variadas fábulas, conhecer diversos fabulistas e o estilo de cada um, devido a sua brevidade; consolidar o conhecimento dos elementos da narrativa adquirido em anos escolares anteriores; refletir sobre a presença ou a ausência de valores morais nas interações sociais; criar uma frase- -síntese que condensasse um ensinamento moral; inventar um enredo criativo com personagens, preferencialmente, animais em atitude humana; e utilizar uma linguagem objetiva e alegórica.

As fábulas dos educandos abordaram temas como amizade, prudência, solidariedade, justiça, sabedoria, responsabilidade, bondade, respeito, perseverança, resiliência, honestidade e compaixão. No entanto, temas secundários são observados, por meio dos quais se infere a interferência do contexto social dos educandos, tais como, a acentuada presença materna em contraponto à marcante ausência paterna; a morte em decorrência de uma atitude inconsequente; o furto qualificado; o furto decorrente da traição de um falso amigo; o furto justificado como meio de alimentar os filhos; rivalidade, desejo de liberdade; entre outros.

Observou-se que muitos educandos optaram, como fonte de inspiração para suas personagens antropomorfizadas, por animais de seu convívio social ou familiar, visto que o cachorro, o gato e o rato foram os mais utilizados, justificando, portanto, a presença de títulos repetidos nas fábulas autorais dos educandos. Constatou-se também que os educandos apropriaram-se dos conhecimentos construídos por meio da mediação dialógica, produziram fábulas geralmente curtas, apresentaram elementos alegóricos, criaram enredo criativo, optaram, salvo poucas exceções, pelo discurso direto, potencializador de conflito entre as personagens antitéticas. Notou-se o uso da linguagem informal, por vezes com a presença de elementos característicos da oralidade, criação de frases que sintetizam a lição moral depreendida da narrativa fabular (*epimitio*).

Cabe dizer que este trabalho acadêmico pretendeu promover ações que vão além do aprendizado e sistematização da leitura e da escrita da língua portuguesa através das fábulas. Ele promoveu a conscientização da ação dos educandos no seu próprio processo de

aprendizagem, assim como, a conscientização da importância de cada um deles no e para o meio social em que vivem, sobretudo, para a comunidade escolar à qual pertencem. Este projeto procurou ainda elevar a autoestima dos educandos, principalmente dos que se encontram fora da idade-série adequada, ao fazer com que percebessem sua evolução gradativa, vendo-se tão potencialmente capazes de muitas coisas, inclusive, de ler e de escrever com mais autonomia, de exercerem ações cidadãs e de refletirem sobre elas.

Embora este projeto tenha terminado, ele é apenas uma simples contribuição para o aprimoramento dos estudos da língua portuguesa, pois, por meio de uma proposta de atividades didáticas, procurou aprimorar a leitura e a escrita de educandos do Ensino Fundamental, especialmente os do 7º ano. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa chegue às mãos de professores e pesquisadores sequeiros por uma educação pública de qualidade, para que haja desdobramentos das propostas aqui apresentadas.

Conclui-se que este trabalho alcançou seus objetivos com êxito, pois os educandos leram e escreveram mais, refletiram sobre as relações sociais e, após superarem inúmeros desafios, conseguiram colocar um pouco de si, dos outros e do mundo no papel. Por fim, reafirma-se a positiva conclusão deste trabalho porque, conforme muito bem resume Antunes (2003), “vai ter muita gente escrevendo bem melhor, com mais clareza e precisão, dizendo as coisas com sentido e do jeito que a situação social pede que se diga. E aí, teremos, de fato, autores” (ANTUNES, 2003, p. 66).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, V. T. “O leitor competente à luz da teoria da literatura”. In: *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 124, v. 5/6, p. 23-34, jan/mar. 1996.
- ALVES, J. C. S. *Baixada Fluminense: a violência na construção do poder*. Tese (Tese em Sociologia) – USP. São Paulo, 1998.
- ANTUNES, I. *Aulas de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. *Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas*. São Paulo: Parábola, 2017.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. de Torrieri Guimarães. 5. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BAKHTHIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRAGANÇA Jr, Álvaro Alfredo. “Os animais na boca do povo – estudo dos provérbios na Idade Média”. In: *Anais do II CLUERJ-SG*. Rio de Janeiro: Botelho, 2005. <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/alvaroalfredobragancajunior.pdf>
- _____. *Literatura e História Enquanto Discursos sobre o Real no Baixo Medievo Germanófono: Algumas Palavras*.
https://www.academia.edu/4996750/REFLEX%C3%95ES_SOBRE_A_UTILIZA%C3%87%C3%83O_DE_ANIMAIS_EM_PROV%C3%89RBIOS_NA_LATINIDADE_MEDIEVAL
- BRASIL, Ministério da Educação. LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diretrizes e bases da educação nacional – LDB, Brasília, DF, dez 2019. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm
- _____. *Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental*. Brasília, DF, dez 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1998/pceb004_98.pdf
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN*. Brasília, DF, 1999. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> (PCN, 1999, p. 89)
- _____. *RESOLUÇÃO Nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5062-parecercne-seb7-2010&Itemid=30192 (CNE, 2010, p.22)
- _____. *LEI Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação – PNE*, Brasília, DF, dez 2019. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm
- _____. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC. 3 versão*. Brasília, DF, 2017. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf (BNCC, 2017, p.65)

- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. de Arlene Caetano. 21. ed. revista. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BOTELHO, José M. “A importância dos animais nas fábulas de Aviano, como metáforas das atitudes humanas”. In: *Anais do IV CLUERJ-SG*, Ano 4, n.3, 2007.
- _____. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- CÂNDIDO, A. “O direito à literatura”. In: LIMA, Aldo de (Org.). *O direito à literatura*. Recife: UFPE. 2012. p. 14-40
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- _____. *A formação do leitor literário*. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- DEZOTTI, Maria C. C. (Org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Unesp, 2018.
- DIONÍSIO, A. P. *Multimodalidade e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais*. Recife: Pipa Comunicações, 2014.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernardo. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- DUARTE, A. *Esopo: fábulas completas*. Trad. de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- FERREIRO, E. *Cultura escrita e educação: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres*. Trad. de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTEMED, 2001.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2011.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- KOCH, I.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2017.
- _____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas selecionadas de La Fontaine*. Trad. de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- LEITE, Ivana A. *Fábulas de Esopo*. Coleção Recontar. São Paulo: Escala Educacional, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARINHO, L. A. F. *Uma conversa com as fábulas de Fedro*. Tese (Tese em Letras) – UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

<http://www.posclassicas.lettras.ufri.br/images/Cursos/Td/teses/2016/Tese%20Luciana%20Ant%C3%B4nia%202016.pdf>

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PINTO, Cíça A. *Livro dos provérbios, ditados, ditos e anexins*. São Paulo: Senac, 2000.

PORTELLA, O. O. *A Fábula*. In: Revista Letras, Curitiba, 1983.

QUEIROZ, M. C. N. “Formação literária continuada: uma questão de singularização, uma questão de saúde”. In: PEREIRA, I. B. e DANTAS, A. V. (Orgs). *Estudos de politecnia e saúde*. v. 3/. Rio de Janeiro: EPSJV, 2009. p. 197-219

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. *Declaração universal dos direitos humanos*. São Paulo: Salamandra, 1988.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009

_____; MOURA, Eduardo. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____; BARBOSA, J. *Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015

RUIZ, Eliana D. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa*. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, I. *A fábula na literatura brasileira (de Anastácio a Millôr, incluindo Coelho Neto e Monteiro Lobato)*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. *Alfabetização e Letramento*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Trad. de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

SOUSA, Manuel A. de. “A fábula antiga”. In: *Calíope*, n. 10, Dez/2001. p. 68-87.

TFOUNI, L. V. *Adultos não alfabetizados: O avesso do avesso*. São Paulo: Pontes, 1988.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

VIEIRA, A. T. B. “Aviano: uma nova perspectiva para as fábulas latinas”. In: *Calíope*, n. 11, Dez/2003. p. 51-61.

Links consultados:

<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em 25/11/2018.

<https://veja.abril.com.br/educacao/tres-em-cada-dez-sao-analfabetos-funcionais-no-pais-mostra-estudo/>. Acesso em 25/11/2018.

<http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=-22.750914&lon=-43.397391&z=16&m=w&search=ciep%20374>. Acesso em 30/11/2018.

<http://www.educacenso.inep.gov.br/censobasico/#/>. Acesso em 30/11/2018.

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180614_atlas_2018_retratos_dos_municipios.pdf. Acesso em 30/11/2018.

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em 30/11/2018.

<http://www.isp.rj.gov.br/>. Acesso em 30/11/2018.

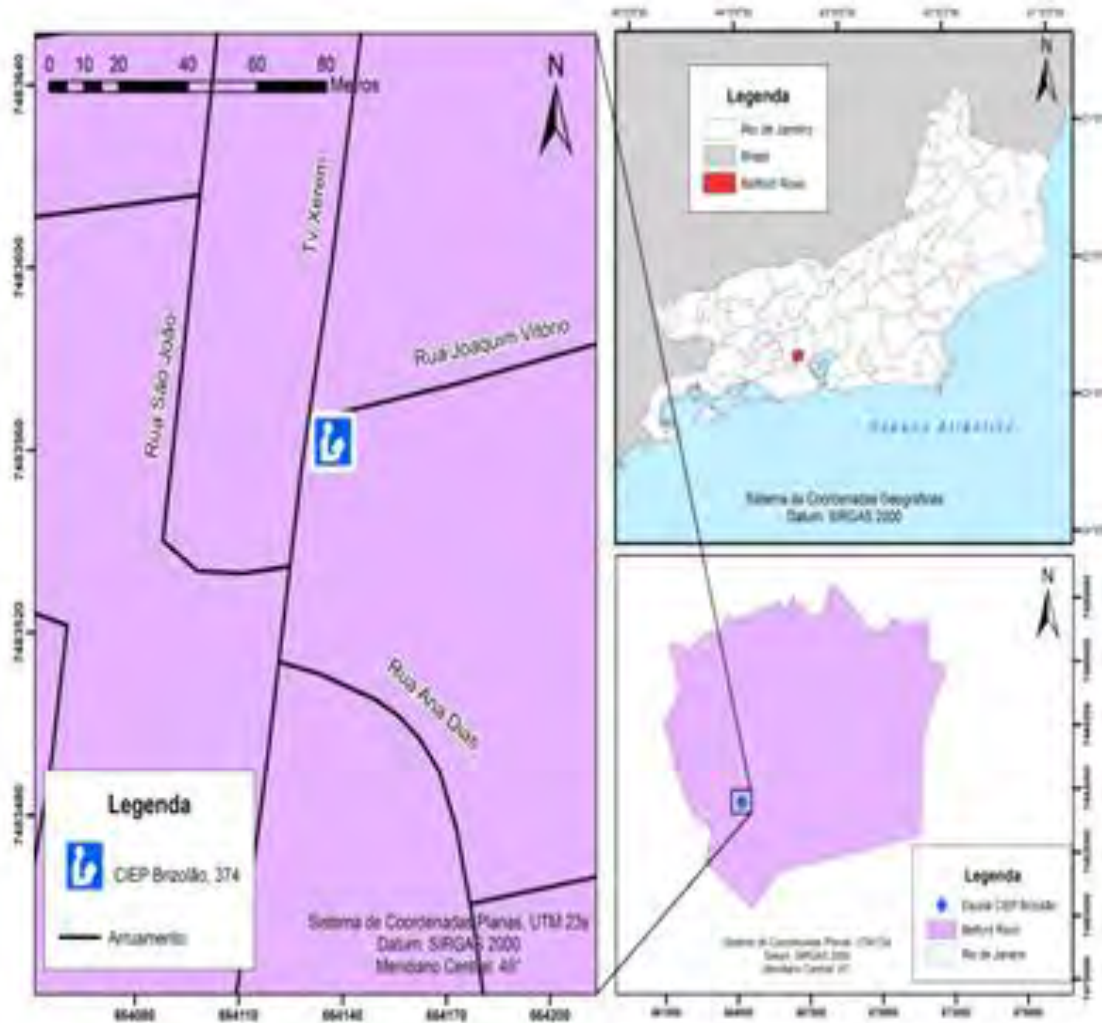
<https://extra.globo.com/noticias/educacao/baixada-fluminense-tem-os-piores-indices-de-aprendizagem-do-estado-23051862.html>. Acesso em 30/11/2018.

<https://sidra.ibge.gov.br>. Acesso em 30/11/2018.

ANEXOS

Anexo A - Mapa do CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues

Mapa de localização do CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues



Departamento de geografia da UFRJ

Anexo B - Texto da declaração universal dos direitos humanos

Declaração universal dos direitos humanos

Ruth Rocha e Otávio Roth

Um dia, uma porção de pessoas se reuniu. Elas vinham de lugares diferentes e eram, elas mesmas diferentes entre si.

Havia homens e mulheres; suas peles, seus cabelos e seus olhos tinham cores diferentes, assim como diferentes eram o formato de seus corpos e de seus rostos.

Vinham de países ricos e pobres, de lugares quentes ou frios. Vinham de reinados e de repúblicas. Falavam muitas línguas. Acreditavam em diferentes deuses.

Alguns dos países que elas representavam tinham acabado de sair de uma guerra terrível, que tinha deixado muitas cidades destruídas, um número enorme de mortos, muita gente sem lar e sem família. Muitas pessoas tinham sido maltratadas e mortas por causa de sua religião, de sua raça e de suas opiniões políticas.

O que reunia aquelas pessoas era o desejo de que nunca mais houvesse uma guerra, de que nunca mais ninguém fosse maltratado e que não se perseguissem mais pessoas que não tinham feito mal a ninguém.

Então elas escreveram um papel. Neste documento, elas fizeram um resumo dos direitos que todos os seres humanos têm e que dever ser respeitados por todos os povos. Este documento é chamado *Declaração universal dos direitos humanos* e diz mais ou menos o seguinte:

Todos os homens nascem livres.

Todos os homens nascem iguais e têm, portanto, os mesmos direitos.

Todos têm inteligência e compreendem o que se passa ao seu redor.

Todos devem agir como se fossem irmãos.

Não importa qual seja a raça de cada um; tampouco importa que seja homem ou mulher; não importa ainda sua língua, religião, opinião política, país ou a família de que ele venha.

Não importa que ele seja rico ou pobre, nem que o país de onde ele venha seja uma república ou reinado.

Estes direitos devem ser gozados por todos.

Todas as pessoas têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Ninguém pode ser escravo de ninguém.

Não se pode maltratar as pessoas ou castigá-las de maneira cruel ou humilhante.

As leis devem ser iguais para todos e devem proteger as pessoas.

Todos os homens têm o direito de receber a proteção dos tribunais para que seus direitos não sejam contrariados.

Não se pode prender as pessoas ou mandá-las embora de seu país a não ser por motivos muito graves.

Todo homem tem o direito de ser julgado por um tribunal justo quando é acusado de alguma falta.

Ninguém tem o direito de interferir na vida particular das pessoas, na sua família e na sua correspondência.

Toda pessoa tem o direito de se movimentar dentro das fronteiras de seu país e tem o direito de sair e voltar ao seu país.

Ninguém deve ser privado de sua nacionalidade, quer dizer, toda pessoa tem o direito de pertencer a alguma nação. E tem o direito de trocar de nacionalidade por sua vontade.

Todos os homens e mulheres, depois de certa idade, não importa sua raça, religião ou nacionalidade, têm o direito de se casar e começar uma família. Um homem e uma mulher só podem se casar se os dois quiserem.

Todas as pessoas têm direito à propriedade e aquilo que uma pessoa possui não deve ser tirado dela, a não ser que haja um motivo justo.

Todas as pessoas têm o direito de pensar como e o que quiserem. Elas têm o direito de trocar suas ideias e praticar sua fé em público ou particular, e de contar a todos a sua opinião.

Todas as pessoas têm o direito de se reunir e de se associar, mas ninguém deve ser obrigado a isso.

A autoridade do governo vem da vontade do povo. O povo deve mostrar qual é a sua vontade pelo voto.

Todas as pessoas têm o direito de votar.

Todas as pessoas têm o direito ao tipo de trabalho que preferirem, e a boas condições de trabalho.

Todos devem receber remuneração igual, quando fazem o mesmo trabalho, e devem ganhar o suficiente para saúde, alimentação e vestuário.

Todo homem tem o direito ao descanso e deve ter um número de horas de trabalho limitado e férias pagas.

Todas as crianças têm os mesmos direitos, sejam ou não nascidas de um casamento.

Todas as pessoas têm direito à escola gratuita.

Todos têm direito de aprender uma profissão.

A escola deve promover o entendimento, a compreensão e a amizade.

Todos os homens têm deveres para com o lugar onde vivem e para com as pessoas que ali vivem também.

Não se deve usar o que está escrito neste documento para destruir os direitos e deveres aqui estabelecidos.

Há muitos anos esta Declaração foi aprovada, mas ainda existem países que não obedecem este documento. Para que isto aconteça, é preciso que todos aprendam nas escolas de todo mundo, o conteúdo desta Declaração.

Anexo C - Fábulas citadas

A Cigarra e as formigas

Esopo

Era inverno e as formigas estavam arejando o trigo molhado, quando uma cigarra faminta pôs-se a pedir-lhes alimento. As formigas, então, lhe disseram: “Por que é que, no verão, você também não recolheu alimento?”. E ela: “Mas eu não fiquei à toa! Ao contrário, eu cantava doces melodias!”. Então elas lhe disseram, com um sorriso: “Mas se você flauteava no verão, dance no inverno!”.

A fábula mostra que as pessoas não devem descuidar de nenhum afazer, para não se afligirem nem correrem riscos.

A Cigarra e a formiga

La Fontaine

A Cigarra, tendo cantado
O verão inteiro,
Viu-se privada de tudo
Quando o inverno chegou:
Nem um só pedacinho
De mosca ou de minhoca.
Foi chorar faminta
Em casa da Formiga sua vizinha,
Pedindo-lhe que lhe emprestasse
Algum grão para sobreviver
“Até a primavera
Eu lhe pagarei”, disse ela,
“Antes da colheita, palavra de animal,
Juro e capital.”
A Formiga não é generosa;
Este é seu menor defeito.

“Que fazia você no tempo quente?”,
Perguntou ela à necessitada.
“Noite e dia, para todo o mundo,
Eu cantava, não leve a mal.”
“Você cantava? Fico contente com isso.
Pois bem! Dance agora.”

A Cigarra e a formiga

Bábrio

No inverno, uma formiga arrastava de dento da toca
o trigo para arejar, que ela havia estocado no verão.
Então uma cigarra faminta pôs-se a suplicar-lhe
que lhe desse algum alimento, para continuar viva.
“Ora, o que estiveste fazendo”, disse, “nesse verão?”
“Não estive à toa. Ao contrário, passei o tempo todo a cantar.”
A rir, a formiga vai guardando no interior o trigo
e diz: “Se flauteaste no verão, dança no inverno!”.

A Cigarra e a formiga

Aviano

Quem passou na indolência a juventude
e não pensou em precaver-se contra as adversidades,
quando chega na velhice e a idade pesa,
ah! como vai pedir, em vão, auxílio aos outros.
Uma formiga separou para o inverno os frutos do trabalho
sob o sol e guardou em sua toca pequenina.
E quando a neve branca cobre a terra
e a roça desaparece sob um manto de gelo duro
não tendo que enfrentar com seu corpo o clima hostil,
ela colhe preguiçosa grãos fresquinhos no aconchego de seu lar.
Então chega uma pálida pedinte implorando alimento

(a mesma que perturbara o roçado com cicios):
é que, enquanto no terreiro debulhavam-se as espigas,
também ela trabalhava nos dias quentes cantando.
A formiga pequenina falou rindo pra cigarra
(pois a vida que levavam era sempre desse jeito):
— Meu sustento eu consegui através de muito esforço
e por isso, nesse frio, posso curtir meu descanso.
Já você só tem agora algumas horas para dançar,
uma vez que desperdiçou tua vida inteira cantando.

O leão velho e a raposa

Esopo

Um leão já velho, sem condições de arranjar alimento com o próprio esforço, entendeu que precisava fazê-lo por meio da criatividade. Então foi para uma caverna e lá se deitou, fingindo-se doente. E assim, os animais que vinham fazer-lhe uma visita, ele agarrava e devorava. Como grande quantidade de bichos havia sido capturada, uma raposa, tendo deduzido qual era sua tática, foi até lá e, detendo-se a uma certa distância da caverna, perguntou-lhe como estava. O leão disse: “Estou mal”. E quis saber por que razão ela não entrava. Então ela disse: “Mas bem que eu entraria, se não estivesse vendo pegadas de muitos animais que entraram, mas de nenhum que saiu.”

Assim, os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios.

O leão e o javali

Esopo

No verão, quando o calor provoca a sede, a uma pequena fonte vieram beber um leão e um javali. Eles, então, começaram a discutir para ver quem beberia primeiro e a discussão impeliu-os a um duelo mortal. De repente, ao se voltarem para tomar fôlego, viram abutres aguardando que um deles tombasse, para devorá-lo. Por isso, puseram fim ao desentendimento, dizendo: “É melhor nos tornarmos amigos do que banquete de abutres e corvos.”

[A fábula mostra] Que é belo desfazer as querelas perversas e as rivalidades, pois elas resultam em danos para todo mundo.

A tartaruga e a lebre

Esopo

Uma tartaruga e uma lebre discutiam a respeito de sua velocidade. Então fixaram um prazo e um local e separaram-se. A lebre, rápida por natureza, descuidou-se da corrida e, tendo se deitado à beira do caminho, adormeceu. E a tartaruga, consciente de sua lentidão, não parou de correr e, tendo ultrapassado a lebre, que dormia, alcançou o prêmio da vitória.

A fábula mostra que muitas vezes o esforço vence uma natureza relapsa.

Anexo D - Propostas de atividade

CIEP BRIZOLÃO 374 – AUGUSTO RODRIGUES

PROFESSORA: ERIKA R. L. B. da SILVA

DISCIPLINAS: LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL

NOME: _____ TURMA: 701 DATA: _____

PROJETO FÁBULAS

1. PROPOSTA DE ATIVIDADES

- 1- Sabemos que valores morais são condutas humanas que prezam pelo bem de todos que vivem em sociedade, por isso leia o texto da *Declaração universal dos direitos humanos* e, a partir dele, identifique os valores que você considera importantes para a convivência social.

- 2- Após a leitura da Declaração, como você explicaria os seguintes valores universais: liberdade, respeito, igualdade e justiça?

- 3- Você já presenciou alguma situação em que um desses valores (liberdade, respeito, igualdade e justiça) ocorresse? Cite um exemplo.

- 4- Caso você conheça ou tenha ouvido falar, cite uma situação em que houve o desrespeito a um desses valores.

- 5- Se pudesse escolher um valor universal com o mais importante, qual você escolheria. Por quê?

- 6- Pensando na importância desses valores para a convivência pacífica entre as pessoas, na sua opinião, que ações a escola poderia realizar para promover esses valores entre os alunos?

- 7- A hora da apresentação chegou. Mostre sua pesquisa à turma e observe, com atenção, a apresentação dos seus colegas sobre os valores por eles pesquisados.

CIEP BRIZOLÃO 374 – AUGUSTO RODRIGUES

PROFESSORA: ERIKA R. L. B. da SILVA

DISCIPLINAS: LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL

NOME: _____ TURMA: 701 DATA: _____

PROJETO FÁBULAS

PROPOSTA DE ATIVIDADE: Roda de conversas

1- Vamos ler e conversar um pouco sobre as várias fábulas de Esopo, retiradas do livro *Fábulas de Esopo* da Coleção Recontar.

Os burros e a carga de sal

Um fazendeiro chamou dois burros e ordenou:

_ Tenho aqui um saco de sal e cinco sacos de esponja. Quero que vocês levem esta carga à cidade. Escolheram a que quiseram.

O burro que se julgava mais esperto foi logo escolhendo:

_ Eu levo a carga de esponja, cinco vezes maior do que a de sal. Você fica com a carga menor.

O burro que carregava o sal ia amaldiçoando o companheiro, pois esponjas são leves como plumas. Ainda que fossem cinco sacos, eles nada pesavam perto do saco de sal. Mas, quando chegaram no rio e mergulharam, a carga de sal foi derretendo e ficando cada vez mais leve. Já as esponjas, encharcadas, passaram a pesar uma tonelada.

Moral: Algumas pessoas são vítimas das próprias artimanhas.

Um homem que queria comprar um asno

Um fazendeiro queria comprar um asno. Foi ao mercado e escolheu o que lhe parecia melhor. Ao chegar em casa, soltou-o com os demais animais que pastavam. Ao ver que ele escolheu para amigo o pior animal do terreiro, o mais comilão e preguiçoso, o dono foi correndo devolvê-lo a quem o vendera.

Moral: Somos julgados pelas companhias que escolhemos.

A raposa e o queijo

Todos sabem que os corvos são os piores cantores da floresta. Não há quem suporte o seu cantar. Certo dia, a raposa estava passando embaixo de uma árvore quando viu lá em cima um corvo empoleirado. Na boca, ele tinha um enorme pedaço de queijo. A raposa teve uma ideia:

_ Amigo corvo, sabe que não há dentre as aves uma que cante melhor que você?

O corvo ficou encantado com o elogio. Finalmente alguém reconhecia o seu talento!

Continuou a raposa:

_ Será que daria pra você deliciar-me com uma de suas melodias?

De peito estufado, o corvo abriu o bico e se pôs a cantar. O queijo, claro, caiu bem nos pés da raposa, que saiu correndo sem ouvir a gritaria que o coitado fazia.

Moral: Ai de quem acredita em elogio de inimigo.

A raposa e as uvas

Uma raposa vinha andando por um caminho quando avistou uma parreira carregada de uvas maduras e deliciosas. Prontinhas para serem devoradas. Pula daqui, pula dali e nada de conseguir apanhar um cacho. Ela era muito baixa para parreira tão alta. Escada não havia por perto, nem tronco, nem banco nem nada onde subir.

O macaco gozador, vendo a raposa em apuros comentou com um risinho nos lábios:

_ Bonitas uvas. Devem estar deliciosas.

_ A mim não me parecem grande coisa. Além do mais, veja como estão verdes. Só amadurecem na próxima estação.

_ Ainda bem. Quem sabe até lá suas pernas tenham crescido e você já possa apanhá-las.

Moral: Quem desdenha quer comprar.

O macaco e a onça

Certa onça fingiu-se de morta para obter caça mais facilmente.

_ Os trouxas se aproximam e, quando todos estiverem presentes, eu dou o bote e tenho um farto jantar.

A ideia parecia ótima. Os bichos foram chegando um a um para o velório. Todos estavam ali, ao lado do defunto, quando chegou o macaco. Fingindo muito sentimento, ele perguntou aos animais.

_ A dona onça já espirrou? Todos sabem que as onças espirraram antes de morrer.

Ao ouvir isso, a onça soltou um espirro de fazer tremer a casa. Os bichos fugiram apavorados. Não ficou um para o enterro.

Moral: Esperteza demais sempre acaba em burrice.

O cão e o pedaço de carne

Vinha um cão atravessando um rio com um pedaço de carne na boca quando olhou para dentro da água e viu, lá no fundo, um outro cão com um pedaço de carne maior que o seu. Julgando-se muito esperto, largou a carne que trazia e foi agarrar a outra que avistara. Mergulhou, procurou, procurou e nada.

O tolo acabou ficando sem a carne que levava e sem a outra, que era apenas o reflexo da sua própria imagem.

Moral: Nunca troque o certo pelo duvidoso.

O cavalo e o asno

O cavalo e o asno andavam por uma estrada. Como o cavalo era muito mais forte que o asno, este lhe suplicou:

_ Amigo, me ajude. Esta carga está muito pesada para o meu tamanho.

_ Cada qual que leve a carga que lhe compete – respondeu o cavalo.

Andaram mais um pouco e o asno caiu morto. Veio então o fazendeiro e colocou sobre o lombo do cavalo, não só a carga que o asno levava, como também o corpo do defunto.

Moral: Quem não quer aliviar o peso das costas dos amigos acaba carregando carga em dobro.

O lobo e o cabritinho

Uma cabrita foi buscar comida para o filhote, mas deixou-lhe uma severa recomendação:

_ Meu filho, não abra a porta pra ninguém. Só abra quando ouvir a minha voz.

Um lobo que passava por ali, ao ouvir a instrução, esperou que a mãe se afastasse e bateu à porta:

_ Filhinho – disse o lobo imitando a voz da cabra -, abra a porta que a mamãe chegou.

Mas o cabritinho desconfiou e falou lá de dentro.

_ Mamãe, se é a senhora mesmo, mostre-me sua pata.

O lobo, não tendo como provar, foi embora se seu jantar.

CIEP BRIZOLÃO 374 – AUGUSTO RODRIGUES

PROFESSORA: ERIKA R. L. B. da SILVA

DISCIPLINAS: LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL

NOME: _____ TURMA: 701 DATA: _____

PROJETO FÁBULAS

1- Você já ouviu falar em provérbios, ditados ou ditos populares? São, em geral, pensamentos e ensinamentos de um povo apresentados em frases curtas, de forma bem resumida. Agora, leremos alguns ditados e conversar sobre eles.

- Quando um não quer, dois não brigam.

- O nascimento desigual a alguns, a morte igual a todos.

- A justiça tarda, mas não falha.

- Quem pode ser livre não se captive.

A Cigarra e as formigas

Esopo

Era inverno e as formigas estavam arejando o trigo molhado, quando uma cigarra faminta pôs-se a pedir-lhes alimento. As formigas, então, lhe disseram: “Por que é que, no verão, você também não recolheu alimento?”. E ela: “Mas eu não fique à toa! Ao contrário, eu cantava doces melodias!”. Então elas lhe disseram, com um sorriso: “Mas se você flauteava no verão, dance no inverno!”.

A fábula mostra que as pessoas não devem descuidar de nenhum afazer, para não se afligirem nem correrem riscos.

2- A fábula, como sabemos, é uma história de cunho moral que nos faz refletir sobre um determinado acontecimento ou sobre atitude de determinada personagem. Após ler *A cigarra e as formigas*, de Esopo, explique o comportamento das formigas perante pedido da cigarra. Por que elas agiram daquela maneira?

3- Ainda em relação à fábula *A Cigarra e as formigas*, você acha que as formigas poderiam ter tido outra atitude em relação à cigarra? Explique sua resposta.

4- Em *A Cigarra e as formigas*, a narrativa apresenta o discurso direto, quando as personagens conversam entre si diretamente, no entanto, para marcar as falas das formigas e da cigarra, foram usadas as aspas. De que outra maneira você pode organizar esse texto, mantendo o discurso direto? Redija o texto com as novas alterações.

5- Observe em *A Cigarra e as formigas*, o tempo verbal utilizado nas falas das personagens. Que tempo é esse? Por que esse tempo verbal foi escolhido para escrever as falas dessas personagens?

- 6- Leia atentamente *A Cigarra e as formigas* e suas outras três versões e responda:

A Cigarra e a formiga

Aviano

Quem passou na indolência a juventude
e não pensou em precaver-se contra as adversidades,
quando chega na velhice e a idade pesa,
ah! como vai pedir, em vão, auxílio aos outros.

Uma formiga separou para o inverno os frutos do
trabalho

sob o sol e guardou em sua toca pequenina.

E quando a neve branca cobre a terra
e a roça desaparece sob um manto de gelo duro
não tendo que enfrentar com seu corpo o clima hostil,
ela colhe preguiçosa grãos fresquinhos no aconchego de
seu lar.

Então chega uma pálida pedinte implorando alimento
(a mesma que perturbara o roçado com cícios):

é que, enquanto no terreiro debulhavam-se as espigas,
também ela trabalhava nos dias quentes cantando.

A formiga pequenina falou rindo pra cigarra
(pois a vida que levavam era sempre desse jeito):

— Meu sustento eu consegui através de muito esforço
e por isso, nesse frio, posso curtir meu descanso.

Já você só tem agora algumas horas para dançar,
uma vez que desperdiçou tua vida inteira cantando.

A Cigarra e a formiga

La Fontaine

A Cigarra, tendo cantado

O verão inteiro,

Viu-se privada de tudo

Quando o inverno chegou:

Nem um só pedacinho

De mosca ou de minhoca.

Foi chorar faminta

Em casa da Formiga sua vizinha,

Pedindo-lhe que lhe emprestasse

Algum grão para sobreviver

“Até a primavera

Eu lhe pagarei”, disse ela,

“Antes da colheita, palavra de animal,

Juro e capital.”

A Formiga não é generosa;

Este é seu menor defeito.

“Que fazia você no tempo quente?”,

Perguntou ela à necessitada.

“Noite e dia, para todo o mundo,

Eu cantava, não leve a mal.”

“Você cantava? Fico contente com isso.

Pois bem! Dance agora.”

A Cigarra e a formiga

Bábrio

No inverno, uma formiga arrastava de dento da toca
o trigo para arejar, que ela havia estocado no verão.

Então uma cigarra faminta pôs-se a suplicar-lhe
que lhe desse algum alimento, para continuar viva.

“Ora, o que estivesse fazendo”, disse, “nesse verão?”

“Não estive à toa. Ao contrário, passei o tempo todo a cantar.”

A rir, a formiga vai guardando no interior o trigo

e diz: “Se flauteaste no verão, dança no inverno!”.

- a) As quatro histórias tratam do mesmo assunto?

- b) Por mais que as quatro histórias tratem do mesmo assunto, verifica-se que elas não são idênticas. Quais diferenças que você observa entre elas?

- c) Cada autor tem seu jeito próprio de escrever, isso é chamado de estilo. Das quatro histórias lidas, qual foi o estilo que mais te agradou? Por quê?

- d) Volte aos textos e localize a frase que sintetiza o ensinamento moral das fábulas. Estão todas na mesma posição, ou seja, todas, por exemplo, no final do texto?

CIEP BRIZOLÃO 374 – AUGUSTO RODRIGUES

PROFESSORA: ERIKA R. L. B. da SILVA

DISCIPLINAS: LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL

NOME: _____ TURMA: 701 DATA: _____

PROJETO FÁBULAS

O leão velho e a raposa

Esopo

Um leão já velho, sem condições de arranjar alimento com o próprio esforço, entendeu que precisava fazê-lo por meio da criatividade. Então foi para uma caverna e lá se deitou, fingendo-se doente. E assim, os animais que vinham fazer-lhe uma visita, ele agarrava e devorava. Como grande quantidade de bichos havia sido capturada, uma raposa, tendo deduzido qual era sua tática, foi até lá e, detendo-se a uma certa distância da caverna, perguntou-lhe como estava. O leão disse: “Estou mal”. E quis saber por que razão ela não entrava. Então ela disse: “Mas bem que eu entraria, se não estivesse vendo pegadas de muitos animais que entraram, mas de nenhum que saiu.”

Assim, os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios.

- 1- Comente as histórias narrativas apresentam os animais através de sua característica principal. Na fábula *O leão velho e a raposa*, de Esopo, o leão é apresentado como esperado? E a raposa apresenta-se com sua característica habitual?

- 2- A moral da história da fábula *O leão velho e a raposa* diz que “os homens sensatos safam-se dos perigos, porque tomam precauções a partir dos indícios”. Você já se “safou” de algum perigo por ter sido precavido? Conhece alguma história de alguém que tenha conseguido se “safar” de alguma situação perigosa? Escreva sobre essa experiência.

CIEP BRIZOLÃO 374 – AUGUSTO RODRIGUES

PROFESSORA: ERIKA R. L. B. da SILVA

DISCIPLINAS: LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL

NOME: _____ TURMA: 701 DATA: _____

PROJETO FÁBULAS

A tartaruga e a lebre

Esopo

Uma tartaruga e uma lebre discutiam a respeito de sua velocidade. Então fixaram um prazo e um local e separaram-se. A lebre, rápida por natureza, descuidou-se da corrida e, tendo se deitado à beira do caminho, adormeceu. E a tartaruga, consciente de sua lentidão, não parou de correr e, tendo ultrapassado a lebre, que dormia, alcançou o prêmio da vitória.

A fábula mostra que muitas vezes o esforço vence uma natureza relapsa.

- 1- A fábula *A tartaruga e a lebre* apresenta uma história com dois animais que possuem características opostas: um lento e o outro rápido. No entanto, é a personagem desacreditada que conquista a vitória. Comparando a história à vida real, você acredita no poder do esforço? Você se esforça para conquistar seus objetivos? Dê um exemplo.

- 2- Sobre a estrutura da fábula *A tartaruga e a lebre*, qual tipo de narrador encontramos nela? Narrador observador ou narrador personagem? Utilize elementos para justificar sua resposta.

- 3- Observe o tempo verbal utilizado pelo narrador em *A tartaruga e a lebre*. Que tempo é esse? Por que é comum o uso desse tempo verbal pelo narrador?

- 4- A exemplo da fábula *A tartaruga e a lebre*, que distinguiu as personagens por suas características principais, escolha 6 novos animais e dê uma característica para cada um deles, por exemplo: urso > feroz.

- 5- Copie as respostas do exercício anterior e crie, para cada uma delas, uma característica contrária. Exemplo: feroz > manso.

CIEP BRIZOLÃO 374 – AUGUSTO RODRIGUES

PROFESSORA: ERIKA R. L. B. da SILVA

DISCIPLINAS: LÍNGUA PORTUGUESA E PRODUÇÃO TEXTUAL

NOME: _____ TURMA: 701 DATA: _____

PROJETO FÁBULAS

1- Uma das partes da estrutura de uma narrativa é o conflito, ou seja, aquela determinada situação-problema que acontece na história e que precisa ser resolvida. Invente dois personagens animais que poderiam participar juntos de uma história e crie um conflito para ela.

2- Criado o conflito, agora, apresente uma solução para ele, lembrando que o ensinamento moral faz parte dele. Se precisar, utilize um provérbio, ditado ou dito popular para preencher o espaço da moral da história.

3- Para cada personagem que você utilizou no exercício anterior, invente uma característica marcante e acrescente uma personalidade humana para cada uma delas. Exemplo: o leão é forte e vaidoso.

4- Vamos criar um cenário para essa história que está sendo construída aos poucos? Descreva o ambiente onde estão as personagens, mas faça-o com poucos detalhes.

5- Agora, você deverá criar uma introdução, para que o narrador apresente o ambiente e o primeiro contado entre as personagens.


6- Dando continuidade ao exercício anterior, desenvolva o enredo com um pouco mais de detalhes, interligando todas as partes criadas até aqui. Atente-se para os tempos verbais utilizados pelo narrador e pelas personagens.

7- Elabore um desfecho para a história, tendo em vista que a solução deve estar de acordo com o ensinamento moral que você quer enfatizar.

8- Crie um título criativo que desperte a atenção do leitor.

Convite: culminância do Projeto Fábulas

O momento de celebração chegou. Após tanto esforço, dedicação e superação, chegamos vitoriosos ao final deste projeto com as fábulas, e, para comemorarmos, apresentaremos as fábulas autorais a toda comunidade escolar.



Convite:

*Lançamento do livro **Fábulas do século 21:**
a singularidade do olhar infantojuvenil.
Fábulas autorais dos alunos do 7º ano
do CIEP BRIZOLÃO 374 - Augusto Rodrigues.*

Data: 10 de dezembro de 2019.
Horário: 10h
Local: CIEP BRIZOLÃO 374 - Augusto Rodrigues

Anexo E - Questionário guia para revisão

TABELA DE RECONHECIMENTO			
MINHA FÁBULA	SIM	NÃO	MELHORAR
1- Usou os espaços parágrafos?			
2- Separou cada momento novo da história em um parágrafo diferente?			
3- Utilizou-se de substituições (pronomes ou sinônimos) ou utilizou o recurso da eliminação para evitar repetições desnecessárias?			
4- Criou um título de acordo com a sua história?			
5- Repetiu, desnecessariamente, alguma palavra?			
6- Deixou evidentes as diferenças físicas e de personalidade entre as personagens?			
7- Elaborou a personalidade, as atitudes e o modo de pensar das personagens de acordo com o comportamento humano?			
8- Optou pelo discurso direto, fazendo com que personagens conversassem entre si diretamente?			
9- Usou as pontuações características do discurso direto: dois pontos (:), travessão (_) ou aspas (“ ”)?			
10- Deixou cada fala das personagens, preferencialmente, em um parágrafo diferente?			
11- Optou pelo discurso indireto, contando tudo o que aconteceu entre as personagens através do narrador?			
12- Usou o tempo e o modo verbais adequados para a sua história?			
13- Lembrou-se de usar os pontos de interrogação e de exclamação quando necessários?			
14- Pulou linha desnecessariamente?			
15- Usou letra maiúscula quando necessário?			
16- Criou um cenário da sua história?			
17- Criou um conflito (situação-problema) para a sua história?			
18- Criou uma solução para o problema (conflito) presente na sua história?			
19- Lembrou-se de criar a moral da história?			
20- Caprichou na sua letra?			
21- Usou o dicionário para consultar a grafia ou o significado da palavra que lhe causou dúvida?			
22- Revisou seu texto por inteiro, ou seja, você leu o seu texto para saber se precisa fazer mais alguma modificação?			
23- Leu o seu texto para um colega para saber a opinião dele?			
24- Reescreveu seu texto de acordo com as orientações da sua professora?			

Anexo F - Discurso proferido pela aluna participante do projeto: gravação

O nascimento do nosso livro *Fábulas do século 21*

Bom dia a todos os que estão presentes, e vamos começar a falar um pouco sobre esse projeto lindo e realizado pela nossa professora Erika.

No primeiro dia de aula, a professora Erika passou uma atividade utilizando o caça--palavras. Fez perguntas pessoais de como eram as nossas vidas e nossos hábitos de leitura...foi nos ajudando.

Durante as aulas, ela trabalhava com textos variados e sempre nos fazendo pensar que o hábito de ler pode ser importante.

O tempo foi passando, as atividades e tarefas surgindo... até que, num belo dia, a professora Erika nos propôs fazermos um projeto incrível: o Projeto Fábulas, e nós concordamos em fazer.

Ela nos ofereceu um kit, e, nesse kit, tinha lápis, caneta, borracha e uma espécie de agenda, que se tornou um diário, no qual representava as nossas produções. E, assim, ela foi desenvolvendo esse projeto.

Ela falou que íamos produzir um livro, mas não era um livro qualquer. Não era um livro com folhas tipo xerox, mas um livro de verdade.

A turma começou a escrever as nossas histórias baseadas em fábulas. Nossas histórias deveriam ter elementos da narrativa, enredo, conflito e temas como felicidade, amor, ódio... podia ter tudo o que representasse o ser humano, mas nada de conteúdo sexual, linguagem imprópria e obscena... O nosso livro será o livro!

Durante todo esse processo de criação, a turma teve bastante dificuldade. Fizemos textos curtos demais, cometemos muitos erros, mas a professora Erika não desistiu e corrigia um por um, orientando sempre com o objetivo dos textos ficarem bem mais legais e interessantes. Refizemos os textos algumas vezes, mas não desistimos, e, assim, foram longos meses e muito trabalho, empenho e dedicação.

A professora Erika passou noites corrigindo os nossos textos e, finalmente, eles ficaram prontos.

Passado esse período, a professora Erika entrou em contato com a editora, e o nosso sonho estava prestes a se tornar realidade.

A editora sugeriu que nós fizéssemos ilustrações das nossas histórias e, assim, foi mais um dos processos.

Faltava, agora, a capa do nosso livro, e, assim, o processo continuou sendo trabalhoso, já que a editora não havia aprovado algumas de nossas sugestões, até que, novamente, a nossa professora teve a ideia brilhante de fazer a capa como se fosse o céu, pois, para os escritores e leitores, o céu não tem limites, e, assim, tudo ficou perfeito como a professora tinha projetado e imaginado.

Ela escolheu a nossa turma e somos gratos a ela por ter dividido e compartilhado esse sonho com a gente.

Agora é hora de agradecer a ela, que acreditou e nos fez acreditar que nossos se transformassem em realidade, mas com empenho, dedicação e trabalho duro.

À professora Erika Romana, agradecemos a senhora por se importar com a gente, até porque te perturbamos muito, mas, sim, foi uma gentileza sem fim, foi muito legal da sua parte o ensino que a senhora tem e o qual a senhora quer que tenhamos também.

A senhora é uma pessoa maravilhosa, é uma excelente professora e esperamos que todos nós tenhamos um pouco de sua sabedoria, paciência, carinho, amor e dedicação no seu trabalho com os seus alunos.

Tivemos a sorte de tê-la como nossa professora, por tê-la colocado em nossas vidas e lhe agradecemos por tudo mais uma vez.

Com carinho, da turma 701.



Anexo G - *Fábulas do século 21*: A singularidade do olhar infantojuvenil (relato da culminância do projeto)

Relato da culminância do projeto

Em uma sexta-feira 13, ouvem-se tiros antes das 7h da manhã. Coração acelera, olhares entrecruzam-se. Garganta seca. Medo! Assim começou mais um dia letivo no CIEP Brizolão 374 – Augusto Rodrigues.

Havia um clima misto de apreensão e de ansiedade no ar, afinal, o dia havia chegado, mas uma voz interior e inquieta perguntava: “Será que eles aparecerão? Virão acompanhados? Afinal de contas, hoje já teve tiro...”

Uma movimentação intensa começou. Palavras de agradecimento e de reconhecimento eram interrompidas por fotos. Muitos sorrisos. Um clima de confraternização preenchia, enfim, o refeitório e os nossos corações.

Nem todos estavam presentes, uma pena! Mas aqueles que lá estavam puderam ver e ouvir uma jovem de 12 anos, que pegou o microfone e proferiu seu discurso para um grande e prestigioso público. Foi quando me lembrei das sábias palavras de Irandé Antunes “gente que tem uma palavra a dizer e sabe como dizer.” Que orgulho!

Discursou em nome da turma participante do Projeto Fábulas e contou sobre a experiência diferenciada de ensino–aprendizagem para o representante do poder legislativo estadual, para os representantes da Secretaria Estadual de Educação – SEEDUC e para os representantes da comunidade escolar.

Ela falou: “Durante todo esse processo de criação, a turma teve bastante dificuldade. Fizemos textos curtos demais, cometemos muitos erros, mas a professora Erika não desistiu e corrigia um por um, orientando sempre, com o objetivo dos textos ficarem bem mais legais e interessantes. Refizemos os textos algumas vezes, mas não desistimos e, assim, foram longos meses e muito trabalho, empenho e dedicação de todos.”. Que emoção!

Uma música ambiente embalava o almoço de confraternização ao mesmo tempo em que preparava os corações para o momento do adeus. Não estaremos mais juntos novamente, pensei. O trabalho foi finalizado, mas a jornada de cada um só está começando...

Chegou a hora de trilhar novos caminhos, agora, com um pouco mais de conhecimento e um pouco mais de autoconfiança, porque a escola cumpriu, enfim, “seu papel social de

intervir mais positivamente na formação das pessoas para o pleno exercício de sua condição de cidadania” (ANTUNES, 2003, p. 66).

Por fim, levaremos, eu e meus educandos, não somente os conhecimentos adquiridos e compartilhados através desse projeto por toda a nossa vida, mas levaremos também uns aos outros gravados na nossa mente, no nosso coração e nas páginas do nosso livro *Fábulas do século 21: a singularidade do olhar infantojuvenil*, que retrata a nossa história pessoal e educacional.



O gato, o galo e o ratinho

X

Esopo

Um ratinho vivia num buraco com sua mãe, depois de sair sozinho pela primeira vez, contou a ela:

— Mãe, você não imagina os bichos estranhos que encontrei! Um era bonito e delicado, tinha um pelo muito macio e um rabo elegante, um rabo que se movia formando ondas. O outro era um monstro horrível! No alto da cabeça e debaixo do queixo, ele tinha pedaços de carne crua, que balançavam quando ele andava. De repente os lados do corpo dele se sacudiram e ele deu um grito apavorante. Fiquei com tanto medo que fugi correndo, bem na hora que ia conversar um pouco com o simpático.

— Ah!, meu filho! — respondeu a mãe. — Esse seu monstro era uma ave inofensiva; o outro era um gato feroz que, num segundo, teria te devorado.

Moral: Jamais confie nas aparências.

O cão e o pedaço de carne

X

Esopo

Vinha um cão atravessando um rio com um pedaço de carne na boca quando olhou para dentro da água e viu, lá no fundo, um outro cão com um pedaço de carne maior que o seu. Julgando-se muito esperto, largou a carne que trazia e foi agarrar a outra que avistara. Mergulhou, procurou, procurou e nada.

O tolo acabou ficando sem a carne que levava e sem a outra, que era apenas o reflexo da sua própria imagem.

Moral: Nunca troque o certo pelo duvidoso.

Anexo I - Questionário diagnóstico

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

- 1- NOME COMPLETO: _____
- 2- IDADE: _____
- 3- NACIONALIDADE: _____
- 4- SEMPRE FOI ESTUDANTE DE ESCOLA PÚBLICA?
() SIM () NÃO
- 5- ANTES DE ESTUDAR NO CIEP BRIZOLAO 374 – AUGUSTO RODRIGUES, VOCÊ ESTUDOU ONDE?
NOME DA ESCOLA: _____
MUNICIPIO DA ANTIGA ESCOLA: _____
QUAL/QUAIS SÉRIES ESTUDOU LÁ: _____
- 6- REPETIU DE SÉRIE ESCOLAR (ANO) ALGUMA VEZ?
() SIM () NÃO QUANTAS VEZES? _____
QUAL/QUAIS? _____
- 7- ENTROU NO CIEP 374 QUANDO? _____
- 8- PARA ESTUDAR EM QUAL SÉRIE (ANO)? _____
- 9- QUANTOS LIVROS VOCÊ LEU ESTE ANO FORA DO AMBIENTE ESCOLAR? _____
- 10- QUAL É O SEU LIVRO FAVORITO OU HISTÓRIA FAVORITA?

- 11- QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA VOCÊ?

- 12- QUAL A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA PARA VOCÊ?

13-COMENTE SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO FÁBULAS.

14-COMENTE SOBRE O TRABALHO DE RELER E DE REESCREVER O PRÓPRIO TEXTO

15-A HISTÓRIA QUE VOCÊ CRIOU É BASEADA EM FATOS?

SIM NAO

16-GOSTOU DA EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DO PROJETO FÁBULAS?

SIM NAO

17-PARTICIPARIA NOVAMENTE DE ALGUM PROJETO VOLTADO PARA LEITURA E ESCRITA?

SIM NAO

18-O QUE FOI O PROJETO FÁBULAS PARA VOCÊ?

19-SOBRE O PROJETO FABULAS, DEIXE UM RECADO PARA SUA PROFESSORA.

Anexo J - Versão diagnóstica e versão fabular final, respectivamente

EDUCANDO 1

A guerra dos ~~dois~~ tribos

Muito tempo atrás, havia havia duas tribos que queriam para tomar posse da tribo central que passou de lado, o que, certo, tempo e muito mais e por isso as tribos, querem tomar posse da tribo central.

Um certo dia, o rei da tribo do Sul e o rei da tribo central e o rei da tribo do Norte também foi avisado a tribo eles se encontraram e se voltaram com um cara cheio eles voltaram para os contatos e de conversação da guerra e foram conversando chegando na tribo central eles falaram e ele falou:

- Vou não pedir mais nada.
- a primeira coisa de duvidas falou:
- Eu não quero nada também.

Os ficaram muito e foram conversando eles ficaram de lá ainda muito, retiraram os animais da tribo central e falaram que a guerra acabou e falaram que os dois tribos tinham ganhado a tribo central e se passaram muito tempo e os tribos passe em harmonia.

O tigre solitário

Era uma vez, uma escola cheia de animais: cães, gatos, porcos, macacos etc. certo dia, entrou um aluno novo na escola: um tigre. Só porque seu pai eram dono da escola, ele se achava superior de que todos dele queria mandar, ele queria. Ser mais do que todos.

Um grupinho de animais foi conversar com o tigre. Ele foi egoísta e chato e ninguém quis mais falar com ele. Ele tentou entrar em qualquer grupo: ele tentou o grupo dos, gatos, dos cães, dos macacos etc. dos porcos, porém não entrou. Ele ficou sozinho e foi conversar com sua mãe.

- Mãe, eu não tenho amigos!
- Por que, filha, você não tem amigos?
- Porque eu sou egoísta e chato.
- Então você tem que ser legal, participativo e compreensivo.

Então o tigre foi pedir desculpa para todos os animais. Nesse dia, o tigre aprendeu a não se sentir superior de que ninguém.

MORAL:

EDUCANDO 2

A FAZENDA.

ERA UMA VEZ ^{HA} MUITO TEMPO ATRAS, EM UMA FAZENDA ONDE MORAVA UM BELO CAVALO E UM LINDO PASTORAL E OUTROS LINDOS ANIMAIS. EM UM BELA DIA VEIO UM LINDO CACHORRO SE VIU UM BELO CAVALO NO PASTO ENTÃO DEPOIS DE FALAR COM ELE, SA QUE NUNCA TINHA VISTO ELE LA ENTÃO LA FOI O PASTORAL TODO ALEGRE QUANDO ELE CHEGA LA O CACHORRO PERGUNTA SE ELE É NOVO ENTÃO O CAVALO RESPONDE: ~~SI~~

~~NÃO INTERESSA!~~ ENTÃO O CACHORRO SAÍ MUITO TRISTE. LOGO DEPOIS O CAVALO REFLETE SOBRE O QUE FALOU E DECIDI IR ATÉ O PASTORAL SE APROXIMANDO DO PASTORAL PERCEBEU QUE O CAVALO ESTAVA MORANDO ENTÃO O CAVALO DISSE O SENHOR PASTORAL ENTÃO O PASTORAL RESPONDEU:

OI PORQUE ME DISSE AQUILO?

O CAVALO RESPONDE:

ME DESPUSAS!

E O PASTORAL DIZ
DESPIE PASTO!

há muito tempo atrás em um lindo zoológico em Santa Catarina, Florianópolis, há morava um lindo leão e uma leoa.

Em um belo dia de domingo, o zoológico fechou, muitas pessoas estavam por lá. Uma garotinha decidiu ir ver a jaula do leão. Muito curiosa chegou tão perto da jaula que, quando viu, já estava lá dentro.

Muito desesperada, começou a gritar.

- Socorro! Socorro! Socorro! Alguém me ajuda, por favor de Deus!

Percebendo que ninguém estava mais por lá, saltou a grade no zoológico e vendo que já era 17h30 que o zoológico estava fechado, então ela começou a gritar novamente.

- Alguém me ajuda por favor!

Sabendo que até o zoológico daquele tempo havia ido embora, ela decidiu ir ver se tinha algum leão naquela jaula após ir para trás se deparou com um leão enorme dormindo, ela começou a chorar. Uau! Uau! Uau!

Quando percebeu, o leão tinha acordado de repente. Muito desesperada, saiu gritando, foi quando ela achou uma toquinha e então o leão abriu e continuou olhando até que ela arrancou em direção a jaula e levou o biscoito dela então ela gritou

- Ah! Ah! Ah!

No dia seguinte um zelador encontrou o corpo da menina e levou para o TML e para a família da menina.

Minutos depois, a mãe dela chegou e chorou muito. Os familiares mataram o entoso no dia seguinte.

No entoso, a mãe dela deu mais e foi levada para o hospital. Assim que ela acordou disse: "A luxúria matou a minha filha!" e morreu novamente.

MORAL: O VÍCIO! A PURRIDÃO PODE MATAR.

a Tartaruga e o Ratinho

Era uma vez há muito tempo atrás em um lugar bem longe da vila uma tartaruga que nunca saía de sua casa. Sua mãe não deixava, Ela vendia muito queijo muitas vezes. Ela não gostava que seu filho fosse amigo por que ela achava que seus amigos iam um dia pra mal comido, mas não era isso que ele queria. Ele queria viver em paz na parte de sua casa mas ela não deixava nem isso. Um dia Ela morreu e ele tinha que cuidar de si mesmo e vender o queijo para comprar queijo e ali ele pegou amigos uma manhã e a tartaruga ali foi e a tartaruga também e eles se encontraram e conversaram a tarde toda e ele a tartaruga perguntou porque você não tem amigos e a tartaruga respondeu porque minha mãe tinha medo de eu me enterrar nesse mundo lá fora e Ele falou Beberica a tartaruga falou não tem amigos e a tartaruga falou me desculpa mas onde quer que minha mãe esteja eu não esqueço, não quero sua amizade mas vou a repetir "minha mãe eu sou o esquecido de minha mãe!"

a Tartaruga e o Ratinho

Era uma vez há muito tempo atrás em um lugar bem longe da vila uma tartaruga que nunca saía de sua casa porque a sua mãe não deixava. A mãe da tartaruga vendia muito queijo para ela seu sustento e de seu filho. Ela não deixava seu filho sair e ele dizia que ela não queria mais mãe. Ela só queria evitar seu mal e evitar amigos ruim. Ele não perdia nada nem se perdesse.

um dia a mãe da tartaruga morreu, e ele ficou muito triste, mas ele foi sozinho a cidade e deveria tomar conta dos queijos de sua mãe e vendê-los para o seu sustento e assim ele seguia vendendo queijos para seu sustento e ali ele pegou amigos uma tarde apareceram um rato e um rato e ali eles conversaram e ele a tartaruga perguntou porque você não tem amigos e a tartaruga respondeu porque minha mãe tinha medo de eu me enterrar nesse mundo lá fora e ele falou não tem amigos e a tartaruga falou me desculpa mas onde quer que ela esteja

Moral: importante cuidar a mãe para não acontecer coisa ruim

O Lirico em Cantado

Era uma vez um bosque estanho onde dois garotos estavam. Assim um lirico acaba pelo seu convite estanho quando ele querem a ler uma coisa muito brilhante e lirico fala o que vocês querem os garotos falam mas queremos que vocês tem o lirico responde. Vocês tem certeza. Eles falam sim. O lirico falou não tem o lirico a trazer. Então pareceu uma mulher ela falou com um lirico muito estanho ela falou vocês são garotos. Vocês são as palavras heróis. Então sugeriu os dois garotos foram para um lugar onde tinha muito montanhas e campos de flores animais que fala mas os garotos viram animais dirigindo de dentro os porcos (porco, carneiro, felino, cabra) todos estendo em fila. Os porcos para assim vocês animais repetição, porcos, mal. Depois com as coisas parece. Depois os felinos falam. Vocês que quer instado para território. Por isso fala. Os porcos se queiram por. Então os garotos viram a situação os porcos falam com uma cara de raiva por. Tudo continuaram. Por isso os garotos fizeram um acordo - isto ficou repensado por. Então os discursos terminaram no entanto eles a espina ficaram sem por.

significau. Capitulo na letra.

O Gato e Cachorro

Era um dia ensolarado na fazenda quando um cachorro muito inteligente e amigável com seu dono até que ele encontraram um gato.

O gato aquele bafafure, contou para o cachorro que o cavalo falou que ele é chato, mas o cachorro não se im. Parou.

Passado 3 anos, o dono faleceu e os animais ficaram muito tristes. Então apareceu o Lucas, o filho do dono, mudou tudo os animais não gostaram era maltratado pelo Lucas.

Um dia cachorro e gato fugiram da fazenda.

O cachorro caiu e o gato fez tentar ajudar o cachorro falou. Ele falou que estava bem e que faltava pouco para o gato salvar.

maravilha do historico? mas insisto que os porcos falam de novo e a fada o porco.

EDUCANDO 5

"O gato e o Rato."

Há muito tempo tempo atrás... Havia um gato que só sabia dormir e comer mais nada.

Já o rato era aguil, ele era esperto, certo dia o gato saiu de casa e foi a floresta. Ele encontrou o rato, mas o rato estava em busca de comida, e o gato ficou com fome e o convidou para ir a sua casa, mas o rato disse:

- Não, não posso, pois minha esposa e os meus dois filhos estão em casa esperando comida.

E o gato respondeu:

- Vamos lá comidos eles para assim para minha casa almoço, lá tem diversas coisas, não vai adorar.

Assim, foi se entre o caminho da floresta o gato começa a falar:

- Carambá que rato bonito!

O rato diz:

- Respire e a minha esposa.

O gato diz:

- Para como ela e limpa 

li.

"O Gato e o Rato"

Era uma vez um gato e o Rato. O Rato vivia na floresta e o gato na casa de sua dona, lá no cidade de São Francisco. O gato era inteligente e o Rato esperto.

Um dia, o gato foi na rua, estava o Rato comprando frutas e legumes, quando o tempo se fechou. O Rato disse:

— Carinhoso! Como eu vou pra casa agora?

O gato chegou, viu a preocupação do Rato e foi ajudá-lo. Chegando lá o gato disse:

— Oi, te vi bastante preocupado, como eu ajudá-lo?

— É que agora não posso ir para minha casa porque choveu! Respondeu o Rato.

O gato, com sua humilde gentileza, disse a seguinte:

— Ah, então vamos para minha casa, já nós dois podemos comer deliciosas coisas.

— OK! Então vamos lá, estou faminto! Falou o Rato.

Mais tarde, chegando em casa, a comida estava na mesa, logo em seguida, alguém bateu na porta. Toc, toc, toc.

— Quem é? Perguntou o gato.

— Ei! Preciso de ajuda, estou todo molhado, você poderia me ajudar? Disse o animal desorientado.

— Sim! Claro, entre por favor, você pode ficar aqui até a chuva passar! Falou o gato.

Logo então o Rato se arrependeu de que era um leão e foi se esconder. Com o tempo passando o Rato saiu de seu esconderijo e se juntou a eles.

— Eu te conheço de algum lugar, não me sei do onde. Disse o gato cheio de dúvida.

— Eu sou daqui de São Francisco, eu vim na festa que teve aqui, lembra? Falou o leão.

— Sim! lembra. Respondeu o gato.

O Rato viu que ele não era flor que se cheira, então falou a seguinte:

— Porra, amigo não embora, aliás a chuva já passou!

— Beleza! Já gente se fala, vai com Deus! Respondeu o gato.

O Rato foi pra casa, e, na casa do gato, ficaram o gato e o leão.

— Quando seu amigo me deu uma fome, só que você tem mais carne do que ele! falou o leão.

— Você não é um aqui? Logo, qual é o seu problema, disse o meu amigo em paz. Disse o gato.

— Nemhum! Eu só estou comendo uma carne deliciosa na minha frente que é você! Disse o leão.

Então o gato, por cuidados, colocou suas garras pro fora e começaram a brigar.

— Chega! Não há necessidade disso. Falou o gato.

— Vou embora, mas essa briga ainda não acabou! Disse o leão cheio de raiva.

Então o leão foi embora e nunca mais voltou, o Rato foi pra sua família e o gato foi morar com sua filha. Então a minha história acaba aqui.

Moral: Não adianta brigar pois não vai levar a lugar algum, você não precisa fazer isso, seja onde suas mãos e tal... Fim!

O cachorro e o gato

- Era uma vez um cachorro e o gato que eles encontraram umas amígdalas que se acabaram se aproximando uma virou acabando fazendo um pontar e depois marcaram pra sair e sabram dentro de acalarem virando ramosando e virou cada casal bonito depois teve filhotes então nasceu 10 filhotes de cada um e comparem comida e que muita coisa e depois eles fez festa dos animais e a festa foi muito bem dada os animais gostou e os filhotes depois da festa eles brigou brigou de animais saber como e pro causa de comida e depois voltam se amigos

O dia dos animais

Há muitos anos atrás, bando de animais fugiu do zoológico, foram pra uma grande cidade e as pessoas ficaram muito curiosa - dos. Então uma pessoa ligou pro zelador e o avisou:

- Olá senhor zelador, tem um bando de animais aqui, estão bastante arrepiado

- Sim, pois não, vou me informar com os outros zelador - disse o zelador

- Ok obrigado respondeu a mulher

O animais decidiram sair dali: A girafa e o elefante disseram:

- Amigos, vamos dar uma volta disse a girafa

- aquela mala acabou de ligar pro zelador, ele está reunindo

os amigos dali, pra nos buscar - disse o elefante

Então resolveram sair dali, foram para perto da mar. Depois a mulher para o zoológico porque lá estão as lembranças. chegaram todas os animais. Eles ficaram felizes e também se sentiram em casa porque suas melhores lembranças estavam

Moral da história: não abandone o certo pelo novo

EDUCANDO 7

O menino honesto e querendo

1 Era uma vez um menino que queria um trabalho.
2 Ele estava querendo um trabalho, ele ganharia um dinheiro ali outro ali.
3 Ele estava querendo um trabalho fixo, ele não achava ali que um dia o
4 pai dele chamou o menino para trabalhar em uma oficina.
5 Ele muito feliz foi trabalhar, mais ele não sabia que teria que trabalhar com
6 seu pai. Quando ele chegou na oficina cumprimentou todos e o pai dele chamou ele
7 em uma sala para conversar com ele, o pai dele falou que ele só iria trabalhar na
8 oficina se morasse com ele.
9 Ele como queria muito um trabalho aceitou mais ele tinha que pedir seu pai.
10 Chegando em casa falou com sua mãe e ela mãe deixou então ele ficou
11 morando com a mãe e fugiu de casa foi correndo para casa de seu pai, ao chegar
12 contou de seu pai.
13 Botou no ponto e começou a gritar, foi aí que o pai dele veio que seu
14 pai não estava em casa, então começou de gritar. Botou para a casa de sua
15 mãe.
16 Chegando na casa da sua mãe viu que sua mãe estava chorando por
17 que não sabia onde ele estava, ao entrar em casa chorando pelo abraço de sua mãe.
18 Ela mãe dele disse que iria deixar ele morando com seu pai, mais ele disse
19 que não queria mais trabalhar com seu pai e que iria pagar um curso
20 de medicina e disse também que seu sonho era virar um médico para poder ajudar
21 sua mãe.
22 Depois de terminado o curso ele virou um médico depois de alguns anos
23 ficou formado e ficou rico.
24
25 Moral da história: Cuida atrás dos seus sonhos!

O menino honesto e querendo

Era uma vez um menino que queria um trabalho ele estava querendo um trabalho fixo, ele não achava ali que um dia o pai dele chamou o menino para trabalhar em uma oficina.

Ele muito feliz, foi trabalhar, mais ele não sabia que teria que trabalhar com seu pai. Quando ele chegou na oficina, cumprimentou todos, e o pai dele chamou o menino em uma sala para conversar.

O pai dele falou que ele só poderia trabalhar na oficina se morasse com ele. Como ele queria muito um trabalho, aceitou, só que ele tinha que pedir seu pai. Chegando em casa, falou com sua mãe e ela mãe deixou. Então ele ficou morando e fugiu de casa, foi para a casa de seu pai.

Ao chegar na casa, botou no ponto e começou a gritar, Botou para a casa de sua mãe.

Chegando em casa viu que sua mãe estava chorando porque sua mãe não sabia onde ele estava. Ao entrar em casa, foi correndo para o abraço de sua mãe. Ela disse que iria deixar ele morando com seu pai, mais ele disse que não queria mais trabalhar com seu pai porque iria pagar um curso de medicina. Disse também que seu sonho era virar um médico para poder ajudar sua mãe.

Depois de terminado o curso, ele virou um médico e depois de alguns anos, ficou formado e rico.

Moral da história: Cuida atrás dos seus sonhos!!!

EDUCANDO 9

O rato e o gato

Era uma vez... Um ratinho que saiu escondido da mãe para explorar os arredores de sua casa. Mal sabia ele que havia um gato entre os árvores e esperando ele sair da toca para pegá-lo e a mãe dele percebeu que o ratinho tinha sumido e a mãe do ratinho saiu para procurá-lo e o ratinho estava em um grande perigo o gato foi atrás cercado e logo com amadilhos como ratinhas por toda parte. O ratinho desesperado continuou a explorar os arredores até que a mãe do ratinho o encontrou num buraco com o gato tentando entrar dentro do buraco a mãe do ratinho correu um buraco bem fundo para salvar o seu filhote e o gato ficou com cara de zento enquanto o ratinho fugia com a mãe e o gato ficava lá pensando que o rato estava quando o rato e a mãe chegaram em casa a mãe do ratinho briga com ele mas o perdoo por ter saído sem permissão a mãe dele deu um beijo e um abraço e ficou tudo bem.

Moral da história! Sempre se deve confiar em sua mãe, ela sabe das coisas.

O rato e o gato

Era uma vez um ratinho que saiu escondido da mãe para explorar os arredores de sua casa. Mal sabia que havia um gato entre as árvores, só esperando ele sair da toca para pegá-lo.

O ratinho desesperado continuou a explorar os lugares mas se encontrava em um grande perigo, porque o gato foi atrás cercado e logo com amadilhos, como as ratinhas, por toda parte.

A mãe do ratinho, ao perceber que ele tinha sumido, saiu para procurá-lo até que o encontrou num buraco ~~de~~ grande digão com o gato tentando entrar dentro, mas ela correu o buraco um buraco bem fundo para salvar o seu filhote. Enquanto o ratinho fugia com a mãe, o gato, com cara de zento ficava pensando que o rato ainda estava lá.

Quando o rato e a sua mãe chegaram em casa, ela briga com ele, mas o perdoo por ter saído sem permissão e então a mãe do ratinho deu um beijo e um abraço nele e ficou tudo bem.

Moral da história: Sempre se deve confiar em sua mãe, ela sabe das coisas.

Reposição da cachorra

Era um dia, um Raposa e a cachorra que estava
 não queria brincar com Raposa mas a cachorra não queria
 brincar com a Raposa mas a cachorra falou a Raposa não
 queria brincar com Raposa mas não queria brincar com Raposa
 e Raposa falou que não quer que brinca com Raposa eu não
 porque eu não quer falar com Raposa porque ele falou mais de
 quando acordou não viu a cachorra começou a correr mas
 a cachorra não estava. mudança das animas virou em mais
 de muita vez cansava ele falou que era o mais culpado na que
 a cachorra mas a Raposa queria brincar com a cachorra mas Raposa
 não se cansava com seus passinhos senta porém firme.
 Logo ultrapassou a cachorra e mais Raposa falou
 para cachorra não se desista de mais Raposa disse firme.
 Moral da história: Raposa e cachorra.

Reposição da cachorra

Era um dia, uma raposa e uma cachorra
 a cachorra queria brincar com a raposa, mas a raposa
 não queria.
 Adão queria brincar com Raposa porque eu tenho
 mais amigos - falou a raposa.
 não precisa brincar com Raposa - disse a cachorra.
 Mas foi Raposa que passou por aqui e falou comigo
 - disse a raposa.
 Como eu não brincar com uma raposa?
 perguntou a cachorra.
 Vamos brincar juntos de apostar corrida?
 perguntou a raposa.
 Sim, vamos brincar juntos para sempre - Raposa
 e cachorra falou juntos.
 Moral da história:
 Amizade é mais importante do que as brigas

originalidade: capricho na letra.

O Leão e o Passaro

O leão saiu para brincar na floresta e então viu o passaro e disse - posso brincar com você? o passaro respondeu - claro que não um leão grande e desengonçado como você brincando com um passaro lindo, pequeno como eu só nos seus sonhos agora vai embora daqui.

O leão foi embora chorando de volta para sua mãe de perguntas, por que ele estava chorando ele disse - mãe! aquele passarinho me pediu a mãe de disse - por que meu filho? ele disse - eu fui lá tentei brincar com ele e ele disse que um leão grande é só como eu brincar com um passaro pequeno como ele. a mãe de disse para não ligar para o que os outros dizem porque a prova importa que ele é grande e forte e ele é pequeno e fraco.

O Leão e o Passaro

O leão saiu para brincar na floresta e então viu o passaro e perguntou - eu posso brincar com você?

O passaro respondeu:

- Claro que não! Um leão grande e desengonçado como você brincar como um passaro pequeno e lindo como eu! Só nos seus sonhos. Mel cara agora vai embora daqui.

O leão foi embora chorando triste para sua mãe de perguntas porque ele estava chorando então ele respondeu:

- Mãe! aquele passaro me mandou embora dela!

A mãe do leão respondeu:

- Não por que ele te mandou embora de lá?

O leão respondeu:

- Só porque eu pedi pra brincar com ele, mãe.

A mãe do leão respondeu:

- Não ligue para o que os outros dizem meu filho.

Moral da história: não se deve rir dos outros pessoas porque os outros se sentem mal.

O Gato e o Coelho

É muito tempo atrás o coelho e o gato eram muito amigos e o coelho e o gato eram muito felizes e se amavam muito e foram para viver longe porque se estavam se amando e foram muito muito tempo e eles se voltaram de novo e se amaram e se chegaram lá e foram

O Leão e o Chuva-Caixa

Em uma vez um leão que estava em sua toca quando entrou um chuva-caixa e perguntou:

- Senhor leão eu posso ficar aqui alguns dias?
- Pode, mas eu quero saber se você tem fome.

No dia seguinte o chuva-caixa foi caçar e não conseguiu comida. O leão ficou muito bravo e ele mesmo foi caçar e chegou um bicho e comeu sozinho. E o chuva-caixa voltou, viu o leão satisfeito. Ele perguntou:

- Você comeu alguma coisa?

O leão respondeu:

- Sim, mas não estava comendo comida

na mão.

O chuva-caixa a caçar depois de dois dias seguintes conseguiu comida. Voltando o chuva-caixa voltou uma hora para mais e foi com o leão cheirando volte ele voltou.

Moral: Se quiser algo, faça algo mesmo.

"O Cachorro e o Rato"

Há muito tempo atrás tinha um cachorro tão preguiçoso que um dia o cachorro tinha falado que ia dormir porque ele estava com sono. Havia um rato tão impaciente, tão impaciente! que ele falou assim:

- *Salte o que eu vou fazer com o cachorro?* - falou bem baixinho o rato.

Passou uns minutos e ele pensou! pensou! e pensou! e falou.

- *Vou pegar a orelha dele e vou morder ele com muito esforço que eu tenho.* - falou o rato

Então o rato foi lá no cachorro, pegou a orelha dele e mordou com todos os esforços que ele tinha. O rato tentou, tentou e tentou mais não conseguiu morder ele porque o cachorro tem muita zona profunda. Então o rato decidiu de morder a orelha dele e resolveu a fazer uma outra ideia e falou

"O Cachorro e o Rato"

Há muito tempo atrás havia um cachorro triste com fome e chegando quando passou um rato com um pedaço de bolo. O cachorro triste chamou o rato e perguntou:

- *Onde você pegou esse pedaço de bolo?*

O rato ficou triste porque o cachorro estava sem nada para comer e

Então o rato ficou com fome e deu o seu pedaço para o cachorro ~~no~~ e falou assim:

- *Toma, pode ficar pra você.*

- *Obrigado!!* - disse o cachorro

- *Mas o que você vai comer?* - Perguntou o cachorro.

- *Eu peguei o teu pedaço* - respondeu o rato

- *Vou dividir com você* - disse o cachorro

- *Não precisa, pode ficar pra você* - disse o rato

Então o cachorro e o rato viraram amigos de verdade.

Moral da história: Temos que ajudar os pessoas que mais precisam, porque pode acontecer com a gente e eles ajudarem.

EDUCANDO 16

O Paulo e a Cenoura

Éra uma vez um Paulo que vivia no seu lago, um certo dia, uma senhora foi passar no lago ao lado. A senhora tinha um plantão de legumes: espinaçes, tomates, cenouras, xirup, beterraba. O Paulo muito esperto foi pegar algumas cenouras para comer no seu tabuleiro de madeira porém, a senhora ficou magoada.

As crianças começaram a sumir as cenouras e a Paulo ficou muito preocupado.

• A senhora viu, ele pegando suas cenouras e falou:

- Meu Paulo você não sabe mais ler, não sabe escrever!

- Como é isto uma bruxa?

- Não, minhas cenouras.

- Ela sumiu com?

A bruxa e o Paulo foram procurar as cenouras, a Paulo foi pro jardim e a bruxa foi seguir e Paulo pegou 4 cenouras e a bruxa e elas voltaram pra casa fizeram um bolo de cenoura enorme para todas as crianças da cidade.

moral: Não pegue nada que não te pertença

O Paulo e a Bruxa

Éra uma vez um Paulo que vivia no seu lago, um certo dia uma senhora foi passar no lago ao lado.

A senhora tinha um plantão de legumes com: espinaçes, tomate, cenoura, couve e beterraba.

O Paulo muito esperto adoeceu o plantão de legumes e foi pegar cenouras sem pedir a senhora que não era uma senhora e sim uma bruxa.

O Paulo com suas mãos levou de cenoura sem perceber e disse:

- Quebrado senhora nem vai sentir falta mesmo.

A bruxa foi ~~para~~ maldade seu plantão de legumes e disse: - tem alguma coisa de errado aqui.

O quinho estava surto de ter porque o Paulo soubera pegando as cenouras. A bruxa tirou o bolo para ao lado onde

o Paulo vivia e falou: O Paulo, O Paulo!

O Paulo com a sua boca levou de cenoura e falou: "oi disse".

- O que foi, senhora?

A bruxa desconfiou de senhora disse: sua boca está surta surto de cenoura, então é você o bolo de cenoura.

O Paulo todo assustado ficou sem dizer nada e a bruxa transformou ele em um bolo de cenoura.

moral: tudo tem uma consequência

A casa mal amarrada

2 Havia uma casa bem grande no meio do deserto só havia essa
 3 casa no deserto há muito tempo que ninguém entrava lá porque ela
 4 era de uma família muito estranha um belo dia duas meninas muito cu-
 5 riosas e elas entram dentro da casa e começaram a olhar a casa
 6 com muitas coisas estranhas aconteceu dentro da aquela casa a luz
 7 acabou e elas pegou umas velas que estava no armário as velas
 8 pareciam velas de aniversário elas acendem as velas e ficam na sala na
 9 meia noite quando foi 00:00 uma das velas apagou sem tanto ninguém
 10 elas acendem mais a vela apagada teve uma hora que todas as velas apagou
 11 e elas ficam na base bem assustadas teve uma hora que elas pegou
 12 no sono e quando acordou teve uma mulher e perguntou.

14 — VOCÊS TÊM UMA NOITE BOA

15 — NÃO ACONTECEU MUITAS COISAS

16 — EXTRAIAS A QUI

17 — NÃO DEVE SER IMAGINAÇÃO DE VOCÊ

18 — NÃO NÃO FOI

20 Então elas arrumam suas coisas pra ir embora logo depois de arru-
 21 -ma suas coisas pedem pra mulher bater uma gata delas pra elas
 22 lembrarem desse mal dia.

23 Depois Passam alguns meses e elas foi ver as gatas e tem
 24 uma coisa estranha no lado delas na gata uma menina então elas ficam
 25 si perguntando quem é essa menina então elas foram na internet pergun-
 26 -ta sobre a menina que estavam na gata então elas descobriram que a família
 27 da aquela menina tinha morrido a dez anos atrás e ela também morreu em um
 28 acidente de carro elas ficam muito assustadas e si despedem de lá indo
 29 na aquela estranha casa.

TÍTULO: GATA MANDONA

Havia uma gatinha muito desobediente que se atirava sobre todos os gatos da vizinhança. Ela tinha um gatinho de quatro meses que não mais usava a escola, essas quatro gatas desobedientes das outras gatas e todos que a gata mandona mandava as outras gatas fazer elas faziam tudo que ela queria, tudo isso só porque seu pai era dono da vizinhança e mais algumas coisas.

Um belo dia a gata mandona chamou todos os gatos da sala dela para ver um dos lugares que seu pai era dono, mas quando chegaram lá, encontraram o pai da gata que parecia o mesmo aparência a gatinha, mas os gatos não imaginavam que era uma gatinha de chocolate muito grande.

Os gatos ficaram muito surpresos com tudo que estava ali na frente delas então perguntaram gata mandona:

- ISSO TUDO É DO SEU PAI

- SIM, CLARO É MEU PAI

É UM DOS MELHORES, É O DE VOCÊS

NÃO É NADA

E no dia seguinte a gata mandona começou a discutir com as outras gatas. Então no outro dia as gatas se reuniram e planejaram um plano.

Quando chegou a hora de planejar todos chegaram em casa das gatas mandona e colocaram algumas delas. O diretor da vizinhança chamou alguns alunos na sala dele e comparou a situação sobre o que tinha acontecido todos falaram ao mesmo tempo foi, quando o diretor resolveu mandar todos para casa e eles foram muito obedientes.

Um belo dia, a gata mandona perdeu tudo que ela tinha e as outras que não tinha agora tem.

MORAL: NUNCA DE BOCHE DE QUEM

NÃO TEM NADA porque quando você não tem

as outras vão lá

O Leão e o Lobo

Era uma vez, um leão e o lobo.
 Um certo dia na floresta havia começado uma grande guerra do leão, e seus parentes
 contra o lobo e seus amigos mais o leão estava na floresta com seus parentes fazendo uma
 armadilha para os lobos então chegou a noite da guerra mais, se apareceu um lobo muito corajoso
 resolveu pela floresta pois não o leão e os seus colegas não usaram a armadilha dele mais o
 leão correu atrás desse lobo mais o lobo quis fugir imediatamente, mais sabia que jamais
 poderia vencer o leão na corrida então o leão correu correu até o lobo cansa ou leão o lobo até
 a misteriosa ruína dos lobos. Foi em direção a floresta mais rápido que pôde.
 porém, quando estava que o leão não o perseguisse, resolveu voltar com seus amigos
 voltar se achou de seus galhos de arvore esperando o próximo animal passar
 mais quem passou foi o leão e a sua ruína de lobo então começou a guerra
 então o leão falou - porque não que não que pega a floresta de mim ninguém e melhor que
 ninguém vámas sei amigos então os lobos acatou então parava foram em paz.

Moral da História: ninguém é melhor que ninguém não se
 deve pegar a que não é seu

O Leão e o Lobo

Um certo dia na floresta havia começado uma grande guerra do leão e
 seus parentes contra o lobo e seus amigos. O leão estava na floresta com
 seus parentes fazendo uma armadilha para os lobos. Quando chegou a
 noite da guerra, se apareceu um lobo muito corajoso na
 floresta, então o leão e os seus colegas não usaram a armadilha dele,
 mas o leão correu atrás desse lobo, e o lobo quis fugir imediatamente,
 porque sabia que jamais poderia vencer o leão na corrida.
 Então o leão correu correu correu até o lobo ficar cansado
 e para na entrada da misteriosa ruína dos lobos, porém,
 quando estava que o leão não o perseguisse, resolveu
 voltar com seus amigos.
 O leão se escondia atrás dos galhos de arvore esperando o
 próximo passar, e quem passou foi o lobo e a sua
 ruína, pois foram começar uma guerra, mas houve uma surpresa
 entre o leão e o lobo. Então o leão falou para o lobo:
 "por que quer pegar a floresta de mim?
 ninguém é melhor que ninguém. Vamos ser amigos?"
 O lobo acatou.

o lobo acatou e a floresta ficou em paz.

Moral da história: ninguém é melhor que ninguém,
 não se deve pegar a que não é seu.

O Leão e o Leão

Em uma selva um leão estava caçando e se deparou com um leão muito velho e leão logo se aproximou pelo leão. A leão foi um leão e o leão também foi para o lado do caçador e ficaram pensando naquela leão e falou: quando disse que eu não sei aquela leão de maris

O Leão e o Leão

O Leão e o javali

Em uma floresta, um jovem leão estava disputando uma corrida com um javali, um pouco menor que o leão que já era um pouco maior que com a família ainda em crescimento, os dois corriam para ver quem chegaria até um lago para beber água.

Então o leão disse:

- Você já não se cansar, hein, javali?

= Eu? Nada. É você que já tá até ficando sem fôlego

- É mesmo, é? - disse o leão que acelerou e deixou o javali lamentando por

O javali tentou alcançar o leão e quase conseguiu mas o javali ficou sem fôlego e perdeu a corrida. O javali ficou triste por perder a corrida, mas ficou feliz por beber a água do lago.

Então depois que beberam a água, o leão perguntou ao javali se ele queria correr novamente

- Quer apostar outra corrida?

- Se você aguentar

- É claro que sim

Então os dois começaram a correr até arriarem

Moral: A amizade vale mais que vitória

Era uma vez uma família que tinham vários animais e um gato e um rato. Um dia o rato não gostou de estar com a família e foi embora. O gato ficou triste e ficou procurando o rato por todo o lado. Um dia o gato encontrou o rato e ficou muito feliz. O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

significado: Capitulo na terra.

O gato e o rato

Era uma vez o gato e o rato. Eles moravam no mesmo lugar. Um dia o gato não gostou de estar com o rato e foi embora. O rato ficou triste e ficou procurando o gato por todo o lado. Um dia o gato encontrou o rato e ficou muito feliz. O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O gato não gostou de estar com o rato e foi embora. O rato ficou triste e ficou procurando o gato por todo o lado. Um dia o gato encontrou o rato e ficou muito feliz. O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O gato ficou triste e ficou procurando o rato por todo o lado. Um dia o gato encontrou o rato e ficou muito feliz. O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O gato ficou triste e ficou procurando o rato por todo o lado.

Um dia o gato encontrou o rato e ficou muito feliz. O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O gato ficou triste e ficou procurando o rato por todo o lado.

O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O gato ficou triste e ficou procurando o rato por todo o lado.

Um dia o gato encontrou o rato e ficou muito feliz. O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

O rato ficou muito feliz por ter encontrado o gato e ficou com ele para sempre.

Desobediência e o gato maluco

Uma mulher tem uma casa que tinha dois animais que era cachorro e o gato que tinha Brinca com Bola de Papel a dona faz da comida para os dois animais. Outro dia a mãe da mulher Brinda foi falar com a marmanhada na casa dela de uma malícia para ele falou que se eu estiver grande você vai ser papai e ele proibiu mal ela deu um remédio para ele e ela foi para casa com dois animais.

O gato e o Rato

O gato estava Brincando com a Bola de repente apareceu o rato na cozinha viu um queijo em cima da mesa.

Quando o Rato foi pegar o queijo a dona da casa apareceu ela pegou a varredura e correu atrás dele, mas não conseguiu pegar ele.

A dona chamou o gato para ele pegar o rato ele conseguiu pegar o rato e matar. Depois pegou o animal morto e foi jogar na lixa porque ela não aguentava ver o rato morto na casa dela.

O marido dela não queria que o gato matasse o Rato dentro de casa. Ele falou para o gato não voltar mais para dentro de casa.

O gato aprendeu a nunca mais fazer isso com Rato ele nunca mais voltou para casa da dona.

Moral da história: Nunca faça mal pelas pessoas e nem a ninguém.

Uma vez mais respondes Nathan e Veste

1 Uma vez mais respondes e João eles chegaram na cidade de papimiri
 2 eles era muito amigos tinha um Simão e tem uma casa
 3 estranha com barulho estranho e eles sentem ficarem
 4 curiosa de saber mas ninguém queria ir
 5 porque ele era muito feio e todos os dias de trabalho
 6 e deia já andar em papimiri falando com
 7 João quando tinha um amigo dele que se
 8 chama na matam ele era muito bonito e simpático
 9 da cidade gostava de ele era uma pessoa muito
 10 legal se com o dyson e ele era com a outras
 11 pessoas da casa muito altas dele queria
 12 ir lá na casa de soure estranha com o dyson
 13 e queria mais o dyson tinha muito medo
 14 então falou que estava procurando mais
 15 Nathan era muito legal com eles e o dyson
 16 quando ele viu si ele está indo na casa de soure
 17 estranha chegou lá e eles estavam barulho estranho
 18 ai eles entraram na casa viu um monte de pato e João
 19 ficou assustado quando ele chegou vai da casa
 20 e Nathan deitou sem medo de supremente
 21 e o soure estranha sentiu e perguntou quem está aí
 22 e eles na sala quando eles estavam já com os amigos
 23 e perguntou que vocês estão fazendo aqui os amigos
 24 eles não fazem desculpa soure não faz nada com
 25 a gente aqui e João falou que dyson ele fez coisa
 26 de matar e ai o soure falou tudo bem amigos
 27 agora vou fazer comida com vocês não esse aqui
 28 e uma impressão ruim e a sim e Nathan
 29 ficou muito feliz porque era o pai dele que estava
 30 de novo e se resolveu tudo.

Caral.

INIB.

M. 111111

111.

Macaco e a Preguiça

Uma vez o macaco apaixonou-se pela preguiça. A preguiça e o macaco tinham muita vergonha de falar, com a preguiça porque ela era muito gata e assim chegou o dia que ele queria falar com ela no momento da mãe dela.

- Oi, preguiçola.

- Oi.

- Tudo bom?

- Tudo é bom?

- Não bem.

- Que bem!

Macaco tem muita vergonha porque por ele pesar um pouco, dá-gua, ela falou disse que eles era

O macaco queria muito falar com a mãe daquela de ele de novo: "ninguém é melhor que ninguém".

macaco queria dela e se apaixonou por ela aquela preguiça deu em amor dele porque. Então muito bonito, por ele se apaixonou porque pela que ele queria.

moral da história: o mundo é igual ~~mas~~ há de gente em cima e há de gente em baixo.

O Gato e o Leão

Era uma vez um gato e o leão e o gato estava em uma fazenda e ele estava sozinho lá e chegou o leão e começou a brincar com o gato e o gato ficou com bastante medo e começou a correr e assim o leão também começou a correr atrás dele e conseguiu alcançar o gato e começou a bater e morder o gato mas queria largar o gato e assim que ele largou o gato saiu correndo e o gato ficou de lado de uma árvore todo machucado e triste mais não tão triste que estava pensando queria tanto um amigo e assim ele saiu de lado da árvore e foi andar pela fazenda e quando ele chegou lá na frente ele encontrou um ratinho e ele falou olá! poderíamos ser amigos e o ratinho respondeu si sim poderíamos ser amigos e eles foram andar pela fazenda e encontraram mais um ratinho e ficaram os três andando pela fazenda e ex na frente deles encontraram o leão e o leão veio aqui encontro dele e assim que o leão chegou perto deles eles caíram correndo e o leão correu atrás deles e não conseguiu alcançar eles e eles parou e os ratinhos perguntou para o gato o por que corremos e o gato respondeu por isso está vendo estes machucados aqui e os ratinhos respondeu si sim então foi o leão que me machucou ele correu atrás de mim e conseguiu me pegar e me machucou todo e os ratinhos respondeu meu Deus, eles continuou andando pela fazenda e o leão estava andando atrás deles e eles continuou andando e o leão gritou ou ou ou ou ou para ele queira falar com você e o gato falou vamos para e eles respondeu si e leão falou o gato me perdoe por tudo que eu fiz com você e o gato respondeu leão ela meu corpo como esta você me machucou todo e os ratinhos falou gato perdoe ele e o gato perdoe o leão e assim foram felizes um com o outro e todos foram amigos e eles foram todos para a fazenda vizinha e eles ficaram todos brincando e eles foram andando ex pra cima e eles correndo eles encontraram umas árvores e duas árvores e essas árvores era pl de fruta e tinha pl de manga, pl de laranja e pl de tangerina e eles começaram a comer e assim fim de uma história feliz.

A Gata e a colíria.

Era uma vez uma gata e essa gata estava grávida. Veio a colíria e perguntou:

- Oh, você está grávida?

- Sim, eu estou grávida? a gata respondeu:

- Meu Deus! Você é tão bonita e está grávida!

E a gata falou:

- Sim, eu estou grávida e, do mesmo jeito que eu sou bonita, minhas filhas vão nascer bonitas também.

A colíria falou:

- Espere que elas nasçam bonitas porque elas também podem nascer feias.

- Um belo dia, a gata estava deitada na pista com muita dor, e veio a colíria e falou:

- Posso te fazer uma pergunta?

A gata disse:

- Sim

E a colíria perguntou:

- Por que você está aí?

A gata respondeu:

- Estou com dor.

A colíria ajudou a gata se levantar e elas foram andando, mas a gata parou e as filhas dela nasceram, e na mesma hora, a colíria perguntou:

- Posso ser madrinha das suas filhas?

A gata respondeu

- Sim

E elas foram felizes

* Moral da história: temos que ajudar todos para termos felizes. Temos que ajudar o próximo mas criticar

A discussão da Raposa e o Cachorro

Há muito tempo atrás em um lago muito distante havia um cachorro que estava deitado quieto. E a Raposa veio perturbando e implicando o cachorro não gostou nada do que ele tentava fazer e decidiu ir falar com a raposa. E o cachorro fala

- Você vai ficar implicando eu não tenho que tomar uma providência. e a Raposa fala
- Você tá ensinando que vai brigar comigo e isso.
- não sou briga não é melhor agente conversar por que briga não faz nada de nada tá
- em tão cachorro nós dois vamos falar!

e no final a raposa e o cachorro ficaram

A discussão entre a Raposa e o Cachorro

Há muito tempo atrás em um lago muito distante havia um cachorro que estava deitado quieto, quando veio uma raposa implicando, com ele mais o cachorro não gostou nada do que a raposa estava fazendo e decidiu ir falar com ela.

- Você vai ficar perturbando? Eu não tenho que tomar uma providência.
- Você tá ensinando que vai brigar comigo, é isso?
- não, Raposa. Briga não leva a nada. E a gente briga, um dois dois vai sair machucado.
- Então vamos parar de discutir.

Depois desse dia, o cachorro e a Raposa não brigaram e eles decidiram juntos todos os animais do lago fazer um piquenique e todos foram, fizeram uma festa e ficaram muito felizes.

A Raposa decidiu mudar porque não leva a nada brigar e ficar desentendo.

Moral da história: Que não leva nada brigar que se vai sair machucado

